



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MAISA DOS SANTOS

**NEM TUDO QUE RELUZ É OURO: DOS SÍMBOLOS COLONIAIS DA SERRA DO
LENHEIRO PARA A SUA PERCEPÇÃO AMBIENTAL**

**Uberlândia
2024**

MAISA DOS SANTOS

**NEM TUDO QUE RELUZ É OURO: DOS SÍMBOLOS COLONIAIS DA SERRA DO
LENHEIRO PARA A SUA PERCEPÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Educação Geográfica e Representações Sociais.

Orientadora: Profa. Maria Beatriz Junqueira Bernardes.

**Uberlândia
2024**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 2024	<p>Santos, Maisa dos, 1993- NEM TUDO QUE RELUZ É OURO: DOS SÍMBOLOS COLONIAIS DA SERRA DO LENHEIRO PARA A SUA PERCEPÇÃO AMBIENTAL [recurso eletrônico] / Maisa dos Santos. - 2024.</p> <p>Orientador: Maria Beatriz Junqueira Bernardes. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Geografia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.187 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Geografia. I. Bernardes, Maria Beatriz Junqueira, 1967-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Geografia. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 910.1</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

28/02/2024, 15:59

SEI/UFU - 5180668 - Ata de Defesa - Pós-Graduação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H35 - Bairro Santa Monica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4381/3291-6304 - www.ppggeo.ig.ufu.br - posgeo@ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	GEOGRAFIA				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico; Número 555, PPGGEO				
Data:	28 de fevereiro de 2024	Hora de início:	14h:00m	Hora de encerramento:	15h45
Matrícula do Discente:	12212GEO012				
Nome do Discente:	MAÍSA DOS SANTOS				
Título do Trabalho:	NEM TUDO QUE RELUZ É OURO: DOS SÍMBOLOS COLONIAIS DA SERRA DO LENHEIRO PARA A SUA PERCEPÇÃO AMBIENTAL				
Área de concentração:	DINÂMICAS TERRITORIAIS E ESTUDOS AMBIENTAIS				
Linha de pesquisa:	EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se na Sala 14 [On-line], no Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em GEOGRAFIA, assim composta: Professores Doutores: [Roberto Barboza Castanho - UNIPAMPA-RS](#); [Ângela Fagna Gomes de Souza - IG - UFU](#) e [Maria Beatriz Junqueira Bernardes - IG/UFU](#) orientador(a) do(a) candidato(a). A Defesa aconteceu de forma remota.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). [Maria Beatriz Junqueira Bernardes - IG/UFU](#), apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

28/02/2024, 15:59

SEI/UFU - 5180668 - Ata de Defesa - Pós-Graduação



Documento assinado eletronicamente por **Maria Beatriz Junqueira Bernardes, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/02/2024, às 15:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Barboza Castanho, Usuário Externo**, em 28/02/2024, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Angela Fagna Gomes de Souza, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/02/2024, às 15:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5180668** e o código CRC **9A7DA154**.

Referência: Processo nº 23117.009581/2024-19

SEI nº 5180668

MAISA DOS SANTOS

**NEM TUDO QUE RELUZ É OURO: DOS SÍMBOLOS COLONIAIS DA SERRA DO
LENHEIRO PARA A SUA PERCEPÇÃO AMBIENTAL**

Data: 28 de fevereiro de 2024.

Resultado: Aprovada.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria Beatriz Junqueira Bernardes (Orientadora)

Dra. Angela Fagna Gomes de Souza (IG/UFU)

Dr. Roberto Barboza Castanho (UNIPAMPA)

**Uberlândia
2024**

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Nossa Senhora da Conceição Aparecida pela senhora está comigo nesta caminhada! Sem a sua presença esse sonho não seria possível.

Mãe, você sonhou comigo um sonho que a senhora nem imagina o que pudesse ser. Mas você confiou em mim em todos os momentos. Mãe, eu te amo e te admiro muito, quando crescer quero ser igual a você.

Pai, a sua simplicidade e seus sorrisos fazem minhas noites longe muito felizes, te amo.

As minhas irmãs Marina, Marise e Maraisa, essa conquista é para vocês. Vocês são a luz da minha vida, amo vocês.

A minha querida amiga Lorena, meu muito obrigada por seus incentivos e por acreditar em mim. E pode acreditar, estamos sempre juntas.

A minha amiga Mariana, meu muito obrigada por confiar em mim para ficar no seu quarto e fazer dele meu. Assim como o quarto, partilhamos muitos sonhos.

Aos meus amigos cefetianos que são parte da minha vida Maria Vitória, Karla, Leo, vocês são pessoas incríveis e admiro cada um de vocês. E a minha amiga Lauren, obrigada pelo clube da Luluzinha.

Agradeço a toda Equipe ALA e a Família Guimarães, por deixar eu contar a história de vocês, sem dúvida, este trabalho tem mais amor e empatia com a história de vocês.

Agradeço também ao Marcelo, por ter ministrado a roda de conversa juntos aos professores. E que seja, o começo de uma bela parceria pela educação e pela conservação da Serra do Lenheiro.

Agradeço aos docentes da Escola Estadual Professor Iago Pimentel, por acolher minha pesquisa. Espero retribuir com um trabalho que possa contribuir para rica educação que vocês oferecem aos alunos.

A professora Dra. Maria Beatriz Junqueira Bernardes, minha orientadora, agradeço pelas orientações e por acolher meu trabalho, além de me apresentar o método da fenomenologia. Pois o meu trabalho nasce a partir dele.

Aos professores das bancas Dra. Angela Fagna Gomes de Souza e Dr. Roberto Barboza Castanho, obrigada pelos olhares técnicos e, principalmente, empático sobre nosso trabalho. Material este construído sobre as orientações de vocês.

Agradeço à secretaria do PPGEU/UFU, pela disponibilidade e pelo comprometimento profissional.

Agradeço a Elisa, pelas correções ortográficas e gramaticais realizadas no meu trabalho.

Agradeço a todos os envolvidos na construção desta pesquisa, principalmente os grupos que acompanhei na Serra do Lenheiro.

E, por fim, agradeço a Deus pela criação da natureza, em especial, a Serra do Lenheiro que é um dos meus lugares neste mundo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

Amor e fé!

*“O importante não é o que fazem de nós, mas sim aquilo que nós
fazemos do que fizeram de nós.”*

Jean- Paul Sartre (1905-1980).

RESUMO

Os estudos que buscam compreender a relação entre o ambiente e os seres humanos vem, a cada vez mais, ganhando espaço nas pesquisas acadêmicas. Sendo a percepção ambiental um dos caminhos viáveis para compreender a relação entre o ser humano e o meio que se estabelece no *espaço*. Por este motivo, a percepção ambiental é a base teórica para a construção desta pesquisa, que teve como objetivo geral compreender os significados atribuídos aos elementos culturais que compõem a paisagem da Serra do Lenheiro, São João del-Rei (MG) e, como objetivos específicos: (1) descrever os elementos simbólicos e seus significados na Serra do Lenheiro; (2) Analisar as percepções dos professores sobre a Serra do Lenheiro; (3) Identificar os anseios dos docentes sobre a implantação de projeto sobre Educação Ambiental na escola. Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, ficou estabelecido que para tal, o método escolhido foi a fenomenologia, trabalhando junto com os conceitos da Geografia Cultural Humanista para interpretação geográfica da categoria de análise selecionada (Lugar e Paisagem). Na busca por conhecer o Lugar na Serra como um ambiente vivido, o qual pode ser reconhecido com um símbolo carregado de significados. E, a partir da interação estabelecida entre a população local e os elementos da Serra, defendê-la como um símbolo carregado de significados, histórias, crenças e lendas na paisagem do município supracitado. Assim, para abordar os anseios da pesquisa, a dissertação estruturou-se em cinco seção. A Seção II, constitui-se como o referencial teórico, apresentando os conceitos de análise da pesquisa: *lugar e paisagem*. Na Seção III, o conceito de *polivocalidade* (Corrêa, 2007) foi aplicado à paisagem da Serra do Lenheiro; já a Seção IV, trabalha o conceito de *lugar* na paisagem serrana do Lenheiro, através da interação dos grupos. E, por fim, a Seção V apresenta a metodologia da entrevista semiestruturada, aplicada aos participantes da pesquisa; neste momento, selecionamos os professores do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Professor Iago Pimentel e a coordenador (a) pedagogo(a) da escola, a fim de verificar quais as percepções, atitudes e valores que os docentes têm com relação à Serra do Lenheiro.

Palavras-chave: Percepção Ambiental; Polivocalidade; Serra do Lenheiro; Educação Ambiental.

ABSTRACT

The studies aiming to understand the relationship between the environment and humans have been increasingly gaining prominence in academic research. Environmental perception is considered one of the viable paths to comprehend the connection between humans and the environment in a given space. For this reason, environmental perception serves as the theoretical foundation for the construction of this research, with the overall objective of understanding the meanings attributed to cultural elements comprising the landscape of Serra do Lenheiro, São João del-Rei (MG). The specific objectives include: (1) describing symbolic elements and their meanings in Serra do Lenheiro; (2) analyzing teachers' perceptions of Serra do Lenheiro; (3) identifying teachers' aspirations regarding the implementation of an Environmental Education project in the school. To achieve the outlined objectives, the chosen method is phenomenology, complemented by concepts from Humanistic Cultural Geography for the geographical interpretation of the selected analytical category (Place and Landscape). In the pursuit of understanding the Place in Serra as a lived environment, recognized as a symbol laden with meanings, the research explores the interaction between the local population and the elements of Serra, advocating it as a symbol rich in meanings, stories, beliefs, and legends in the landscape of the aforementioned municipality. To structure the dissertation and fulfill the established objectives, it is organized into five sections. The Section II serves as the theoretical framework, presenting the research analysis concepts: Place and Landscape. In Section III applies the concept of polyvocality (Corrêa, 2007) to the landscape of Serra do Lenheiro, while Section IV explores the concept of Place in the mountainous landscape of Lenheiro through group interaction. Finally, the Section V presents the methodology of the semi-structured interview applied to participants, focusing on teachers from the Secondary School of Professor Iago Pimentel and the school's pedagogical coordinator. The aim is to examine the perceptions, attitudes, and values that educators hold regarding Serra do Lenheiro.

Keywords: Environmental Perception; Polyvocality; Serra do Lenheiro; Environmental Education.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS, MAPAS E GRÁFICOS

Figura 1. Mapa de localização da área de estudo- Serra do Lenheiro	17
Figura 2. Relação entre Emoção e Pensamento por meio da Experiência Humana	36
Figura 3. Foto panorâmica original de São João del-Rei em 1910, com destaque para a Serra do Lenheiro ao fundo, foto de André Bello	47
Figura 4. Fotografia adaptada de André Bello - São João del-Rei, 1910	47
Figura 5. Canal dos ingleses	51
Figura 6. Placa encontrada na trilha para acesso ao sítio arqueológico, instalada pelo 11º Batalhão de Infantaria de Montanha do Exército	56
Figura 7. Pinturas rupestres	57
Figura 8. Muro de Pedra. Um pequeno trecho do muro que fica localizado próximo ao bairro Senhor dos Montes, em toda a paisagem da Serra existe resquícios do muro de pedra	60
Figura 9. Bêtas	61
Mapa 2. Complexo da Serra do Lenheiro	62
Mapa 3. Símbolos criados na paisagem serrana do Lenheiro	63
Figura 12. Poço de Esgoto a céu aberto	64
Figura 13. Cicatriz do fogo na vegetação da Serra do Lenheiro	65
Figura 14. Entulho da construção civil e lixo urbano	66
Figura 15. Placa sinalizando a existência do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro	66
Figura 16. Cartaz do Museu Regional de São João Del-Rei	69
Figura 17. Trilha de acesso as pinturas rupestres	69
Figura 18. Visitante registrando a paisagem da Serra do Lenheiro através da fotografia	70
Figura 19. Passeio do Café de Graça - Visitantes próximos a cachoeira da Macumba	70
Figura 20. Encontro do Grupo do Cafeína com ciclista que passeavam pelas trilhas da Serra	71
Figura 21. Alvelos presente na rocha da caverna	72
Figura 22. Marca de onda presente na rocha	72
Figura 23. Paisagem da Serra do Lenheiro para o Ensino Básico	73
Figura 24. Paisagem da Serra do Lenheiro para o ensino básico, superior e a comunidade em geral	75
Figura 25. Escalada no Morro dos Três Pontões	76
Figura 26. Escalada em Boulder	77
Figura 27. Turma da Corda	78
Figura 28. Equipe ALA no Morro da Cruz	80
Figura 29. Morro da Cruz	81
Figura 30. Equipamento da Equipe ALA	83
Figura 31. Registro do passeio da Equipe ALA, nas pinturas rupestres	88
Figura 32. Triciclo adaptado no Morro da Cruz	89
Figura 33. Visita ao Morro da Cruz pela equipe ALA no dia 16/07/2023	89
Figura 34. Visita ao Morro da Cruz pela equipe ALA no dia 06/05/2023	90
Figura 35. Registro do triciclo adaptado em uma das trilhas da Serra do Lenheiro	90
Figura 36. Equipe ALA na trilha de acesso ao Morro da Cruz	91
Figura 37. Família Guimarães no Morro da Cruz	92
Figura 38. Relação entre Emoção e Pensamento por meio da Experiência Humana	93
Figura 39. Cruzeiro do Senhor dos Montes	98
Figura 40. Cruzeiro do Senhor dos Montes	99
Figura 41. Colheita da Arnica na Serra do Lenheiro	100
Figura 42. Mercado Municipal de São João Del-Rei	101
Figura 43. Arnica embalada para venda no mercado municipal	101
Figura 44. Pé de Arnica na Serra do Lenheiro	102
Figura 45. Via Sacra do Senhor dos Montes	103
Figura 46. Oferenda na beira da água	104
Figura 47. Oferenda na trilha	105
Figura 48. Dama de Pedra	106
Figura 49. Mapa 4. Localização dos pontos de interação entre os grupos e a natureza criando o conceito de lugar.....	109
Mapa 5. Diagrama com os pontos visitados na Serra do Lenheiro	110
Mapa 6. Localização da E.E.P.I.P dentro do complexo da Serra do Lenheiro.....	115
Figura 52. Roda de conversa com o corpo docente da E.E.P.I.P	117
Figura 53. Apresentação da Serra do Lenheiro aos docentes feito por convidado	118

Figura 54. Mural com fotografia dos grupos na Serra do Lenheiro exposto durante a roda de conversa	119
Gráfico 1. Sexo do participante da pesquisa.....	120
Tabela 1- Faixa etária dos participantes da pesquisa.....	120
Tabela 2- Área de formação acadêmica dos participantes.....	121
Tabela 3- Área de especialização dos participantes.....	122
Gráfico 2. Tempo de atuação na docência.....	122
Gráfico 3. Tipo de evento com participação dos professores nos últimos dois anos.....	123
Quadro 1. Percepção do participante sobre a Serra do Lenheiro; e o que está significando para a cidade de São João Del Rei.....	124
Quadro 2. Trechos extraídos dos significados atribuídos pelos participantes da pesquisa a paisagem da Serra do Lenheiro e que ressaltam a diversidade simbólica da construção da paisagem da Serra do Lenheiro.....	128
Quadro 3. Memórias afetivas expressadas sobre a paisagem da Serra do Lenheiro.....	129
Quadro 4. Percepções positivas e negativas da Serra do Lenheiro.....	130
Gráfico 4. Percepção do entrevistado sobre o ambiente natural, histórico e cultural da Serra do Lenheiro.....	134
Gráfico 5. Percepção do participante da pesquisa sobre a estrutura atual da Serra do Lenheiro.....	135
Gráfico 6. Concepção dos entrevistados sobre os problemas socioambientais na Serra do Lenheiro e em torno da sua paisagem.....	135
Gráfico 7. Percepção dos participantes, sobre a necessidade da elaboração do material didático.....	137
Gráfico 8. Como a Universidade poderá contribuir para uma formação continuada aos participantes da pesquisa.....	137
Tabela 4- Trabalhou ou trabalha atualmente com algum projeto sobre a Serra do Lenheiro na escola.....	138
Quadro 5. Detalhamento dos projetos/atividades desenvolvidos na escola com a Serra do Lenheiro.....	138
Quadro 6. Temas propostos pelos participantes, para serem trabalhados em um projeto de Educação Ambiental na E.E.P.I.P.....	140
Quadro 7. A Serra do Lenheiro como o quintal de casa para os participantes da pesquisa.....	144

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 BASES CONCEITUAIS	20
2.1.1 <i>Fenomenologia</i>	20
2.1.2 <i>Espaço, paisagem e lugar</i>	25
2.1.3 <i>Semiótica</i>	29
2.1.4 <i>Percepção Ambiental no Contexto Geográfico</i>	34
2.2 METODOLOGIA	39
2.2.1 <i>Análise das Atitudes</i>	40
2.2.2 <i>Análise das avaliações ambientais</i>	41
2.2.3 <i>Análise dos Significados</i>	42
3. O CONCEITO DE POLIVOCALIDADE APLICADO À PAISAGEM DA SERRA DO LENHEIRO	44
3.1 A HISTÓRIA MATERIALIZADA NA PAISAGEM DA SERRA DO LENHEIRO	44
3.2 O CONTEXTO HISTÓRICO DA PAISAGEM DE SÃO JOÃO DEL-REI	46
3.2.1 <i>A Construção de um Símbolo na Paisagem</i>	54
3.2.2 <i>Serra do Lenheiro e seus Símbolos</i>	56
3.3 PAISAGEM SERRANA DO LENHEIRO	64
3.4 A PAISAGEM DO LENHEIRO NA PERSPECTIVA DE EXPERIÊNCIA DOS GRUPOS	68
3.4.1 <i>A Paisagem do Lenheiro para o Turista</i>	68
3.4.2 <i>A Paisagem do Lenheiro para o Ensino</i>	72
3.4.3 <i>A Paisagem do Lenheiro para as Práticas Esportivas</i>	76
4. A PAISAGEM DO LENHEIRO CONSTRUÍDA POR LUGARES	81
4.1 CRIAÇÃO DE UM <i>LUGAR</i> NA <i>PAISAGEM</i> DA SERRA DO LENHEIRO PARA A EQUIPE ALESSANDRO PINHO, LUIZ ALVES GUIMARÃES E ALEX OLIVEIRA (EQUIPE ALA)	81
4.2 MORRO DA CRUZ, UM <i>LUGAR</i> DE TRANSFERÊNCIA DE SENTIMENTOS DA FAMÍLIA GUIMARÃES	92
4.3 CRUZ DO SENHOR DOS MONTES, UM LUGAR SAGRADO	98
4.4 O LUGAR NA PAISAGEM DA SERRA DO LENHEIRO PARA AS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS	104
4.5 O ESPAÇO MÍTICO E O LUGAR NA SERRA DO LENHEIRO	106
5. VALORES, ATITUDES E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À SERRA DO LENHEIRO	114
5.3 ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA SERRA DO LENHEIRO	124
5.3.1 <i>Análise dos Significados</i>	124
5.3.2 <i>Análise das Avaliações Ambientais</i>	134
5.3.3 <i>Análise das Atitudes</i>	137
5.4 APONTAMENTOS DA ESTRUTURA DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A E.E.P.I.P, DE ACORDO COM A PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	150
ANEXOS	162

INTRODUÇÃO

Tudo tem um início. A ideia de realizar um estudo sobre a percepção ambiental da Serra do Lenheiro nasceu de três Iniciações Científicas (IC), desenvolvidas ao longo da Graduação. Em cada uma delas, foi possível conhecer e identificar a grandeza ambiental, cultural e histórica da Serra do Lenheiro para o Município de São João del-Rei, em Minas Gerais.

A primeira pesquisa realizada na Serra do Lenheiro iniciou-se em agosto de 2018, e tinha como objetivo identificar a geomorfologia da área. Intitulada de “Patrimônio Geomorfológico na Serra do Lenheiro, São João del-Rei”, ela demonstrou que a Serra tinha um relevo riquíssimo e apresentava significativos mirantes que poderiam ser explorados pelo turismo ecológico e para o ensino de disciplinas, como: Geologia, Geomorfologia e Pedologia (Figueiredo; Santos 2018).

Já a segunda Iniciação Científica, no ano de 2019, intitulou-se “Valorização Geopatrimonial dos Resquícios da Mineração Pretérita Existentes na Serra do Lenheiro, São João del-Rei, Minas Gerais”, e procurou identificar na Serra os resquícios da mineração durante o Período Colonial. Neste estudo, ficou comprovado que na paisagem da Serra existe um patrimônio que conta parte da história dela e do município de São João del-Rei. Na paisagem, foram identificados elementos como “bêtas” que são túneis escavados para encontrar o ouro, o canal dos ingleses usado para lavar o ouro e os muros de pedra, construídos ao logo do relevo da Serra, entre vários outros elementos (Figueiredo; Santos 2019).

Ao defender a preservação destes elementos, também contamos a história da chegada da população preta no Brasil, por meio da escravidão. Esses aspectos contribuem para representação do que foi o Período Colonial na região; história essa que vem sendo negada e apagada ao longo dos séculos. Assim, trazer esses debates ao conhecimento da população é fundamental para compreendermos as raízes da nossa formação social e territorial brasileira, além de desmistificar toda uma estrutura de preconceitos. Porém, o que víamos é que os estudos acerca desses elementos na paisagem da Serra ainda eram escassos ou pouco divulgados.

Dito isto, foi a partir desse cenário que a presente pesquisa começou a ser pensada. Pois, assim como na Alemanha, que existem museus que falam do Holocausto (1933-1945); na África do Sul, os museus que tratam do Apartheid (1948-1994); a Serra do Lenheiro precisa ser um museu a céu aberto, trazendo à tona o que foi o período da escravidão, para que isso nunca mais volte a ocorrer e, principalmente, para conhecermos as origens dos massacres da população preta em nosso território.

Já no ano de 2020, a última Iniciação Científica a qual os resultados foram apresentados como trabalho de conclusão de curso em Geografia pela Universidade Federal de São João del-Rei, buscava avaliar o potencial geoturístico da Serra, intitulada “Avaliação do potencial geoturístico da Serra do Lenheiro, São João del-Rei”; o geoturismo é um segmento do turismo que busca compreender e interpretar as questões do meio abiótico, além da contemplação da paisagem, leva o público leigo a ter o entendimento da geologia e geomorfologia dos geossítios visitados. Na análise dos dados desta IC, a Serra do Lenheiro demonstrou ótimos resultados para sua exploração como um geoparque (Figueiredo; Santos 2020).

Entretanto, foi identificado a falta de estrutura para o turismo e as degradações ambientais que a Serra vem sofrendo ao longo dos anos, pondo-a em risco de conservação, mesmo existindo dentro da área de estudo a delimitação do Parque Ecológico Municipal Serra do Lenheiro, criado em 1998, bem como o seu tombamento para efeito de preservação paisagística em 1988. Ainda assim, o risco de degradação do espaço serrano é muito alto. Nas trilhas da Serra, por exemplo, existe fortes erosões provocadas por veículos motorizados que tem acesso à Serra. Além disso, as queimadas no período da seca também são frequentes, fator que coaduna com outro problema, uma vez que o espaço físico da Serra faz limite com a área urbana de São João del-Rei, o que provoca a exposição aos problemas antrópicos como esgoto a céu aberto, loteamento próximo à unidade de conservação, entre outros.

Mesmo com a criação do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro, por meio da lei municipal 3356/1998, de 01 de abril 1998, com área de 2.075.000m², bem como a zona de amortecimento de 4.973.13 ha. O parque ainda não funciona como uma unidade de conservação, 25 anos depois da lei municipal ter delimitado a área do lugar, ainda não existe um plano de manejo da área, o que dificulta qualquer ação voltada para sua conservação.

A proposta de implantação do parque minimizaria, por sua vez, os impactos ambientais e evitaria a contaminação dos rios com esgoto a céu aberto, o que seria uma solução tanto para a população local como para o ambiente natural da Serra, entre vários outros benefícios como guarda-parque, estrutura para o turismo, além do principal interesse que é a conservação da Serra do Lenheiro.

Assim, diante o exposto, a questão que foi levantada e que se pretendeu, através desta pesquisa responder, é a seguinte: “É possível aplicar o conceito de polivocalidade a paisagem da Serra do Lenheiro?”, para isto as seguintes hipóteses foram pensadas:

(H1) A paisagem da Serra do Lenheiro é construída de símbolos;

(H2) Existe Lugares carregados de significados, sentimentos, crenças e histórias que constituem a paisagem da Serra do Lenheiro;

(H3) A Paisagem da Serra do Lenheiro desperta diferentes percepções ambientais.

Para solucionar este problema, esta pesquisa busca na base fenomenológica o método para compreender as relações estabelecidas ao longo dos séculos, entre Serra do Lenheiro e a população sanjoanense, com o intuito de transformar o objeto de estudo em um símbolo carregado de significado, justificando a necessidade da sua conservação e preservação dos seus elementos que compõe a paisagem da Serra.

Os conceitos trabalhados para construção desta pesquisa foram os propostos pela Geografia Cultural Humanista, que buscam compreender o lugar como um espaço cheio de simbologias e sentimentos, agregados pelo sujeito ou por um grupo ao longo dos anos. Desse modo, a visão humanista volta o seu olhar para uma paisagem simbólica. Nela, estão presentes não só a materialidade da cultura e da natureza, mas também os sentimentos, os valores em relação às paisagens.

A Geografia Humanista trabalha com a experiência, ou seja, o espaço vivido e experienciado, na busca por emoções vividas e, principalmente, pelos valores que o indivíduo adquire no cotidiano. A partir deste ponto, a pesquisa escolheu a percepção ambiental como conceito orientador para estruturar o desenvolvimento desta dissertação.

Neste aspecto, um dos principais autores a ser trabalhado nesta pesquisa é Yi-Fu Tuan com seu livro *Topofilia* – um estudo sobre percepção, atitudes e valores do meio ambiente – publicado pela primeira vez em 1974. Neste livro, o autor tem uma questão fundamental: a topofilia. Ou seja, que é compreender a maneira pela qual os seres humanos respondem ao seu ambiente físico à percepção que dele têm e o valor que nele colocam.

Assim, para desenvolvimento desta pesquisa, a mesma foi estruturada da seguinte forma: A seção II, constitui-se do referencial teórico da dissertação, apresentando o conceito do método escolhido e os pilares que orientam o desenvolvimento deste trabalho, que são os princípios da Geografia Cultural – Humanista, tendo como categoria de análise a *paisagem* e o *lugar*, para aplicar na área de estudo os conceitos de símbolos, significados e a percepção ambiental. Com o intuito de alcançar este objetivo, utilizamos a cultura como base. Como descreve Tuan (2012, p. 44), “os significados de muitos símbolos são orientados pela cultura”.

Na seção III desta dissertação, foi aplicado o conceito de *polivocalidade* à paisagem da Serra do Lenheiro e a seção IV apresentou o conceito de *lugar* através da interação dos grupos com a paisagem serrana do Lenheiro.

E, por fim, a seção V, teve como objetivo entender as percepções dos professores sobre a Serra do Lenheiro, com o intuito de perceber como a Serra do Lenheiro tem sido trabalhada em sala de aula, ou seja, descobrindo os significados, valores e atitudes diante da paisagem serrana do Lenheiro, a partir do participante da pesquisa. De forma a alcançar este objetivo, este trabalho buscou ter como participante da pesquisa o corpo docente da Escola Estadual Professor Iago Pimentel, que leciona no Ensino Fundamental II. Esta seção também buscou identificar os anseios dos docentes sobre a implantação de um projeto acerca da Educação Ambiental na escola. Pois existe a perspectiva de propor aos professores da Escola Estadual Professor Iago Pimentel, a implantação de um projeto sobre Educação Ambiental na instituição.

Logo, o que justificou a realização desta pesquisa foi a busca pela conservação e a valorização da Serra do Lenheiro, advindo da sua importância histórica, cultural e ambiental apresentada à sociedade sanjoanense; para a sociedade civil em geral, a presente dissertação buscou a divulgação da Serra do Lenheiro, uma vez que o conhecimento sobre está, pode contribuir para a conservação do ambiente natural da Serra (rios, rochas, solos, fauna e flora), com o objetivo de ter um ecossistema equilibrado, proporcionando bem estar para a vida humana e para a natureza.

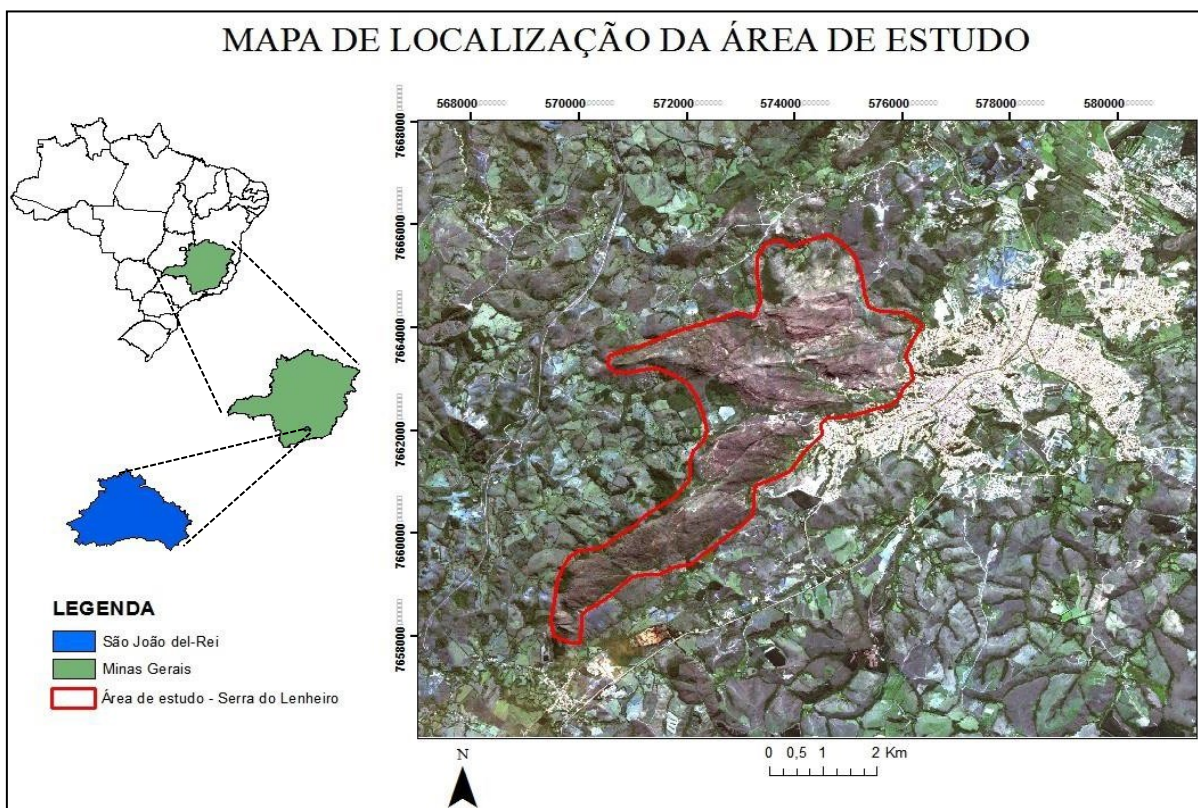
Já o intuito de desenvolver a pesquisa junto ao corpo docente da Escola Estadual Iago Pimentel, justificou-se pelo trabalho em conjunto em prol da conservação da Serra, e para o aprendizado dos alunos em sala. Ao desenvolver um projeto de Educação Ambiental na escola sobre a Serra e outros temas da área social e ambiental, o objetivo é que o projeto possa contribuir para o ensino em sala de aula e, sobretudo, colaborar com a formação do aluno como cidadão, uma vez que o projeto busca refletir o meio em que o aluno está inserido, abordando temas, como: formação do município de São João del-Rei; natureza; sustentabilidade; consciência histórica; além de apresentar ao discente a cultura local, já que a Serra é palco de diversas manifestações culturais.

Contudo, esta pesquisa ainda se amparou na relevância que a Serra do Lenheiro tem para a cidade de São João del-Rei e para a sociedade civil em geral, e, mesmo diante da sua grandeza, essa ainda tem sido pouco estudada na área acadêmica. A presente pesquisa buscou, portanto, contribuir para divulgação científica da Serra do Lenheiro, e, no contexto geográfico, promover os temas sobre percepção ambiental, paisagem, lugar, símbolos e significados.

A Serra do Lenheiro, área de estudo (figura 1) está inserida na porção Norte do município de São João del-Rei, entre os limites Oeste e Noroeste do sítio urbano. Segundo o último Censo Demográfico do IBGE, realizado em 2022, a cidade apresentava uma população de 90.225 mil habitantes.

O município está dividido administrativamente em 8 bairros criados através da Lei nº 2.521, de 31 de agosto de 1989. São os bairros Bonfim, Centro, Colônia do Marçal, Fábricas, Jardim Central, Matosinhos, Senhor dos Montes e Tijuco (Tristão, 2022).

Figura 1. Mapa de localização da área de estudo- Serra do Lenheiro.



Fonte: Ferreira (2017, p.41).

As características paisagísticas da área de estudo são marcadas pela biodiversidade da transição do Bioma Cerrado para a Mata Atlântica, e, alguns pontos com a presença de campos rupestres, que ocorre, normalmente, acima dos 900m de altitude. Geologicamente, essa área compreende uma parte da Bacia Rio das Mortes, afluyente do lado direito da Bacia Hidrográfica do Rio Grande (Arruzzo, 2016).

As rochas, na base, afloram o embasamento (Cinturão Mineiro) representado por seis unidades: Clorito filito, Sericita filito, Quartzito, Gnaiss fino, Ortognaisse grosso e Metagranitóide, representativos do Paleoproterozóico, estratigraficamente, acima, está o

quartzo xisto e as unidades da Formação Tiradentes do Mesoproterozóico, com quatro sequências depositadas em discordâncias: Tiradentes, São José, Tejuco, Lenheiro (Silva, 2017).

Sua geodiversidade é representada por falhas geológicas, exo e endocarstogênese, fraturas, afloramentos diversos, ou também pelos aspectos culturais, como sítios pré-históricos de arte rupestre e os muros de pedra de idade colonial, além de bêtas (túneis escavados pela atividade minerária aurífera) (Assumpção, 2015; Ferreira, 2017; Messias, 2011).

A paisagem da Serra é marcada por planaltos levemente ondulados e seccionados por algumas elevações, o que proporciona uma ampla visão da paisagem em conjunto com outros atrativos, como: trilhas, cachoeira, grutas e mirantes. Além disso, a diversidade cultural com os eventos religiosos, romarias e procissões, torna a área de estudo um chamativo turístico (Azevedo, 2019; Biondi, 2017).

A rede hidrográfica localizada na área de estudo é de extrema importância para a cidade São João Del-Rei, isso porque o Ribeirão São Francisco Xavier é utilizado para a captação de água, que é distribuída para a população por meio do Departamento Autônomo Municipal de Água e Esgoto (DAMAE). Sendo que, este ribeirão no período colonial teve seu leito explorado pela mineração, em decorrência da descoberta do ouro de aluvião, pelo paulista Lourenço da Costa (Santos, 2017; Ferreira, 2017).

Ao longo dos séculos com descoberta do ouro e a expansão da população local, os córregos eram utilizados para a higiene pessoal, lavagem de utensílios e o descarte de dejetos. Na atualidade o Córrego do Lenheiro também passa por impactos ambientais sendo o principal deles a deposição de esgoto urbano no seu leito (Santos, 2017).

O Córrego do Lenheiro é considerado a “espinha dorsal” da expansão do município. Ao longo do processo de expansão do município, a paisagem do Córrego do Lenheiro passou por diversas intervenções do ser humano, principalmente por adotar o asfalto como o principal meio de pavimentação, fazendo com que os impactos sobre o córrego se intensificassem ao longo do tempo (Ferreira *et al.*, 2023).

A combinação da escolha da pavimentação por asfalto e a morfologia urbana junto a um sistema de drenagem problemático, ampliou a ocorrência de inundações e alagamentos nos trechos do córrego na área urbana. Contudo, mesmo diante de diversas tentativas de melhorias na bacia do Córrego do Lenheiro, esse ainda é visto como um problema ambiental para a cidade de São João Del-Rei (Ferreira *et al.*, 2023).

Assim, como a história da bacia do Córrego do Lenheiro está ligada a expansão da área urbana de São João Del-Rei, o próximo item da dissertação faz uma descrição histórica entre a paisagem da Serra do Lenheiro e a expansão urbana do município que ocorre devido a

descoberta do ouro no relevo serrano. Mas, antes de aplicarmos os conceitos da pesquisa na área de estudo, vejamos as bases teóricas desta dissertação.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BASES CONCEITUAIS

Os referenciais teóricos selecionados para esta pesquisa estão pautados na perspectiva da Geografia Cultural e Humanística, tendo como método a fenomenologia e trabalhando o conceito de símbolo cultural, com o anseio de apresentar a Serra do Lenheiro como um símbolo histórico e cultural para a cidade de São João Del Rei, Minas Gerais; tendo em vista a sua formação geográfica e o contexto histórico pelo qual sua paisagem passou (e passa) ao longo dos séculos. Assim, diante do conceito de percepção trabalhado pela Geografia, demonstra-se que área de estudo é um lugar vivido e experienciado por diferentes grupos sociais. Com isso, através do registro de algumas interações humanas na paisagem serrana, intenciona-se apresentá-la por meio de seu segmento simbólica, ou seja, trazendo para a paisagem em questão, o conceito de *polivocalidade* defendido pela corrente construcionista (Corrêa, 2007).

2.1.1 Fenomenologia

O interior e o exterior são inseparáveis. O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim.

(Merleau-Ponty, 1994, p. 546).

A fenomenologia foi criada pelo filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), entre final do século XIX e início do XX. Etimologicamente, fenômeno é aquilo que aparece. E considerando que o mundo é fenomênico, a fenomenologia é o

estudo das essências; e todos os problemas, segundo ela, voltam a definir as essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que recoloca a essência na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma, que não seja a partir de sua facticidade. É uma filosofia transcendental que põe em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre lá, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço de reencontrar o contato ingênuo com o mundo pode lhe dar, enfim, um status filosófico (Merleau-Ponty, 1994, p. 4, grifos nossos).

Entende-se, portanto, que a fenomenologia é uma ciência filosófica que busca fornecer sentido e significado aos objetos através da experiência vivida, pois ela “evidência, os fatos

como são produzidos, interpretados a apreensão das essências e assim investigar os atos da consciência sobre o mundo vivido” (Mello, 1991, p. 37). Os fenomenologistas utilizam esse método para fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido, entretanto, nos estudos geográficos nem sempre o mundo vivido foi levado em consideração. Na ciência geográfica, antes do século XX os geógrafos não estudavam a relação do homem-meio. Foi a partir do resgate da **experiência do espaço**, que a fenomenologia e a geografia uniram-se (Paula, 2010).

Nesta pesquisa geográfica, a escolha pelo método da fenomenológico foi devido a necessidade de trabalhar com profissionais da Geografia Cultural e Humanística, sendo que o principal elo entre as duas foi a fenomenologia (Suess, 2017). Vejamos, brevemente, o que propõe cada umas dessas correntes do pensamento em suas respectivas abordagens.

Iniciemos pela Geografia Humana, a qual teve como base a “**aproximação humanística**”, que, por sua vez, buscava a “apreciação da paisagem enquanto ambiente natural e humanizado, o que contribuiria para a preservação e valorização do ambiente terrestre” (Holzer, 2008, p. 139). Essa corrente de pensamento surgiu nos anos setenta, e

procura interpretar a multiplicidade dos acontecimentos do mundo vivido, trabalhando, para tanto, com os valores e sentimentos dos seres humanos, justo o oposto das perspectivas positivistas que não pretendem ou tampouco conseguem explicar o mundo vivido, com suas leis e teorias mecanicistas, acabadas e abstratas (Mello, 1991, p. 29).

A Geografia Humanista buscou assim, trazer o elo entre o mundo acadêmico e as pessoas. Buscando valorizar o mundo vivido e os sentimentos dos seres humanos. “Nessa trilha, a reflexão se volta para uma geografia interessada em quem vive e experimenta o mundo, nos seus saberes, caminhos e lugares” (Pesanha, 2016, p. 113).

Segundo a compreensão de Costa (2011), as características que norteiam os geógrafos humanistas para um eixo em comum é

- 1) O pressuposto de que o homem é medida de todas as coisas. Dessas formas, uma compreensão objetiva da realidade desconsidera os aspectos subjetivos do homem. Como uma característica distintivamente humana, a apreensão da realidade é sempre parcial e incompleta;
- 2) A valorização dos estudos sobre cultura entendida enquanto a capacidade do homem em atribuir valores às coisas que o cercam, esquecida pela ciência em sua versão racionalista;
- 3) A compreensão holística da realidade, onde o todo representa mais que a soma das partes. Um fenômeno assim apreendido não pode ser compreendido fora de seu contexto.
- 4) A relação entre a ciência e arte. Sob essa perspectiva, o geógrafo para chegar à interpretação verdadeira da realidade, precisa conhecer os valores, significados e associações construídos por um grupo social;
- 5) A crítica ao método lógico que impõe a racionalidade como único valor do ser humano. Há, com isso, a proposição de outros métodos que consideram os contextos próprios e específicos de cada fenômeno (Costa, 2011, p. 33).

A maioria dos estudos da Geografia Humanista são orientados pela fenomenologia. Esta ciência é definida como “sendo uma filosofia que descreve um fenômeno a partir da percepção e experiência, manifestada pelos indivíduos que convivem com o fenômeno no tempo e no espaço e o interpretam segundo as leis do seu conhecimento ou da sua consciência” (Almeida, 2007, p. 28). Assim, com base na fenomenologia e no existencialismo, os estudos humanistas pautam-se principalmente pelas percepções, cognições e representações de lugares e paisagens valorizadas individualmente ou intersubjetivamente.

Na geografia, o primeiro a utilizar a fenomenologia em seus estudos foi Erick Daldel, mas outros geógrafos também trabalharam como esse método como Sauer, que, em 1925, já falava da fenomenologia da paisagem (Holzer, 1998).

Com a chegada da fenomenologia no pensamento geográfico, o conceito de lugar passou a ser um aspecto significativo na Geografia Humanista. Pois ele teve como marco a apresentação da dissertação de Relph (1973), intitulada “The Phenomenon of Place”, que só foi publicada em 1976 (Holzer, 2008).

Dito isto, tendo em vista que apresentamos brevemente alguns pontos iniciais da Geografia Humanista, vejamos agora a Geografia Cultural, que dialoga com a linha humanista. Esta vertente “surge da necessidade de repensar a Geografia Humana, uma vez que a Geografia Cultural tornou-se um ramo da Geografia que conduz suas análises a partir de elementos particulares da cultura” (Barros, 2010, p. 29).

O interesse da Geografia pelos estudos culturais teve origem por volta dos anos 1890, com sua raiz filosófica ligada à fenomenologia, a qual traz consigo a crítica ao objetivismo científico (Marandola Jr, 2005).

Com isso, os estudos sobre cultura começaram a surgir na Geografia por volta do fim do século XIX, envolvendo trabalhos realizados por autores clássicos, como: Friedrich Ratzel, Paul Vidal de La Blache e Carl Ortwin Sauer.

Nessa corrente do pensamento, o enfoque é explorar a experiência humana. Diante disso, a evolução da Geografia Cultural está atrelada aos estudos de três principais autores Friedrich Ratzel (1844-1904), Paul Vidal de La Blache (1845-1918) e Carl Ortwin Sauer (1889-1975).

O geógrafo Friedrich Ratzel foi o primeiro estudioso da Geografia Cultural na Alemanha entre 1882 e 1891. Já a contribuição Norte-americana para essa ciência vem com Carl Sauer, e foi onde a Geografia Cultural obteve seus aspectos identitários. E, por fim, outra importante vertente desta corrente veio da França, com Paul Vidal de La Blache (Corrêa, 2007; Caetano; Bezzi, 2013).

As pesquisas e trabalhos no território brasileiro voltadas para a Geografia Cultural começaram a partir de 1945, e tiveram como base

a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC). O NEPEC foi criado e coordenado por Zeny Rosendahl, no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1993, constituindo-se em um centro de produção e divulgação da geografia cultural no Brasil. As linhas de pesquisa são direcionadas em três temáticas: relações entre espaço e religião, espaço e simbolismo e cultura popular - ênfase para a primeira temática. É importante destacar também a criação do periódico Espaço e Cultura e a série de livros intitulada “Geografia Cultural”, ambos organizados pelo NEPEC, que auxiliam nesse processo de divulgação científica acerca desta vertente do pensamento geográfico (Vieira, 2022, p. 17).

Depois de trinta anos de criação do NEPEC, os livros organizados pelo núcleo estudos ainda contribuem para o desenvolvimento das pesquisas em Geografia Cultural no Brasil. Nesta pesquisa, alguns dos principais textos utilizados como base no desenvolvimento descritivo da metodologia foram pautados em textos publicados por este núcleo de estudos.

O principal deles é o livro *Paisagem, Tempo e Cultura*, de 1998, organizado por Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, sendo o título do livro uma homenagem a Carl Ortwin Sauer (1889-1975), um dos principais autores da Geografia Cultural. No livro, foram apresentados textos de autores como Carl Sauer (1925), Denis Cosgrove (1989) entre outros.

A este respeito, é válido ressaltar que um dos principais responsáveis pela identidade apresentada por essas ciências é Carl Sauer (1925), o qual “definiu a paisagem geográfica como o resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural” (Corrêa; Rosendahl, 1998, p. 7).

Para Roberto Lobato Corrêa (2009), um dos principais nome da Geografia Cultural no país, a Geografia Cultural está preocupada em interpretar as diferentes relações entre os grupos sociais que foram construídas diante das suas práticas e experiências.

Sobre o conceito de escala na Geografia Cultural, essa busca “não somente a escala local e regional, mas a escala global como importante dimensão para a compreensão dos fenômenos ligados à cultura” (Caetano; Bezzi, 2013, p. 256). Desta maneira, ela busca estudar o significado atribuído a menor escala como uma rua, um bairro ou as maiores como a cidade ou até mesmo o país.

Assim, com a introdução da fenomenologia na Geografia e de outros métodos, como a hermenêutica e o materialismo histórico e dialético, “começam as investigações sobre a dimensão histórica e cultural-simbólica dos sujeitos inseridos no espaço, envolvendo tanto a materialidade quanto a imaterialidade” (Vieira, 2022, p. 21).

Na geografia, autores Yi-fu Tuan, Eric Darde, Edward Relph, Paul Claval, Carl O. Sauer, Werther Holzer, Marandola Jr., Livia de Oliveira, Lgia Saramago, Armando Corrêa da Silva, dentre outros grandes nomes da Geografia Cultural e Humanista foram (e ainda são) influenciados por Merleau-Ponty, através do método da fenomenologia (Santos, 2015).

Para além da fenomenologia, existe outros pontos em comum entre a Geografia Cultural e a Humanística, tais como

- 1) A crítica ao cientificismo e ao positivismo;
- 2) Na orientação filosófica (fenomenológica-existencialista);
- 3) No seu projeto para a Geografia (explorar e ampliar a experiência e a consciência humana);
- 4) No desejo de trazer uma contribuição à ciência geográfica, no sentido de independente dos métodos, desenvolver uma postura que penetre em todas as análises geográficas (humanismo e a abordagem cultural (Marandola Jr, 2005, p. 411-412).

Entretanto, um dos problemas de trabalhar com a esses dois campos geográficos é a escala. Já que “enquanto os estudos humanistas focam em uma escala do indivíduo, as pesquisas culturais adotam, frequentemente, a escala de valorização do coletivo da cultura, das percepções e das vivências” (Suess, 2017, p. 98).

Diante disto, os conceitos geográficos aqui trabalhados são espaço, paisagem e lugar, apresentados dentro da Geografia Cultural, isto porque buscamos valorizar na área de estudo as percepções, as vivências e as manifestações culturais estabelecidas ao longo dos séculos. Já que a fenomenologia é a “tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer” (Merleau-Ponty, 1994, p. 1-2).

A partir deste método, existe uma tentativa da compreensão do mundo real, a qual está em nós mesmo o fenômeno, uma vez que o mundo real deve ser registrado e não construído ou constituído (Merleau-Ponty, 1994). Assim, este método fenomenológico busca considerar a “percepção, o mundo vivido e a subjetividade” (Pereira et.al., 2010).

De acordo com os pensamentos de Mello (1991), o ser humano que não vive isolado, está sobre o fenômeno da tecnologia e das múltiplas informações, do qual esse indivíduo está interligado por símbolos, signos e significados os quais pertencem a sua interação social.

Assim, ao estudar o espaço geográfico é preciso considerar que os corpos no espaço estão sob influência de ideologias, símbolos, signos e significados. Se realmente queremos

descobrir qual a relação do ser humano com o espaço, devemos, por meio do método da fenomenologia, compreender as percepções e as vivências dos indivíduos.

Pautada no método fenomenológico, a presente pesquisa buscou compreender a vivência e as experiências dos homens com a Serra do Lenheiro. Considerando que “os fenomenologistas buscam a evidência, os fatos como são produzidos, interpretado a apreensão das essências e assim investigam os atos da consciência sobre o mundo vivido” (Mello, 1991, p. 37). Ao aplicar este método à paisagem da Serra do Lenheiro, o objetivo foi descrever seu sentido e seu significado na paisagem para a vivência dos indivíduos, já que

as pesquisas orientadas fenomenologicamente passam a valorizar temas, teorias e métodos que: permitem a compreensão da vivência e apreensão da experiência (e, conseqüentemente, dos fenômenos), foquem o modo como sujeito e objeto se correlacionam, discutem as formas com os indivíduos dão sentido ao mundo (Paula, 2010, p. 48).

Contudo, a Serra do Lenheiro seria só mais um objeto no espaço geográfico, se não fosse a relação profunda entre o ser humano e este ambiente específico na paisagem sanjoanense. Isso fez com que se criasse, neste espaço, um lugar vivido que obteve significados diversos, fator que pode ser afirmado segundo o pensamento do filósofo Merleau-Ponty (1994, p. 149), 1994), que diz que “para mim não haveria espaço se eu não tivesse corpo”.

Desta maneira, não poderia existir uma Serra do Lenheiro com significados sem a presença humana neste espaço. Com isso, depois de analisar a contribuição da fenomenologia para este trabalho, passamos, então, para a importância dos conceitos de espaço, paisagem e lugar com o intuito de compreender a área de pesquisa.

2.1.2 Espaço, paisagem e lugar

Toda ciência possui conceitos chaves, capazes de sintetizar a sua objetivação, ou seja, a forma como a análise será feita. Para análise dos fenômenos geográficos, existe cinco conceitos fundamentais: paisagem, região, espaço, lugar e território, existindo entre eles uma forte relação, visto que todos referem-se à ação humana modelando o espaço (Castro et al., 2000).

Nesta pesquisa, a área de estudo foi pesquisada a partir de dois conceitos centrais, sendo eles: paisagem e lugar. Ao analisarmos a Serra do Lenheiro por meio do conceito de paisagem, o intuito foi trazer para o trabalho a forma com esta paisagem apresenta-se à cidade de São João Del-Rei. E, diante do conceito de lugar, o anseio foi compreender as relações estabelecidas

entre o ser humano e a paisagem serrana, buscando identificar os sentimentos, as percepções e as experiências.

Vejamos como estes dois conceitos são apresentados dentro da Geografia Cultural-Humanística, mas, antes disso, iniciemos pelo conceito de espaço, já que a paisagem e o lugar são dois conceitos geográficos que estão estabelecidos dentro do espaço, o qual configura-se como um produto histórico e dinâmico da interação entre aspectos sociais, naturais, culturais, políticos e econômicos (Figueiredo, 2011).

O espaço é “qualquer porção da superfície terrestre, é amplo, desconhecido, temido ou rejeitado” (Mello, 1991, p. 43). Dentro do pensamento da Geografia Humanista, o espaço é apresentado trazendo “os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência” (Côrrea, 2000, p. 30). Ainda de acordo com os pensamentos de Côrrea

a geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiado o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real (Côrrea, 2000, p. 30).

Assim, esse espaço passa a ser o vivido e sentido pelo ser humano. Neste contexto, a Geografia Humanista busca valorizar as experiências e os sentimento dos indivíduos dentro deste conceito geográfico. Dentro deste pensamento, o ser humano passa a ser parte do espaço geográfico não como um objeto, mas como alguém carregado de sentimentos, emoções e percepções sobre o ambiente no qual ele está vivenciando.

Nessa perspectiva, o espaço passa a ser o vivido. Comungando com este mesmo pensamento, o conceito de paisagem é apresentado à luz da Geografia Humanista como parte do cotidiano o qual se apresenta para nós “repleta de significados, símbolos e valores. Por isso, nos encontramos inteiramente envolvidos com ela” (Costa, 2011, p. 41).

Nos seus estudos sobre o conceito de paisagem, Holzer (1998) descreve-a conforme Meinig (1979), o qual realizou um estudo procurando diferenciar o conceito “de paisagem”, “de natureza”, “de cenário”, “de ambiente”, no qual entende que

a paisagem se diferenciaria da natureza pelo seu caráter de unidade que imprime a nossos sentido, **afastando-se da lógica científica do binário homem-natureza; se diferenciaria do cenário porque não temos com ela uma relação apenas estética; se diferencia de ambiente porque não trata de nossa sustentabilidade** enquanto criaturas, mas sim de nossas manifestações enquanto culturas; se diferenciaria de região ou área porque seu sentido é simbólico, de acúmulo das expressões e ações sociais; e, finalmente, **se diferenciaria dos lugares, por seu caráter mais externo e objetivo, menos pessoal e individual, sendo que os lugares são usualmente nomeados, enquanto que as paisagens se caracterizam por ser uma superfície continua**, mais do que um foco ou uma área definida (Holzer, 1998, p. 57, grifos nossos).

A este respeito, de acordo com os pensamentos de Holzer (1998), paisagem não é natureza, nem cenário e muito menos ambiente, pois ela apresenta uma dimensão natural, a qual envolve os aspectos e elementos fisiográficos, naturais e de ordem humana (Figueiredo, 2011).

Nesta diferenciação da paisagem com os conceitos, na interpretação de Denis Cosgrove (1998), o conceito de paisagem também é distinto de lugar, pois

lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de meio ambiente ou espaço, lembra-nos que apenas através da consciência e razão humanas este esquema é conhecido por nós, e apenas através da técnica podemos participar dela como seres humanos. Ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiúra, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda (Cosgrove, 1998, p. 100).

Dentro da Geografia Humanista, a paisagem é compreendida através de valores e significados que lhe são atribuídos. Esse seria o resultado da cultura humana, conforme os pensamentos de Carl Sauer (1925) influenciado pela geografia alemã (Ferreira, 2011). O geógrafo norte – americano Carl Sauer, destaca que

Não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. [...] No sentido corológico, entretanto, a modificação da área pelo homem e a sua aproximação para o seu uso são de importância fundamental. A área anterior à introdução de atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto (Sauer, 1998, p. 42).

Dentro desta perspectiva, o autor faz uma separação entre a paisagem natural e a paisagem cultural, isso porque o ser humano é o agente transformador da natureza. Assim, desta mudança promovida pelo homem surge duas naturezas, uma anterior e outra posterior à ação humana. Desta profunda experiência do homem com a paisagem, surge como consequência o lugar (Ferreira, 2005). Vejamos a seguir o conceito de lugar, entretanto

Não há limites precisos a serem traçados entre o espaço, paisagem e lugar, como fenômenos experienciados. Nem a relação entre eles é constante – lugares têm paisagens, e paisagens e espaços têm lugares. Culturalmente, o lugar talvez seja o mais fundamental dos três, porque focaliza espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas. Conhecemos o mundo pré-conscientemente através e a partir dos lugares nos quais vivemos e temos vivido, lugares que clamam nossas afeições e obrigações (Relph, 1978, p. 16).

Trata-se, de certo modo, de compreender que a paisagem e o lugar são intimamente próximos, todavia, o lugar está diretamente atribuído ao mundo vivido. Os corpos e os sentidos experienciados agora são parte deste espaço que ganha significado, dentro da Geografia Humanista. O lugar passa a ser o conceito central, trazendo o mundo vivido, indicando uma

estabilidade (Costa, 2011). Da relação do ser humano com o espaço experienciado, passa a existir os conceitos de topofilia e topofobia.

O conceito de topofilia foi criado pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, em 1974. Topofilia, segundo o autor, “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (Tuan, 1930, p. 19). Esse é o termo que liga as emoções afetivas positivas dos indivíduos, ou de um grupo social, aos lugares geográficos.

Dando seguimento aos seus estudos sobre a percepção do ambiente vivido, surgiu o conceito de topofobia, no qual o autor fez uma análise sobre a fobia aos lugares. Ou seja, a topofobia está ligada aos sentimentos de desafeto e aversão que as pessoas possuem à determinados lugares, espaços ou mesmo à paisagem (Tuan, 1930). É importante ressaltar que, o indivíduo sente amor ou ódio pelo lugar por meio das experiências sentidas pelo corpo.

Assim, o corpo é o meio pelo qual seres humanos vivenciam os lugares e, através das experiências, estabelece sentimentos como a topofobia ou topofilia, entre outros. Entretanto, é preciso considerar que a cultura interfere na forma com que o indivíduo experencia o mundo. Assim, para conhecer a paisagem e os sentimentos dos indivíduos pelo lugar, é preciso também perceber as manifestações culturais, já que é por meio delas que o indivíduo transforma a paisagem. Mas, afinal o que é cultura?

Na interpretação de Paul Claval,

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio (Claval, 1999, p. 63, grifos nossos).

Desta maneira, a cultura influencia nas relações do ser humano com os lugares nos quais eles vivem, bem como seus comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores adquiridos ao longo da sua vida. Dito isto, entende-se que a cultura pode ser transmitida de uma geração para outra. Entretanto, ela não é permanente, pois está em constante transformação no espaço, seja através das interações entre os povos ou pelas modificações que ocorrem no seu seio.

Considerando que “Carl Sauer (1889-1975) em 1925, definiu a paisagem geográfica como o resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural” (Corrêa; Rosendabl, 1998, p. 7), e que “para compreendemos as expressões impressas por uma cultura

em sua paisagem, necessitamos de um conhecimento da “linguagem” empregada: os símbolos e seu significado nessa cultura” (Cosgrove, 1998, p. 105-106).

Procuramos, em síntese, fazer uma análise geográfica da paisagem da Serra do Lenheiro utilizando os conceitos da Geografia Cultural Humanista, com a finalidade de conhecer as manifestações culturais desenvolvidas pelos seres humanos no ambiente serrano. Além disto, teve-se o intuito de descrever a sua paisagem serrana, e, através das manifestações culturais estabelecidas, decodificar os símbolos e os lugares criados na Serra do Lenheiro. Visto que os “lugares e símbolos adquirem profundo significado, através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos” (Mello, 2008, p. 167).

Pois, almejava-se compreender como a comunidade sanjoanense vem lidando com a Serra do Lenheiro ao longo dos séculos, por isto, a presente pesquisa buscou, a partir da perspectiva fenomenológica, analisar as vivências e as experiências com este ambiente.

2.1.3 Semiótica

Considerando que a fenomenologia observa o fenômeno, na busca por explicar o que é a Serra do Lenheiro na paisagem da cidade de São João Del-Rei, utilizamos o conceito de Semiótica, o qual é responsável por explicar teoricamente os signos e os que eles representam (Rocha, 2003). A Semiótica, por sua vez, tem como base fundamental a fenomenologia, e essa

investiga os modos como apreendemos qualquer coisa de qualquer tipo, algo simples como um cheiro, uma formação de nuvens no céu, o ruído da chuva, uma imagem em uma revista etc., ou algo mais complexo como um conceito abstrato, a lembrança de um tempo vivido etc., enfim, tudo que se apresenta à mente (Santaella, 2002, p. 2).

Ao trazer esse conceito, buscamos identificar como as pessoas têm sentido a Serra do Lenheiro, e o que ela significa aos olhos de quem a vivencia. Isso será possível através da percepção que os indivíduos têm com o objeto de estudo. Já que é através da percepção que os seres humanos têm contato com o mundo e o corpo

não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto *sensível* a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ele as acolhe (Merleau-Ponty, 1994, p. 317, Grifos nossos).

É através da corporeidade que ser humano experiencia o mundo e é por meio dele que percebemos e sentimos o que está a nossa volta. Entretanto, como vimos anteriormente, a cultura interfere na forma com que os seres humanos percebem o mundo. Considerando que a cultura é orientada por código, aparece o conceito de signo, o qual “dá corpo ao pensamento,

às emoções, reações etc.” (Santaella, 2002, p. 10), ou seja, aquilo que representa algo ou alguma coisa para alguém. Em uma definição mais detalhada

O signo é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo (Santaella, 2002, p. 8).

O signo funciona como mediador entre o objeto e o interpretante. A teoria semiótica foi desenvolvida pelo matemático, cientista, lógico e filósofo norte-americano, Charles Sanders Peirce (1839-1914), e, segundo o autor, os signos podem ser classificados em três tipos: ícone, índice e símbolo. Vejamos o conceito de cada um, começando pelo **ícone**, esse é

um signo **que mantém uma relação de causa com o que representa**, ou seja, **a imagem fotográfica de uma árvore é um ícone**, na medida em que se parece com uma árvore. Mas a semelhança pode ser não só de forma visual. O som imitativo do mugido do boi, o perfume sintético de uma rosa, o gosto de morango de um caramelo, em teoria, pode ser considerado como ícones.

O **índice**, por sua vez, **é um signo que mantém uma relação de causa com o que representa**, como **por exemplo, as faces vermelhas para a vergonha, fumaça para o fogo**. Um índice ou sinal implica uma reação por parte do usuário ou observador. **Um sinal num cruzamento de linha férrea é usado para induzir o motorista a parar quando um trem está para passar; implica uma reação por parte da pessoa que está dirigindo o carro**. Um gesto de silêncio a alguém que está falando é um sinal. Um sinal ou índice, portanto, sugere ou induz uma dada reação em quem o vê. Os **símbolos** falam uma linguagem universal; contudo, as nuances e inflexões **variam segundo a experiência e a percepção individuais. É através dos símbolos que o homem, consciente ou inconscientemente, vive, trabalha e tem o seu ser**. O símbolo é um signo que tem uma relação de conversão com seu objeto (Rocha, 2003, p. 73-74, grifos nossos).

Entre as três classificações apresentadas, a base teórica deste trabalho é o conceito de símbolo. Já que, como explicado anteriormente, os símbolos variam conforme a experiência e a percepção do indivíduo. O conceito simbolismo, nesta pesquisa, foi abordado em concordância com os pensamentos da geografia humanística, buscando trazer as emoções do corpo experienciado para com a área de pesquisa, uma vez que ao retomarmos o contato do corpo com o mundo “é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com o nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção” (Merleau-Ponty, 1994, p. 278).

Assim, ao estudar a interação do ser humano com seu ambiente, é possível identificar nesta relação os sentimentos envolvidos com o espaço físico no qual ele vivencia e experencia. Desta interação do ser humano com os espaços geográficos, os “lugares e símbolos adquirem profundo significado, através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos” (Mello, 2008, p. 167).

Os sentimentos despertados pelos espaços geográficos são parte do corpo humano, pois os laços emocionais de topofobia ou topofilia nos indivíduos, muitas das vezes promovidos pela sua conexão com o espaço geográfico, são expressos em atitudes com o ambiente. Uma vez que se criam nos ambientes símbolos e formas simbólicas em que se apresentam as suas emoções pelos/nos espaços.

Assim, considerando o que “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem (Cosgrove, 1998, p. 108), uma forma de conhecer a paisagem simbólica de um lugar é através dos objetos criados pelos seres humano na paisagem, como: tradições religiosas, culinárias e até mesma a postura adquirida pela comunidade sobre determinada estátua, igreja, cemitério, parque etc.

De acordo com Corrêa (2007), existe três correntes que define a natureza da interpretação dos signos, entre elas: construcionista, reflexiva e intencionalista. Vejamos, detalhadamente, como cada uma delas faz a leitura dos signos.

Ainda em concordância com os pensamentos de (Corrêa, 2007), o pensador faz uma análise sobre cada uma destas correntes a qual ele define da seguinte forma

A corrente construcionista considera que os significados são construídos a partir das experiências daqueles que interpretam as formas simbólicas. Esta corrente, originária como o linguista Saussure, nega a corrente reflexiva, na qual as formas simbólicas já são portadoras de um dado significado. Nega também a corrente intencionalista, na qual as formas simbólicas expressam apenas as intenções daqueles que as conceberam. Na corrente reflexiva a interpretação é obtida diretamente da forma simbólica, enquanto que para a corrente centrada na intencionalidade é suficiente decodificar as intenções de seus autores. **De acordo com a corrente construcionista, as formas simbólicas são marcadas pela intensidade de significados, pela polivocalidade** (Corrêa, 2007, p. 8, grifos nossos).

O significado da Serra do Lenheiro varia de acordo com a experiência de cada um dos grupos que a frequenta e experiência seu ambiente, o que faz com que sua forma simbólica, observada através da sua paisagem, estabeleça uma instabilidade de significados.

O geógrafo Donald Meinig em seu texto, “O olho que observa: dez versões da mesma cena”, propõe uma visão ampliada sobre a paisagem. Na sua concepção, ele considera diferentes olhares sobre uma mesma cena. Possibilitando, por sua vez, encontrar nesta paisagem diversos símbolos, em função de sua própria herança e valores culturais (Marcial, 2008).

Neste sentido, apresentar a Serra do Lenheiro como um elemento simbólico dentro da corrente construcionista é justificável, uma vez que a Serra do Lenheiro não tem apenas um único significado. Sabendo que a polivocalidade é uma espécie de antidoto a um significado imposto, único ou unilateral. Assim, ao trabalhar com este conceito, o objetivo foi apresentar uma paisagem repleta de significados para a cidade de São João Del-Rei.

A polivalidade aplicada à paisagem da Serra do Lenheiro possibilita trazer a visão de diferentes grupos para a metodologia deste trabalho. Não definindo apenas o significado proposto por um dos grupos. Pois, como lembra Meinig

Há aqueles que observam a cena variada e consideram a paisagem como natureza; a paisagem como habitat; a paisagem como artefato; a paisagem como sistema; a paisagem como problema; a paisagem como riqueza; a paisagem como ideologia; a paisagem como história; a paisagem como lugar e a paisagem como estética (Meinig, 2002, p. 35).

Logo, a paisagem da Serra do Lenheiro é lida com um símbolo cultural e histórico. Isto é possível porque da interação do ser humano com a paisagem natural, surge a paisagem cultural carregada de símbolos. Símbolos porque essa pode ter diferentes significados para quem a vivencia.

Outro ponto é que “os seres humanos são duais, isto é, têm uma visão externa (mundo concebido) e uma interna (mundo percebido, mundo subjetivo) do mundo que os cerca” (Rocha, 2003, p. 23), isso faz com que as pessoas vivam na mesma cidade, no mesmo bairro, no mesmo país e perceba o mundo de formas diferentes.

Uma das possíveis explicações para isso é a cultura, pois ela está em constante transformação, (re)produzindo crenças e valores diferentes entre os indivíduos e grupos sociais. Uma vez que entende-se que “a cultura não é uma realidade de essência superior e que ficaria congelada fora dos golpes da história. Ela muda mesmo quando as populações que a ela pertencem acreditam que esteja congelada”, conforme explicitou Claval (1999, p. 107). Logo, a interpretação de um mesmo símbolo pode ser distinta dentro de uma mesma paisagem, pois “o caráter simbólico dos lugares revela-se ao ser humano como algo que precede a linguagem e a razão discursiva, apresentando assim determinados aspectos do real ao enfatizar as relações entre o simbólico e o lugar” (Costa, 2011, p. 28).

Dito isto, identificar o símbolo na paisagem é também encontrar um espaço familiar que desperta sentimentos positivos, como: alegria, memória afetiva e o bem-estar de estar presente naquele lugar. Ou, pode proporcionar ao sujeito a tristeza, o medo, o desespero por estar presente no lugar.

Assim, em comunhão com Corrêa, entende-se que “as formas simbólicas tornam-se formas simbólicas espaciais quando espacialmente fixas na paisagem, como templos, palácios, cemitérios, estátuas, shopping centers e parques temáticos, ou perfazendo itinerários como paradas, marchas e procissões.” (Corrêa, 2007, p. 9).

Os símbolos fixados na paisagem são facilmente reconhecidos pelo grupo que manifesta algum tipo de sentimento por ele. Porém, pode ser de difícil interpretação para quem está vendo-o pela primeira vez.

Nesse sentido, ainda sobre os símbolos o consagrado geógrafo Yi-Fu Tuan, ressalta que

um símbolo é uma parte que tem o poder de sugerir um todo: por exemplo, a cruz para a Cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição. [...] O costume de estruturar o mundo em substâncias, cores, direções, animais e traços humanos, estimula uma visão simbólica do mundo (Tuan, 2012, p. 43).

Essa visão simbólica que o ser humano tem do mundo, faz com que ele compreenda o espaço no qual ele vivencia. A criação dos símbolos nos espaços geográficos é uma forma de transferência de sentimento entre o indivíduo e os lugares.

Na paisagem, os “símbolos devem ser reconhecidos como uma maneira efetiva de conhecimento relacionados à experiência vivida” (Pessanha, 2016, p. 124), ou seja, um símbolo ganha vida a partir da interação que é estabelecida com ele.

Dos símbolos surge a “estruturação das relações do homem com o mundo” (Moura, 2000, p. 77). O que faz com que o mundo seja repleto de símbolos e significados, a começar pela própria cidade, que é “um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo” (Tuan, 2013, p. 211).

Pense, uma estátua é um símbolo dentro da cidade, por exemplo: o Cristo Redentor localizado na cidade do Rio de Janeiro, que representa a paisagem da cidade; o hino nacional ou a bandeira que representam o Brasil. Sem esquecer da praça dos Três Poderes em Brasília representa os três poderes (Santaella, 2002).

Observe que os símbolos estão em todas as partes, entretanto, muitos deles são poucos notáveis ou talvez nem sejam vistos como símbolo. Mas alguns deles, como é o caso do hino nacional, serve para reproduzir normas culturais e estabelecer valores. Vejamos a seguir um exemplo de um comportamento esperando a quem visita um parque municipal de uma cidade inglesa

Quem que entre no parque sabe instintivamente os limites de comportamento, os códigos apropriados de conduta. Em geral, deve-se caminhar ou passear pelos caminhos. Correr é para crianças e a grama é para sentar ou para piquenique. Os patos podem ser alimentados, mas não se pode remar nem pescar no lago. Não se deve subir nas árvores, nem tocar música, exceto pela banda uniformizada, no coreto. Resumido, o comportamento deve ser decoroso e contido (Cosgrove, 1998, p. 106-107).

Os comportamentos diante dos símbolos são uma forma de reprodução cultural, ao cantar o hino nacional brasileiro em uma cerimônia de colação de grau espera-se que todos estejam de pé e em posição de respeito frente à bandeira nacional. A combinação da canção do

hino e a postura diante a bandeira são comportamento já esperados culturalmente, ou seja, o símbolo interfere no comportamento.

Outra finalidade das formas simbólicas é o de estar presente na paisagem como uma forma de criação, recriação e/ou manutenção das identidades, sejam elas étnicas, raciais, sociais ou simplesmente a identidade do lugar, do pertencimento (Relph, 1976; Corrêa, 2007).

Logo, sabendo que os símbolos podem ser interpretados de formas distintas, que estruturam comportamentos e que criam identidades com e para os lugares. Considerando essas características, o intuito é mostra a paisagem da Serra do Lenheiro de forma simbólica. Para tal, é preciso ressaltar que existem diferentes grupos que frequenta o ambiente serrano do Lenheiro, como o grupo de montanhistas, turistas, religiosos, esportistas etc.

Em decorrência das inúmeras percepções dos grupos em torno das simbologias e do relevo serrano, isso pode gerar uma multiplicidade de significado sobre a paisagem da Serra do Lenheiro. Logo, essa dissertação, procurou mostrar a paisagem do Lenheiro dando a ela o conceito de polivocalidade trabalhada dentro da corrente construcionista. Justificando, para tanto que ela é um símbolo cultural e histórico, e que dentro da paisagem simbólica da Serra do Lenheiro, também existe outros símbolos que podem ser interpretados de formas distintas (Fernandes, 2015).

2.1.4 Percepção Ambiental no Contexto Geográfico

Como apresentado anteriormente, o significado de um signo é dado por meio da percepção de uma pessoa, de um grupo, de um povo ou da própria cultura na qual o indivíduo está inserido (Rocha, 2003). “O termo percepção deriva do latim *perceptio*, correspondente à compreensão/percepção ou *percipere*: apreender através dos sentidos” (Figueiredo, 2011, p. 39).

Na geografia os estudos sobre a percepção ganham força, durante a década de 1970, a qual recebeu o nome de “Geografia Humanística” (Amorim Filho, 1999), um dos principais pensadores desta linha de pesquisa é o geógrafo Yi-Fu Tuan que busca estudar a importância do significado de lugar em suas relações com as experiências humanas. Por esse motivo, a presente pesquisa tem como referência os três principais livros do autor: “Topofilia um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” (1974), “Paisagem do Medo” (1979) e “Espaço e Lugar – A perspectiva da Experiência” (1977).

Tuan (1980), foi um dos primeiros geógrafos a trazer o método da fenomenologia para os estudos da organização do espaço utilizando a ótica da percepção, que traz a vivência do

cotidiano e da significação dos signos (Santos, 2015). Ou seja, ele estuda a forma como as pessoas atribuem significados aos lugares que habitam – as experiências subjetivas produzidas no cotidiano – seus vínculos emocionais, culturais, ambientais, etc.

O estudo sobre a percepção ambiental com foco nas múltiplas experiências do indivíduo com seu meio é abordado por autores como: Cerasi (1970); Oliveira (1977 – 2001); Lynch (1980); Tuan (1980); Machado (1998); Bley (1982 – 1996); Amorim Filho (1996); Del Rio (1991); Ferreira (1990); Lima (1996); Santos (1996), entre outros.

No Brasil, o estudo de Lucy Marion C. P Machado (1988) é referência no estudo sobre percepção ambiental, na sua tese ela

discute a percepção e a compreensão da paisagem da Serra do Mar paulista em toda a sua complexidade e dinâmica. Para ela, paisagem é cenário de experiências cotidianas e de manifestações topofílicas – conceito original de Yi-fu Tuan e principal definidor do quadro teórico adotado. Os amplos dados obtidos por esta pesquisa permitiram identificar as diversas imagens, os sentimentos, os valores e as atitudes que diferentes grupos sociais possuem da Serra do Mar e que acabam por diferenciá-la em sua percepção, tanto como “paisagem vivida” – para os moradores – quanto como “paisagem não vivida” para aqueles que a estudam, mas não moram lá (Oliveira, 1999, p. 14).

A obra de Machado (1988), foi uma das referências utilizada nesta pesquisa, servindo de base para a estruturação do roteiro da entrevista semiestruturada que foi aplicada junto aos participantes com vista a apreender a percepção sobre a Serra do Lenheiro. Vale salientar que o despertar para importância dos estudos da percepção ambiental vem da necessidade de compreender a interação do homem com seu meio, considerando os aspectos mais distintivamente humanos, como o sentimento e o pensamento (Costa, 2011).

A percepção pode ser compreendida como um “processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente dito e principalmente, cognitivos” (Del Rio, 1999, p. 3).

Da interação do ser humano com o meio ambiente, é que ocorre a percepção, a qual é compreendida como uma atividade mental, que se desenvolve

através de mecanismos perceptivos (**visão, audição, tato, olfato e paladar**) e cognitivos (que envolvem a inteligência, incluindo como motivações, humores, conhecimentos prévios, valores, expectativas). É, portanto, **essencial para que se desenvolva uma maior compreensão das inter-relações entre o homem e o meio ambiente a partir das suas expectativas, julgamentos e condutas com relação tanto às paisagens naturais como também às construídas**; faz emergir a qualidade de vida das populações, e a satisfação do indivíduo com o seu meio ambiente (Rocha, 2007, p. 24, grifos nossos).

Os sentidos - visão, audição, tato, olfato e o paladar - são traços comuns da percepção. Por meio destes, o ser humano passa a experienciar o ambiente. No entanto, a percepção não é

uma sensação, ela vai além, uma vez que é a subjetividade que proporciona o significado das formas e dos objetos (Santos, 2015).

Hoje a percepção ambiental é vista como uma ferramenta importantíssima para a compreensão da ligação cognitiva e afetiva entre o ser humano e o meio ambiente. Ela contribui para a “compreensão das inter-relações existentes entre o homem e seu meio, e para compreender suas expectativas, satisfações, insatisfações, julgamentos e conduta” (Santos, 2015, p. 25). Sem pessoas não há lugares. Nesse sentido, a paisagem é modificada pela interação do ser humano com seu ambiente, desta interação nasce a paisagem cultural e dela os lugares. A percepção, por sua vez, está no indivíduo que modifica a paisagem.

Um espaço geográfico sem as emoções e os sentimentos dos indivíduos é a paisagem natural. Assim, o espaço passa a ser lugar por meio da convivência e experiência repetida e dos significados empregada pelos indivíduos. O sentimento pode ser a ligação de amor entre o indivíduo e o ambiente (topofilia) e o ódio entre o indivíduo e o ambiente (topofobia), podendo aparecer outros sentimentos como topocídio “a morte deliberada dos lugares” e topo-reabilitação “restauração do lugar” (Tuan, 1974; Del Rio, 1999).

Nesta seara, observa-se que o ser humano passa a ser o ator geográfico que transforma o seu ambiente, modificando não só a paisagem, mas também sua relação com este o ambiente. Transformando-a em seu lugar, o que faz com que o indivíduo esteja ambientado ou integrado há uma localidade do espaço geográfico (Fernandes, 2015).

Com isso, estudar a percepção ambiental dos indivíduos e dos grupos sociais e buscar pela compreensão do significado que a sociedade atribui ao espaço geográfico (Costa, 2011; Fernandes, 2015). Desta maneira, a Geografia Humanista procura identificar o espaço vivido e o lugar. E a geografia cultural busca compreender os significados dos espaços simbólicos construído por meio da interação do homem com seu ambiente.

Assim, os geógrafos humanistas e culturais buscam de imediato analisar os grupos sociais e a natureza, intencionando a valorização do lugar e da paisagem (Holzer, 2008). Os geógrafos humanistas com filiações fenomenológicas e existencialistas, procuram, principalmente, estudar as percepções, cognições e representações de lugares e as paisagens valorizadas individualmente ou intersubjetivamente.

A geografia da percepção foi criada através da junção da Fenomenologia e da Semiótica e, a partir desta, é possível interpretar os fenômenos humanos no espaço (Rocha, 2003), já que o ser humano é um ser perceptivo. E a paisagem

não se separa da experiência humana. É o homem que vivencia as paisagens, atribuindo a elas significados e valores. Todas essas nuances estão ligadas à percepção

que o indivíduo tem do meio ambiente de modo geral, e da paisagem de modo particular (Machado, 1988, p. 42).

Diante disso, a paisagem natural só é transformada a partir da interação do ser humano com seu ambiente, e, em decorrência desta interação, surge a valorizações que o indivíduo tem para com a paisagem. A forma com que o indivíduo percebe o mundo é inseparável da percepção, já que “Não há deformação ou inferioridade no ato de perceber. Percebemos não apenas com o nosso raciocínio, mas também com todos os nossos sentidos. A percepção não é falaciosa, ela é o que é, a nossa interpretação do mundo” (Ferreira, 2005, p. 42).

O ser humano é um ser perceptivo e através dos sentidos é que o indivíduo percebe o mundo. E é através do corpo que o ser humano está ligado ao mundo exterior. Além disso, como lembra Merleau-Ponty (1994, p. 546) “O interior e o exterior são inseparáveis. O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim”.

Dessa maneira, o corpo está no espaço e o espaço está no corpo do sujeito, através da percepção. Já que percebemos o mundo através dos nossos raciocínios e pelos nossos sentimentos. Os sentimentos são diversos e complexos dentro do corpo humano. E quando transfere para o espaço, isso ainda permanece.

Outro ponto, é que os indivíduos podem ter experiências diferentes com os ambientes. Uma experiência positiva com o ambiente pode trazer emoções agradáveis como alegria, paixão, desejo por reviver aquela experiência com o lugar.

Enquanto o oposto também pode ocorrer, ou seja, uma experiência desagradável pode gerar raiva, medo, tristeza e repulsa ao ambiente. Assim, experiência, emoção e percepção são três segmentos inseparáveis do corpo humano, como mostra a figura 2.

Figura 2. Relação entre Emoção e Pensamento por meio da Experiência Humana.



Fonte: Tuan (2013, p. 17).

Observe que o pensamento orienta e qualifica a experiência do corpo humano, enquanto os sentimentos norteiam as nossas experiências. Assim, a experiência é mediada pelos sentimentos, e as vivências ocorrem através do mundo exterior. E nesse processo, quem experimenta é o corpo (Pádua, 2013).

Ao mesmo tempo que o corpo experimenta a paisagem, ele também transforma a paisagem. Visto que quando o ser humano tem contato com natureza, ele tem o poder de transformar a paisagem natural em uma paisagem cultural através das suas técnicas, conhecimentos e valores acumulados (Claval, 1999).

A paisagem, fruto da interação do ser humano com a natureza, também pode ser compreendida como paisagem simbólica. Na qual o ser humano passa a dar significado para a paisagem na qual ele está vivendo, através da sua experiência com o ambiente vivido (Côrrea, 2007).

Entretanto, como dito anteriormente, os indivíduos têm experiências diferentes com os ambientes. O que os leva a ter sensações, percepções e concepções diferentes do mesmo ambiente vivenciado (Santos, 2008).

Segundo, Marin (2003, p.13) “quando muitas pessoas estão reunidas em um espaço, este se apresenta a cada uma delas a partir de uma perspectiva inteiramente pessoal”. Considerando, por sua vez, que na Serra do Lenheiro existe uma diversidade de grupos sociais que interagem com a paisagem da Serra, e que isso pode despertar diferentes percepções a respeito da sua paisagem – a presente pesquisa buscou conhecer as diferentes percepções a respeito da paisagem serrana do Lenheiro.

Partindo deste pressuposto, de que os espaços experienciados desperta diferentes percepção nos indivíduos, a presente pesquisa intencionou aplicar na paisagem da Serra do Lenheiro o conceito de polivocalidade. Já que a “polivocalidade constitui-se em antídoto contra a retórica da verdade daqueles que querem impor uma única interpretação a respeito de processos e formas, entre eles a paisagem” (Corrêa, 2012, p. 33).

Assim, ao trabalhar com o presente conceito, o intuito da pesquisa foi mostrar que a Serra do Lenheiro desperta diferentes percepções nos indivíduos, advindo das diferentes interações dos grupos sociais na Serra, construído na paisagem diferentes símbolos e significados.

Finalmente, orientada fenomenologicamente e pautada nos conceitos de paisagem e lugar da geografia cultural humanística, a presente pesquisa buscou valorizar a Serra do Lenheiro para a cidade de São João Del-Rei, Minas Gerais, aplicando o conceito de

polivocalidade a paisagem serrana do Lenheiro. Desse modo, a metodologia desta pesquisa foi estruturada em quatro etapas, como descrita no item a seguir.

2.2 METODOLOGIA

A metodologia dessa dissertação está estruturada em cinco etapas, conforme a descrição. A seção II, desta dissertação, apresentou o conceito de Fenomenologia de acordo com a filosofia, apresentado a base metodológica desta pesquisa, o objetivo de começar a dissertação escrevendo sobre a fenomenologia, é sustentar que esse foi o método escolhido da pesquisa.

A escolha pelo método fenomenológico decorreu da necessidade de trabalhar com geógrafos da Geografia Cultural e Humanística, sendo que o principal elo entre as duas correntes é a fenomenologia (Suess, 2017).

Posteriormente, ainda dentro do referencial teórico, foi apresentado os conceitos de símbolos, significados e a percepção ambiental dentro do conceito de Geografia Cultural Humanística. O referencial teórico desta pesquisa está pautado em autores, como: Merleau-Ponty (1945); Tuan (1980; 1983); Machado (1988; 1996; 1997; 2005); Claval (1999); Corrêa (1998), entre outros autores que trabalham com percepção ambiental. E, ainda nessa seção, foi apresentado o conceito de Lugar e Paisagem, que são as categorias de análise geográfica desta pesquisa.

Dando sequência à estrutura da dissertação, a seção V, apresenta como a Serra do Lenheiro tem sido trabalhada em sala de aula, ou seja, mostrando quais são os significados, valores e atitudes diante da paisagem serrana do Lenheiro pelo participante da pesquisa. Tendo como participante da pesquisa o corpo docente da Escola Estadual Professor Iago Pimentel que lecionada para o Ensino Fundamental II.

A escolha da Escola Estadual Professor Iago Pimentel está diretamente relacionada com a formação do bairro onde fica situado a escola, o bairro Tijuco. Pois esse foi o primeiro bairro do município, formado diante da descoberta do ouro na Serra do Lenheiro no século XVIII que deu início à formação do sítio urbano, demonstrando uma forte ligação entre o bairro e a Serra.

Outros dois motivos para a escolha da escola foi a proximidade da escola com a Serra, a construção física da escola tem ao fundo a paisagem da Serra do Lenheiro e os alunos que geralmente frequentam a escola são de bairros vizinhos a Serra, como Senhor dos Montes, Tijuco, Alta das Mercês. Para estabelecer como a Serra do Lenheiro vem sendo trabalhada em sala de aula, e quais os significados, valores e atitudes atribuídos a ela, pelo corpo docente da Escola Estadual Professor Iago Pimentel, foi elaborada uma entrevista semiestruturada, a qual

é composta por três blocos principais de informação, adaptado de Machado (1988), Ferreira (2005), Figueiredo (2011).

BLOCO I: Teve por objetivo identificar o participante da pesquisa.

Título do bloco: **Conhecendo Melhor o Profissional e sua realidade**

- Contém duas perguntas: idade e sexo do participante da pesquisa.

BLOCO II: Teve por objetivo traçar o percurso acadêmico e profissional do participante.

Este bloco foi necessário, uma vez que traçar o perfil do participante contribuiu na tomada de decisão sobre como o material didático deve ser apresentado ao docente. Ao traçar o perfil acadêmico e profissional, foi possível decidir qual o melhor formato para apresentação do material didático ao docente, se por meio de palestras, roda de conversa, minicurso. Haja visto que, para ter êxito na implantação do projeto, primeiramente foi preciso saber onde esse participante vem se qualificado, quais os meios e tentar propor ao docente um projeto que ele sinta se parte dele e confortável em participar.

Título do bloco: **Percurso acadêmico e profissional**

- Contém três perguntas: qual sua formação profissional, quanto tempo trabalha como professor e a capacitação profissional do participante da pesquisa.

BLOCO III: Teve por objetivo específico analisar a percepção ambiental da Paisagem da Serra do Lenheiro e identificar como ela tem sido apresentada em sala de aula.

Título do Bloco: **Análise da percepção ambiental da Serra do Lenheiro**

Para alcançar o objetivo específico, foram feitas três análises (significado, atitude e valor) que, em conjunto, compõem a análise da percepção ambiental da Serra do Lenheiro pelos participantes da pesquisa. As três análises estão descritas a seguir.

2.2.1 Análise das Atitudes

As atitudes estão relacionadas com os interesses e com os valores construídos na interação com o mundo. Esta análise propôs identificar o interesse dos participantes da pesquisa diante a conservação da Serra do Lenheiro, por meio da implantação de um projeto sobre

Educação Ambiental na escola. Ou seja, a posição que se toma perante a paisagem da Serra do Lenheiro. Além de verificar como a Serra do Lenheiro vêm sendo trabalhada em sala de aula na Escola Estadual Professor Iago Pimentel, qual o interesse dos docentes sobre material didático; e quais temas os professores gostaria de trabalhar no projeto de Educação Ambiental e saber de que forma a universidade pode contribuir para a formação continuada do docente. Para essa análise, foram construídas quatro perguntas:

- i. “Você considera necessário a elaboração de um material didático específico para a implantação do projeto sobre Educação Ambiental na escola?”, esta pergunta teve como objetivo identificar a opinião dos docentes quanto a proposta da elaboração de material didático como apoio pedagógico;
- ii. “De que maneira a Universidade poderá contribuir para a formação continuada, especialmente para a tomada de consciência sobre as questões socioambientais?”, esta pergunta teve como objetivo identificar junto aos docentes, qual a melhor maneira da universidade contribuir para a sua formação continuada;
- iii. Quais temas, você gostaria de trabalhar na implantação de projeto sobre Educação Ambiental na sua escola? Esta pergunta foi elaborada com a finalidade de descobrir quais temas os docentes gostariam de trabalhar na implantação do projeto;
- iv. “Você já trabalhou ou trabalha atualmente com algum projeto sobre a Serra do Lenheiro nesta escola?” Sim ou não. Em caso de afirmação, o participante deve responder as seguintes questões (nome do projeto/ atividade, tema, assunto trabalhado, onde foi desenvolvido e as dificuldades). Esta pergunta, procurou identificar no ambiente escolar quais projeto já foram trabalhos sobre a Serra.

2.2.2 Análise das valorações ambientais

A terceira Etapa estava voltada a avaliar a atribuição de valores ambientais, com o objetivo de identificar os atributos que fazem da Serra uma paisagem valorizada.

Nesta análise, intentou-se identificar os elementos naturais e culturais que fazem da Serra do Lenheiro uma paisagem valorizada positivamente/negativamente. Que busque, por sua

vez, verificar os aspectos topofílicos e topofóbicos, ou seja, as afeições e as aversões do participante da pesquisa com o ambiente natural e construído.

Para isso, foi construída uma pergunta:

- i. “Diga de que você gosta/ e não gosta na Serra do Lenheiro?” refere-se à categoria afetiva.

2.2.3 Análise dos Significados

Para discorrer sobre os significados que são dados à Serra do Lenheiro pelos participantes da pesquisa, foi elaborado uma questão:

- i. “Como é a Serra do Lenheiro para você? Qual a sua importância para você para a cidade?” busca verificar a percepção dos participantes da pesquisa quanto à paisagem desta.). O anexo G mostra a estrutura completa da entrevista semiestruturada.

A POLIVOCALIDADE DA PAISAGEM DA SERRA DO LENHEIRO



“Os múltiplos significados das paisagens simbólicas aguardam decodificação geográfica.”

Denis Cosgrove (1989)

3. O CONCEITO DE POLIVOCALIDADE APLICADO À PAISAGEM DA SERRA DO LENHEIRO

3.1 A HISTÓRIA MATERIALIZADA NA PAISAGEM DA SERRA DO LENHEIRO

A pergunta norteadora desta pesquisa é: “É possível aplicar o conceito de polivocalidade a paisagem da Serra do Lenheiro?”. Assim, com o intuito de responder a esta questão, ficou definido que para tal, era preciso descrever o contexto histórico da paisagem da Serra do Lenheiro, para, a partir disso, encontrar os símbolos que foram criados ao longo do tempo.

Assim, o primeiro objetivo específico desta dissertação foi descrever os elementos simbólicos e seus significados criados na paisagem da Serra do Lenheiro, que surgem da interação do ser humano com o ambiente natural, na busca por aplicar o conceito de polivocalidade a paisagem da Serra do Lenheiro.

Para alcançar o objetivo descrito, testamos a primeira hipótese desta pesquisa: “A paisagem da Serra do Lenheiro é construída de símbolos.”, o parâmetro estabelecido para essa análise foi o tempo, ou melhor, a história. Portanto, vamos descrever a relação do ser humano com a paisagem da Serra do Lenheiro em diferentes contextos históricos (Pré-história, Período Colonial e os dias atuais) para testar se na Serra do Lenheiro existe símbolos criados ao longo do tempo.

Sabendo que, “a força simbólica de um lugar tem sua lógica derivada dos significados socialmente construídos e integrados à vida do grupo social que os construiu” (Corrêa, 2012, p. 142), e, tendo a clareza de que a função de um geógrafo é decodificar o significado da paisagem, principalmente diante dos problemas do “mundo real”, procurando caminhos viáveis para solucioná-los. Por isso, neste item fizemos uma leitura crítica da construção histórica da formação de São João Del-Rei, a fim de identificar na paisagem os símbolos criados ao longo do tempo (Cosgrove, 1998).

O objetivo de descrever o contexto histórico da formação do município, é porque não podemos formar um conceito de paisagem sem que esse esteja relacionado ao tempo. Visto que as relações vinculadas ao espaço modificam-se ao longo do tempo, assim como a própria paisagem que está em processo de desenvolvimento, dissolução e substituição (Sauer, 1998).

Com isso, antes de dar significados a paisagem da Serra do Lenheiro, precisamos ter em mente que “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural o meio, a paisagem cultural o resultado” (Sauer, 1998, p. 59).

Assim, a paisagem atual da cidade de São João Del Rei nasceu da interação do ser humano com a paisagem natural, isto porque o indivíduo necessita dos recursos naturais para sobreviver, desde a alimentação até o clima. Veja que, aqui, é estabelecido a primeira interação entre o ser humano e a paisagem do Lenheiro, construída do anseio do ser humano pelos recursos naturais oferecidos pela geografia física da Serra; nascendo ali a primeira paisagem cultural.

A relação de necessidade das primeiras populações com a paisagem natural é expressa no próprio nome de origem da Serra do Lenheiro, que surgiu devido a grande quantidade de lenha disponível na região, usada pela população nativa da época para o cozimento do alimento, assim como as rochas da Serra que também serviam de materiais de construção para as casas e igrejas na cidade (Pereira, 2022).

Ao longo desse processo de interação do ser humano com a paisagem da Serra do Lenheiro, nasceu dessas relações as paisagens culturais, e nelas é possível identificar os símbolos que foram criados destas relações no espaço. Contudo, é necessário compreender que, em cada época da história, a relação entre os grupos sociais e a paisagem da Serra eram diferentes.

Fazendo com que a história da paisagem da Serra do Lenheiro fosse moldada de acordo com período em questão. Desta maneira, a paisagem da Serra passou a ser dinâmica de acordo com o período analisado. Nesta dissertação, realizamos uma análise da paisagem em dois contextos históricos diferentes.

O primeiro contexto histórico, corresponde à Serra do Lenheiro no Período Colonial e o segundo, na atualidade. A justificativa para trabalhar com dois contextos históricos diferentes é contrapor a relação estabelecida entre os grupos do Período Colonial e os grupos da contemporaneidade, criando sobre a paisagem da Serra do Lenheiro o sentido de símbolo.

Desta maneira, a proposta inicial foi descrever a formação do município ao longo do tempo, com foco no século XVII e XVIII. Assim, o recorte temporal escolhido para a análise justifica-se por ser o período em que ocorreu a descoberta do ouro na Serra do Lenheiro. Ou seja, momento em que acabou provocando grandes modificações no espaço geográfico pelo colonizador, assim, a seguir foi realizada uma descrição da formação da cidade de São João del-Rei e a sua relação com a paisagem da Serra do Lenheiro no Período Colonial, onde a paisagem da cidade e da Serra passaram por grandes transformações em decorrência das intervenções humanas.

3.2 O CONTEXTO HISTÓRICO DA PAISAGEM DE SÃO JOÃO DEL-REI

Os primeiros núcleos de povoamento da região da área de estudo são referentes ao final do século XVII, os quais estabeleceram-se às margens do Rio das Mortes e se estenderam pelas margens do Córrego do Lenheiro (Santos, 2017; Moldos, 2000).

Com a descoberta do ouro no ano 1701, por Manoel José de Barcelos, na encosta sul da Serra, denominado de Tijuco, nasceu na região o primeiro núcleo de povoamento denominado Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar. E, em 1704, tornou-se Arraial Novo do Rio das Mortes (Barbosa, 2019; Maldos, 2000; Santos, 2017).

E com a descoberta do metal precioso, uma das maiores riquezas da época, o arraial cresceu rapidamente, devido a chegada de novos indivíduos em busca da riqueza, tanto que acabou “tornando-se a principal cabeça da Comarca do Rio das Mortes, elevada à categoria de Vila” (Ferreira, 2017, p. 17). E, por fim, em 1713, veio a ser atual São João Del-Rei.

Mesmo sendo o ouro uma das principais atividades da época, não era a única. Havia também as atividades comerciais e agropastoris que também contribuiu para expansão da cidade

Devido à economia dinâmica que se formou em São João del-Rei, a população tendeu a crescer. Em 1767, havia uma população total, incluindo livres, forros e escravos, de 49.485 pessoas. Na década seguinte, em 1776, 82.781. E, em 1821-1822, um expressivo crescimento foi registrado, 200.000 pessoas (Ferreira, 2017, p. 17).

Embora existisse uma economia dinâmica na época, sem dúvida, a extração do ouro contribuiu significativamente para São João Del-Rei, ainda que não tenha se equiparado à Vila Rica em termos econômicos (Ferreira, 2017). A produção aurífera contribuiu não só para formação econômica da cidade, mas para a expansão da população em decorrência do alto fluxo de migração.

A extração do ouro transformou a região mineradora em um grande ponto de encontro de diversas populações, conforme Cardoso (2015, p. 18), “a região mineradora foi alvo de uma grandiosa onda de migração e teve como protagonistas exploradores, colonos portugueses, negros, religiosos, mestiços, grandes proprietários, entre outros”.

Essa migração contribuiu profundamente para a evolução da vila, deixando marcas nas construções históricas da cidade, expressadas nas ruas e nos casarios de características coloniais e em suas suntuosas construções eclesiásticas de estilo barroco, os quais podem ser considerados patrimônio histórico da cidade (Cardoso, 2015).

A formação arquitetônica da cidade ganhou tanta importância ao longo dos séculos, que, em 1920, a cidade sanjoanense recebeu a visita de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade,

intelectuais ligados à Semana de Arte Moderna de 1922. Os quais, ao ver tanta modernidade no aspecto colonial, retrataram em textos e pinturas as edificações (Castriota; Dias, 2017).

Destaque para poeta-bandeirante Oswald de Andrade, que escreveu um poema sobre a cidade no livro *Pau Brasil*. Nos versos, o autor descreve a paisagem da cidade. O poema está registrado no capítulo ‘Roteiro das Minas’, denominado de o Convite, o poeta ressalta os símbolos históricos da cidade, vejamos

São João del Rey
A fachada do Carmo
A igreja branca de São Francisco
Os morros
O córrego do Lenheiro

Ide a São João del Rey
De trem
Como os paulistas foram
A pé de ferro
(Andrade, 1991, p. 87).

No poema, o autor cita a Igreja Nossa Senhora do Carmo, a Igreja de São Francisco de Assis e o trem de ferro, construído na paisagem da cidade na época. Mesmo a Serra do Lenheiro não sendo citada diretamente, ele faz referência direta ao córrego do Lenheiro que tem suas nascentes localizadas na Serra (Ferreira, 2017).

Veja que, aqui, alguns símbolos da cidade de São João Del-Rei já aparecem na descrição da paisagem, a fachada da igreja do Carmo, a igreja São Francisco e o trem de ferro, que na atualidade são patrimônio histórico da cidade, tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Esses elementos podem ser vistos como símbolos porque, ao longo do tempo, eles permaneceram na paisagem do município com a mesma importância. Isso só foi possível porque os valores culturais da população sanjoanense celebram ativamente esses símbolos fazendo com que seu significado continue ao longo do tempo (Cosgrove, 1989).

Algumas destas celebrações podem ser vistas na tradicional Semana Santa, espetáculo da tradição barroca religiosa, que ocorre anualmente na cidade, as cerimônias religiosas acontecem nas igrejas de São Francisco de Assis, Nossa Senhora das Mercês, Igreja Nossa Senhora do Rosário e na catedral basílica de Nossa Senhora do Pilar, algumas delas citadas no poema. Essas tradições fazem a manutenção destes símbolos (Cardoso, 2015).

Tanto que esses símbolos estão há séculos na paisagem da cidade. Antes mesmo da passagem poeta-bandeirante Oswald de Andrade, o fotógrafo André Bello, em 1910, fotografou a cidade. E, na figura 3, já é possível ver os mesmos símbolos citados no poema aparecendo na foto panorâmica da cidade.

Figura 3. Foto panorâmica original de São João del-Rei em 1910, com destaque para a Serra do Lenheiro ao fundo, foto de André Bello.



Fonte: Museu Regional De São João Del Rei, 2023.

Para identificamos melhor os símbolos presentes na imagem, inserimos a foto em software e com uma ampliação (zoom) na fotografia, observamos os detalhes visualizados na figura 3.

A figura 4 mostra, por sua vez, aproximação da foto panorâmica de André Bello (da direita para esquerda), adaptada pela autora. Na fotografia adaptada, é possível identificar na paisagem da cidade os símbolos construídos no período colonial.

Figura 4. Fotografia adaptada de André Bello - São João del-Rei, 1910.

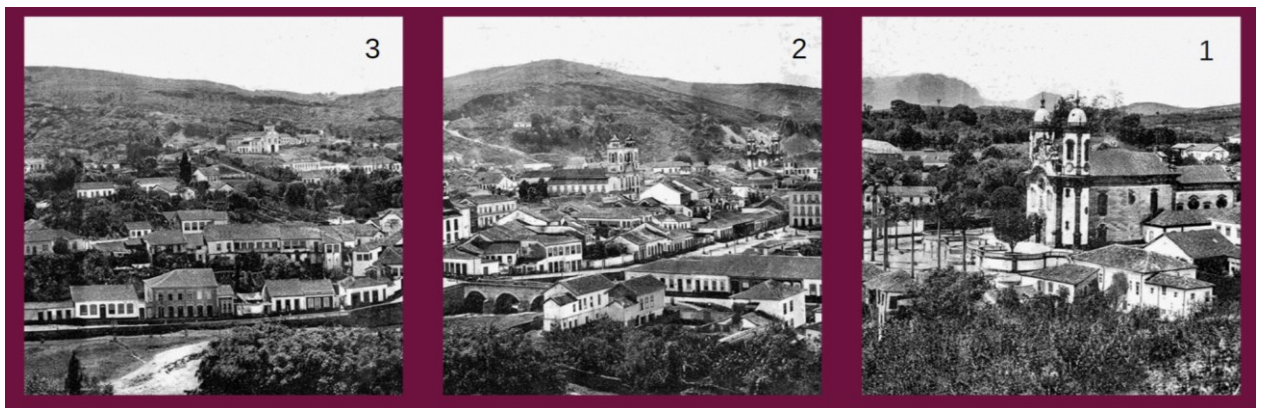


Foto (1) Igreja De São Francisco de Assis. **Foto (2)** Igreja Nossa Senhora do Carmo, Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar e a ponte da Cadeia e ao fundo a Serra do Lenheiro. **Foto (3)** Ao fundo a Serra do Lenheiro e a Igreja Nossa Senhora das Mercês. Fonte: Museu Regional De São João Del Rei, 2023.

Na contemporaneidade, esses símbolos – como mencionado anteriormente – são considerados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônios simbólico da história e da arte nacional, os quais devem ser preservados e valorizados, como representantes da nacionalidade brasileira. Entretanto, é preciso levar em consideração o ambiente na qual esses objetos foram construídos, no Período Colonial – uma época de extrema violência, autoritarismo e perseguição.

Assim, quando levamos em consideração que “as cidades coloniais e a arte barroca são apresentadas como elementos de nossas raízes, da memória nacional e de identidade genuína brasileira.” (Costa; Suzuki, 2012, p. 13), temos uma série de problemas, entre eles, a falta de

representatividade, já que em boa parte da história – a qual foi vivenciada por negros e os povos originários – não há representação desses personagens nessas obras.

Pensando que é preciso fazer uma leitura integrada do contexto histórico da construção destes elementos, a paisagem da Serra do Lenheiro vem a ser um caminho viável para pensar como foi o ambiente no qual esses elementos foram construídos. Se não fizermos isto, manteremos um “memoricídio” dessas populações já que

os objetos estéticos da colonização portuguesa na América (materializados nas cidades coloniais), desde sua apresentação, são cultuados sem a carga de dominação que carregaram desde a sua gestação. O jugo colonial ali permanece, na matéria e na dinâmica das cidades e da arte, para ser decifrado em nome das minorias étnicas negligenciadas. Esses bens precisam ser lidos como objetos híbridos da luta pelo controle territorial, e não como meras caricaturas da história do território (Costa; Suzuki, 2012, p. 2, grifos nossos).

Neste momento, precisamos tomar consciência do que foi o Período Colonial. Para tal, buscamos na literatura autores que estudaram a fundo o que foi esse processo. Como descrito anteriormente, a paisagem da Serra e da cidade de São João Del-Rei, foram modificadas pela chegada do colonizador. Na cidade, símbolos foram criados; na Serra do Lenheiro, a paisagem também foi modificada, entretanto, não existe – na atualidade – um tombamento histórico que leve a Serra a esse período.

Fazendo com que exista, na paisagem da Serra do Lenheiro, um apagamento do que foi o Período Colonial, desta maneira, a pesquisa tomou como elemento simbólico na Serra do Lenheiro, aqueles segmentos que foram construídos no Período Colonial e que, na paisagem atual da Serra, pudessem ganhar algum significado na luta contra os elementos da colonização.

O combate à colonização é problema atual da sociedade brasileira, isto porque as heranças coloniais, juntamente com o sistema capitalista, são eixos geradores de desigualdades sociais em que vivemos hoje, causando nas relações sociais profundos conflitos, construindo, uma sociedade presa aos padrões mentais e institucionais escravocratas, racistas, autoritários e violentos (Almeida, 2019).

O processo de colonização do Brasil teve início em 1500, com a chegada dos portugueses. Esse não é um fato histórico só do Brasil, outros países também tiveram o mesmo processo histórico, isto porque Portugal e Espanha, nos séculos XV e XVI, eram defensores deste processo.

Mais tarde, especialmente no século XVIII, Holanda, Inglaterra, França e outros países europeus também participaram do mesmo sistema. Como consequência, esse processo histórico supracitado contribuiu fortemente para a acumulação originária do capital e o conseqüentemente desenvolvimento capitalista no Ocidente europeu (Gorender, 2016).

Na época, Portugal era pioneiro de um novo tipo de tráfico na História Moderna, que consistia em escravizar negros trazidos pelos navegadores, que desciam pela Costa Ocidental Africana. A qual tinha três finalidades para os portugueses, em

primeiro lugar, a Coroa e os traficantes concessionários obtiveram uma fonte de grandes lucros na venda de negros à Espanha, à Itália e aos donos das plantagens produtoras de açúcar nas ilhas mediterrâneas.

Segundo lugar, os portugueses desenvolveram suas próprias suas próprias plantagens escravistas nas ilhas da Madeira e de São Tomé, bem como, em menor grau, nos arquipélagos dos Arcos e de Cabo Verde. [...]

E, por fim, o trabalho escravo se introduziu no próprio território metropolitano de Portugal. Milhares de negros foram absorvidos pelo serviço doméstico e pelos mais variados serviços urbanos, sobretudo em Lisboa, que chegou a ter um décimo de sua população constituída de negros. E, mais importante ainda, introduziram-se os escravos africanos na esfera produtiva da agricultura, utilizados no desbravamento de terras virgens e mesmo na rotina da produção agrícola (Gorender, 2016, p. 59).

Sendo o Brasil colonizado por Portugal, que tinha consigo uma forte experiência junto da escravidão e a pastagem, não poderia ser diferente na nova colônia. Logo, o sistema escravocrata foi implantado, mas não sem antes uma tentativa de escravizar os povos autóctones (leia-se, também, indígenas).

No momento inicial da colonização, os povos autóctones organizavam-se em sociedades tribais, os quais, segundo Moraes (1999, p. 296), eram “aldeias autônomas, que circunstancialmente se agregavam em alianças efêmeras sob o comando de um líder carismático: um chefe guerreiro ou xamã (no caso dos Guaranis)”.

As tribos eram diversas, o que levava à diferentes culturas, crenças e costumes, mas essa organização no território não era bem-vista pelo colonizador, já que isso possibilitava autonomia dos nativos que, de alguma forma, já conheciam o território em que viviam e que poderia ser útil em um ataque aos colonizadores, neste sentido

O colonizador visava a força do trabalho do índio e sabia que está só poderia ser obtida com a “expropriação territorial, pela escravização e pela destribalização (ou seja, pela desorganização deliberada das instituições tribais, que pareciam garantir a autonomia dos nativos e eram vistas como ameaças à segurança dos brancos)” (Moraes, 1999, p. 306-307).

Sendo o Período Colonial um momento de extrema violência, autoritarismo, perseguição contra povos autóctones, fazendo com que diversas tribos indígenas fossem dizimadas, porque o colono europeu não conseguiu encarar o indígena senão como trabalhador a seu serviço. Ou seja, caso o indígena não se acomodasse a trabalhar a serviço do branco, ele era considerado índio brabo, selvagem ignorante e bárbaro (Moraes, 1999).

Tal como os povos autóctones, a população negra também foi escravizada, morta, violentada e dizimada no Período Colonial. A população negra teve sua origem no continente africano, a qual foi tirada das suas tribos originárias e trazidas para o Brasil, em condições sub-humanas, em navios negreiros, com início em 1530 e com duração por mais de 300 anos.

Os africanos chegaram ao Brasil destribalizados, arrancados do meio social originário e convertidos à força em indivíduos dessocializados. O tráfico arrebanhou negros procedentes de inúmeras etnias, diversos dialetos, costumes, tradições e crenças (Gorender, 2016).

Do mesmo modo, a população negra traficada e escravizada foi introduzida na formação socioespacial da cidade de São João Del Rei. Na década de 1830, segundo dados levantados por Silva (2017, p. 79) a “cidade tinha um total de 28.061 indivíduos. Sendo que a maioria era composto por homem, neste sentido 63,22% eram compostos por livres ou forros ¹ e 36,78% por escravos ou coartados”, as informações citadas ressaltam a ligação da população negra na construção da cidade de São João Del-Rei.

Como parte da paisagem da época, a Serra do Lenheiro também teve seu relevo colonizado e sua paisagem modificada. Como resultado, o espaço geográfico da Serra foi construído por elementos que contam a passagem do colonizador. O canal dos ingleses e as bêtas são elementos construídos nesse período, tendo sua fundação no trabalho de pessoas pretas em situação de escravidão.

O canal dos ingleses foi construído no relevo da Serra do Lenheiro por mão de obra escrava, para trazer água para a lavagem do cascalho aurífero. Seu principal canal na paisagem da Serra tem um trajeto de 1,5 a 2 Km de extensão, terminando em um dique conhecido como mundéus (Ferreira, 2017).

Segundo um estudo realizado pela Secretária do Municipal de Cultura e Turismo de São João Del-Rei, em 2016, o canal teve sua construção no século XVIII, sendo o proprietário da época João Rodrigues da Silva. Assim, de acordo com o documento, a função do canal era

Fazer a água percorrer pela encosta serrana, onde não havia nascentes próximas aos veios de ouro encontrados, com o objetivo de propiciar a lavagem do cascalho aurífero. O mesmo se desenvolve em curva de nível fazendo a conexão entre a Serra do Lenheiro e o Alto do Senhor dos Montes passando pelo Morro das Almas e Serra do Caititu (Arquivo da SMCT, 2016, p. 15).

¹ A partir do século XVII, a palavra *manumittere* (do latim “libertar das mãos”) passou a ser amplamente empregada como sinônimo de alforria, donde derivou o termo jurídico *manumissio*, traduzido para o português como *manumissão*, compreendendo o ato de deixar forro um escravo, ou de outorgar-lhe uma carta de alforria. [...] Dessa forma, pelo menos na tradição forense, alforria e manumissão possuem o mesmo significado, pois ambas se referem à condição jurídica alcançada pelo escravo que recebeu e/ou comprou a sua liberdade, tornando-se, assim, alforriado, forro, liberto ou manumisso (Silva, 2017, p. 32).

Atualmente, o canal (figura 5) não está sob a proteção direta de nenhum órgão de preservação, seja municipal, estadual ou federal. Apensar dele está em parte dentro da poligonal do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro e como a paisagem da Serra é tomada para fins paisagístico, ele faz parte deste tombamento (SMCT, 2016).

Figura 5. Canal dos ingleses: parte interna.



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Já as bêtas são galerias de mineração em talho fechado, espalhadas em pontos distintos da Serra do Lenheiro, essas, assim como o canal dos ingleses, são engenharias construídas à época para a exploração dos minerais preciosos, na busca para obter o máximo de lucro possível no material escavado, modificando a paisagem da Serra pela intervenção humana (Figueiredo, *et al.*, 2018), e deixando a herança do trabalho dos escravizados.

Assim como o ouro era precioso na época, a água também era de extrema importância, tanto que o canal dos ingleses foi construído justamente para fazer a distribuição da água no relevo montanhoso, com destaque para disques, conhecidos como mundéus, imensos reservatórios retangulares, ou semicirculares, construído por pedras ligadas por argamassa ou barro (Ferreira, 2017). Essa engenharia tinha um funcionamento muito complexo para época,

entretanto, na busca pelo ouro, a estrutura do relevo foi transformando-se e a construção das barragens foi uma das medidas tomadas à época, assim, foram

construídas barragens artificiais a montante, escavados canais (o principal foi o Canal dos Ingleses) que traziam água por gravidade de nascentes até os locais onde os detritos rochosos ricos em ouro retirados das escavações subterrâneas - túneis localmente conhecidos como Bêtas, e dispostos para o beneficiamento em baixios escavados no terreno barrados a jusante por muros de pedras justapostas ou de terra impermeabilizados com argila, os denominados Mundéus. Outra forma de explorar os detritos rochosos ricos em ouro, era através de cortes que buscavam os planos de fraturas da rocha quartzítica, também localmente denominados de Grupiaras (Figueiredo *et al.*, 2018, p. 64).

Esses são resquícios da mineração do período pré-industrial vigente no Brasil colonial setecentista – anterior ao século XIX – (Figueiredo *et al.*, 2018), e, sobretudo, os resquícios da exploração da região pelo colonizador, que acabou deixando marcas no relevo.

Considerando que, “qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura” (Cosgrove, 1989, p. 102), esses elementos construídos na paisagem podem ser tidos como patrimônio cultural histórico da cidade de São João Del-Rei. Ou, talvez, deva ser considerado um patrimônio nacional, já que é um registro vivo da nossa formação territorial.

Entretanto, diante da tomada de consciência do que foi o Período Colonial, um momento extremamente racista que criou na sociedade desigualdades abissais ao longo do tempo; e sabendo que os casarões, igrejas e palácios do Período Colonial têm sido tratados como parte da identidade nacional e que pouco representa a verdadeira história da nossa formação territorial e são parte de uma hegemonia cultural branca colonial.

Os elementos construídos na paisagem da Serra do Lenheiro podem, na atualidade, ser considerados instrumentos de luta contra o Período Colonial, uma vez que diferente dos casarões, igrejas e palácios do período, eles não foram construídos para mostrar o poder da elite da época e nem pertencem à cultura hegemônica. Pelo contrário, eles são resquícios da imposição étnica racial dos colonizadores sobre a população negra.

Desta maneira, ao citarmos esses elementos com símbolo do Período Colonial no Brasil, teremos um instrumento de luta nas pautas sociais e raciais do nosso país. E, ao encarmos esses elementos como símbolo, é possível pensar a Serra do Lenheiro no futuro como um museu a céu aberto da escravidão, assim como existe o museu do Apartheid, na África do Sul, e do Holocausto, em Berlim, o Brasil também precisa ter o seu passado desenterrado para projetarmos o futuro da sociedade brasileira.

Ao dar visibilidade e significados a esses elementos presentes na Serra do Lenheiro, na atualidade, estamos trazendo para a paisagem da cidade de São João Del-Rei e para o Brasil a outra parte da história, que, por vezes, tem sido apagada ao longo dos séculos. Desta maneira, esses elementos simbólicos devem ser vistos como pauta de luta contra o epistemicídio e “memoricídio” de populações renegadas por nossa sociedade atual.

Contudo, o próximo item da dissertação, denominado ‘a construção de um símbolo na paisagem’, apresenta os resquícios do Período Colonial na paisagem da Serra do Lenheiro, demonstrado qual o significado de ter esses elementos como símbolos na paisagem da Serra na atualidade.

3.2.1 A Construção de um Símbolo na Paisagem

Na perspectiva histórica, nota-se a intrínseca relação entre o ser humano e a Serra do Lenheiro na paisagem sanjoanense – considerando, por sua vez, que da interação do ser humano com os ambientes naturais as paisagens simbólicas surgem transformações (Corrêa, 2007).

Nesse sentido, assim como ocorreu na paisagem urbana do município da cidade de São João Del-Rei – que contém elementos simbólicos construídos no Período Colonial, que atualmente ainda tem significados para população, e que tanto que são vistos em diferentes manifestações culturais do município – pode-se dizer que aconteceu o mesmo para a Serra do Lenheiro.

Os casarões e as igrejas construídos na paisagem da cidade mostram o poder cultural da elite branca da época, diferente das origens dos elementos edificadas na paisagem da Serra do Lenheiro, que são resquícios justamente desse poder, os quais demonstra uma sociedade da época baseada nos padrões escravocratas, racistas, autoritários e principalmente violentos.

A origem da construção destes objetos materializados na paisagem da Serra do Lenheiro, conta parte da história da formação do espaço sanjoanense e parte da história brasileira. Diante disto, compreende-se que a paisagem cultural simbólica erguida pelo homem pode manter o poder hegemônico de classe social, dividir a sociedade em casta, etnia e gênero (Cosgrove, 1989).

A fim de quebrar com essa hegemonia cultural na paisagem da cidade de São João Del-Rei e desnaturalizar os padrões racistas da sociedade brasileira, esses elementos edificadas na paisagem da Serra do Lenheiro devem ser vistos como símbolos (Souza, 2017).

Entretanto, precisamos ter em mente um ponto fundamental para considerar esses elementos como símbolo na paisagem, esses são resquícios simbólicos do período escravocrata.

Contudo, a sociedade racista atual, não é o resto da escravidão, isto porque conforme as ideias de Almeida (2019)

O racismo não é um resto da escravidão, até mesmo porque não há oposição entre modernidade/capitalismo e escravidão. **A escravidão e o racismo são elementos constitutivos tanto da modernidade**, quanto do **capitalismo**, de tal modo que não há como desassociar um do outro (Almeida, 2019, p. 183, grifos da autora).

Assim, o período escravocrata não determinou o racismo, todavia, ele serve como ferramenta para estereotipar determinados grupos étnicos, em especial, a população negra. Além disso, é importante ressaltar que o racismo é fundamentado na raça, e esse se “manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminem em desvantagens ou privilégio para indivíduos, a depender do grupo racial a qual pertençam” (Almeida, 2019, p. 183).

Logo, ao ter esses objetos na paisagem como símbolos, não significa dizer que houve uma superação do racismo ou que a escravidão foi apenas um fato no passado, pelo contrário, o fato de ter esses elementos como símbolos da escravidão, significa dizer que o presente não se explica sem o passado (Souza, 2017).

Esses símbolos representam a desumanização da população negra em um período da história, e, ao mesmo tempo, mostra as origens da naturalização das desigualdades sociais, que legitima a segregação e o genocídio de grupos socialmente considerados minoritários (Souza, 2017; Almeida, 2019).

A história da paisagem da Serra do Lenheiro confirma as origens de uma cultura baseada na raça, na violência e no poder de um determinado grupo social. O qual, inquestionavelmente, gera conflitos raciais violentos e desigual cotidianamente na atualidade (Bosi, 1992).

Contudo, é importante ressaltar que “a cultura não é algo que funciona através dos seres humanos; pelo contrário, tem que ser constantemente reproduzida por eles em suas ações” (Cosgrove, 1988, p. 101). Desta maneira, é possível pensar na construção de uma nova cultura baseada em outros valores morais que não cristalizam os aspectos coloniais, mas sim, decolonial, anticolonial e pós-colonial.

Assim sendo, querer mudar uma cultura racista pode ser visto como uma tarefa difícil, um bom começo é a consciência da existência desses problemas. Desta maneira, ao ter a paisagem da Serra do Lenheiros como símbolo, ou pensar a Serra como museu da escravidão, existe uma tomada de consciência sobre os problemas causados pela colonização.

Todavia, ao reconhecer os símbolos da Serra do Lenheiro e mostrar as suas origens, trazemos para a cultura atual uma nova forma de pensar o espaço social. E, mais do que isso, esses símbolos podem contribuir para o combate ao epistemicídio e “memoricídio” de grupos

socialmente considerados minoritários (Santos; Meneses, 2010). A seguir, apresentamos, os elementos simbólicos na área de pesquisa, dando a eles significados.

3.2.2 Serra do Lenheiro e seus Símbolos

A História conta o passado de uma sociedade. E a paisagem é o resultado da interação do ser humano com o ambiente natural, registrando no espaço a interação como forma de herança (Santos, 2016). Ao defender a paisagem da Serra do Lenheiro como elemento simbólico na paisagem de São João Del-Rei, em outras palavras, estamos reconhecendo que sua paisagem é fruto de um processo histórico, tanto natural como cultural, vindo da interação do ser humano com o meio.

Assim, considerando os pensamentos do geógrafo Milton Santos, que ver a paisagem como um “conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (Santos, 2016, p. 66).

A partir de agora, neste estudo, vamos para a atual *paisagem* da Serra do Lenheiro, para identificar nela os elementos que caracterizam esta área como simbólica. Isto porque a paisagem pode ser vista e pensada como um meio de revelar as relações no espaço, ao longo do tempo (Santos, 2016).

Dito isso, entendendo que a “paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos” (Santos, 2016, p. 67), buscamos na Serra do Lenheiro os elementos que comprovam a interação do ser humano com este ambiente.

Ou seja, mostrar a interação do ser humano com esse ambiente ao longo do tempo por meio da paisagem transversal da Serra do Lenheiro, e dos objetos criados desta interação, visualizando o passado e presente que caracterizam a Serra do Lenheiro como uma paisagem simbólica no espaço da cidade São João Del Rei.

Pois almeja-se fazer uma relação destes objetos com o passado e o presente, ou melhor, mostrar sua função no passado e seu significado no presente. Isto é possível porque a Serra do Lenheiro traz em seu relevo marcas da Pré-história e do Período Colonial, os quais, como descrito acima, são importantes para compreender o espaço sanjoanense e as relações sociais constituídas na sociedade brasileira.

Neste contexto, o primeiro elemento simbólico da Serra do Lenheiro que ganha significado na atualidade são as pinturas rupestres. Essas são marcas dos primeiros povos da América e podem ser vistos como herança da história da humanidade.

Assim, sabendo que a paisagem é sempre uma herança, ao encontrar no espaço físico da Serra do Lenheiro as pinturas rupestres, temos a noção de que antes mesmo do conceito de formação territorial brasileira, existia na Serra do Lenheiro durante a Pré-história, uma relação entre o ser humano e o ambiente serrano. O sítio arqueológico está localizado na área de estudo, no morro de Três Pontões. As pinturas rupestres estão localizadas no fim de uma trilha com mata fechada com grandes paredões rochosos, a trilha em questão é bem íngreme.

A descoberta deste sítio rupestre na Serra do Lenheiro ocorreu nos anos 70 por militares, os quais hoje são responsáveis pela área e pela conservação do sítio. Atualmente essa área é utilizada para instrução de montanhismo do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha do Exército, de São João del-Rei e por escaladores da região. O terreno foi comprado pelo exército em 8 de maio de 1985, com verba do Fundo do Ministério de Exército (Resende *et al.*, 2006).

Figura 6. Placa encontrada na trilha para acesso ao sítio arqueológico, instalada pelo 11º Batalhão de Infantaria de Montanha do Exército.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A geologia onde está localizado o sítio arqueológico, assim como as demais áreas da Serra do Lenheiro, é predominantemente de quartzitos, este se formou “(...) como um sítio de abrigo que, em afloramento arenítico e por causa do desrolamento do teto acabou por ficar exposto às intempéries comprometendo os vestígios de cultura material” (Resende *et al.*, 2006, p. 8).

Mesmo sob as influências dos processos erosivos, ainda no paredão rochoso de quartzito é possível visualizar uma imagem clara das figuras que compõem o sítio arqueológico. Conforme descreve (Sales, 2012, p. 191), a “cena combina a presença de seres zoomorfos e antropomorfos (uma “família” de seres humanos esquematizados), com bastonetes e

pontilhados, todos em vermelho”. Cada sítio arqueológico apresenta um tipo de grafismo, os que compõem o sítio do Lenheiro são descritos da seguinte forma

A composição das figuras rupestres combina presença do cervídeo com bastonetes, copules e alguns seres zoomorfos. A presença dominante do “mitograma” cervídeo não deixa dúvidas de que esse cenário é mais um exemplar da tradição Planalto (Resende *et al.*, 2006, p. 12-13).

Ainda de acordo com o pensamento da autora, a arte rupestre pode ser feita com diferentes recursos básicos. Sua elaboração pode ser feita de duas maneiras, a primeira é por gravura ou petróglifos, que são gravados nas pedras, e geralmente são encontrados em áreas planícies isoladas, com a presença de água no entorno ou ainda em pequenas serras ou morros isolados; já a segunda forma, a qual se apresenta na Serra do Lenheiro, são as pinturas localizadas em afloramentos à céu aberto ou nas cavernas.

Figura 7. Pinturas rupestres.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Esses são símbolos de inscrições deixadas pelas populações consideradas pré-históricas, ou seja, são heranças que contam a história de povos que ali viveram e sua evolução, tão logo, “o patrimônio arqueológico é considerado herança comum a toda a humanidade” (Santos, 2016, p. 42).

As figuras demonstram a existência de uma interação entre o ser humano e a Serra do Lenheiro antes do processo violento de colonização, na verdade, esse pode ser considerado o

primeiro contato entre os povos originários e a Serra, antes mesmo de ser conhecida como Serra do Lenheiro, ou melhor com a natureza da Serra. As pinturas rupestres mostram que as terras brasileiras já eram povoadas antes da “invasão” dos europeus

o nosso território já era profundamente conhecido por aquelas sociedades indígenas descendentes dos primeiros povoadores das Américas. Os grupos indígenas viviam aqui numa relação simbiótica com o meio, já transformado numa “paisagem antrópica”: misto de caracteres naturais e culturais (Resende *et al.*, 2010, p. 111).

Devido a importância das figuras rupestres, existe leis no âmbito municipal, estadual e federal para a proteção deste tipo de patrimônio. Nesse sentido, o sítio da Serra do Lenheiro está sob a proteção do exército do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha do Exército, de São João del-Rei, a área onde situam-se as artes tem o seu acesso restrito e, em volta da cena, existe uma tela de proteção, protegendo as figuras de possíveis degradações e vandalismo (Resende *et al.*, 2006).

O segundo elemento simbólico que ganha significado na paisagem da Serra do Lenheiro foram os construídos durante o Período Colonial. O primeiro deles é o canal dos ingleses, como já apresentado anteriormente, agora, veremos as bêtas e os muros de pedra.

Porém, esses elementos na paisagem devem ser lidos conforme o contexto histórico que foram criados, já que “A paisagem é um depósito imensamente rico em dados sobre as pessoas e a sociedade que a criaram, mas esses dados devem ser colocados no contexto histórico apropriado se o desejo é que sejam interpretados corretamente” (Meinig, 2002, p. 43).

Ciente que, os símbolos do Período Colonial da Serra do Lenheiro têm origem da busca do colonizador pelo ouro e sabendo que esse contexto histórico foi de extrema violência e grandes barbáries – tanto para os povos originários como para a população negra – esses símbolos devem ser lidos no seu contexto original e trabalhados na atualidade em função do combate às desinformações da época.

No Brasil colônia o corpo negro foi altamente explorado e dominado, configurando na atualidade uma representação negativa e estereotipada deste grupo, produzindo relações de inferioridade, subalternização e segregação (Souza, 2016). Como dito anteriormente, não foi a escravidão que criou o racismo, mas foi esse período que naturalizou na sociedade brasileira a discriminação e os preconceitos a determinados grupos sociais, principalmente a população negra (Ribeiro, 2017).

Diante disso, a população negra sem dúvida foi (e ainda é) fortemente afetada pela formação colonial, devido aos estereótipos da colonização e a naturalização das desigualdades sociais espalhadas por todo o território brasileiro (Souza, 2017). Dos resquícios deixados desse

período, o que mais chama atenção na atualidade é genocídio da população negra, que tem origem nos navios negreiros e permanece na sociedade até os dias atuais, com algumas de suas práticas ressignificadas ao longo do tempo.

De acordo com o pensamento de Abdias do Nascimento, no Brasil, o genocídio contra a população negra acontecesse de várias formas, seja por meio da política, da cultura e da economia (Alves, 2018). Diante disso, autores como Djamila Ribeiro e Silvio Almeida, que estudam na atualidade as questões raciais, afirmam que o Estado brasileiro faz parte deste genocídio da população negra, legitimado através de “política de segurança pública voltada para a repressão e o extermínio de pessoas negras, sobretudo homens” (Ribeiro, 2019, p. 38), e, também com a falta de políticas públicas para essa população.

Diante da problemática levantada sobre a população negra, os símbolos da Serra do Lenheiro na atualidade ganham outro significado para a população negra, que não são apenas símbolos do período escravocrata, eles podem ser vistos como uma forma de ressignificar e quebrar os estereótipos da população negra.

Sabendo que o combate o preconceito e a discriminação passam pelo conhecimento, assim como no ano de 2003, foi criada e sancionada a Lei nº 10.639, a qual alterou a Lei nº 9.394 de dezembro de 1996, a qual dita as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo assim o tema “História e Cultura Afro-Brasileira e africana”, como obrigatório no Ensino Fundamental e Médio, tanto às escolas públicas, quanto as redes de ensino privadas.

Os símbolos da Serra do Lenheiro, podem ser levados para a sala de aula, a fim de trazer conhecimentos sobre a história do Brasil, tanto quanto mostrar a realidade do que foi a nossa formação social brasileira, as origens das discriminações e dos preconceitos e, mais do que isso, mostrar a realidade da cultura negra que também chegou pelos navios negreiros. A partir destes objetos, é possível apresentar a cultura da população negra, mostrar os saberes, as tradições e a ciência feita por esse grupo.

Acredita-se, portanto, que é preciso debater em sala de aula sobre a população negra no nosso país, e o mais importante desta tarefa é dirimir os estereótipos incutidos na população negra, apresentados nos livros e nas histórias, tendo como base pessoas como Dandara, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Emicida, Luiz Gama, Silvio Almeida, entre tantos outros negros da sociedade brasileira; que não tem seu nome dito ou reconhecido por ter pele negra, contudo, esses objetos têm a função de chamar academia para o debate racial.

Retornemos, de fato, aos conhecimentos dos símbolos, as bêtas e o canal dos ingleses, que foram construídos no Período Colonial através da mão de obra escravizada na busca pelo ouro – esses estão em diferentes localizações do relevo da Serra do Lenheiro.

Os Muros de Pedras (figura 8) podem ser visto ao longo das trilhas da Serra, esses são muros construídos com pedras da região “para divisão de Sesmaria na comarca do Rio das Mortes. Sesmaria era um lote de terras distribuído a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar terras virgens” (Ferreira, 2017, p. 217).

Figura 8. Muro de Pedra. Um pequeno trecho do muro que fica localizado próximo ao bairro Senhor dos Montes, em toda a paisagem da Serra existe resquícios do muro de pedra.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Com relação as bêtas, algumas estão situadas nas áreas de encosta Serra do Lenheiro, outras em áreas públicas ou em lotes residenciais (Silva, 2021, p. 3). Ainda segundo a autora, existe no município de São João Del-Rei a chamada “cidade invisível”, já que as bêtas são galerias no subsolo da cidade. Na paisagem atual da Serra e do município, são conhecidas três bêtas principais, a mais famosa é a Mina Tancredo Neves e as outras duas são Bêta do barracão e a Mina do Tanque (Silva, 2021).

Figura 9. Bêtas.



Fonte: Para não queimar o futuro, 2021.

Essas bêtas estão na proximidade da Serra e estão ligadas a exploração do ouro na Serra do Lenheiro. Ainda existe poucos estudos sobre esses objetos e o descaso do poder administrativo é uma realidade. Esse espaço muitas das vezes é usado par depósito de lixo e ainda existe “constantes ameaças de desabamento” em algumas delas (Silva, 2021).

Para Tuan (2012, p. 203), “um símbolo é um repositório de significados. Estes emergem das experiências mais profundas que se acumulam através do tempo”, veja que a paisagem do Lenheiro guarda símbolos com significados ao longo do tempo, fazendo com que a paisagem da Serra seja composta de inúmeros símbolos, formando uma paisagem simbólica.

Ainda conforme os pensamentos do autor, “quanto mais específico e representativo o objetivo, tanto menor a probabilidade de sobreviver [...]. Com o passar do tempo, a maioria dos símbolos públicos perdem seu status como lugar e simplesmente obstruem o espaço” (Tuan, 2013, p. 202).

Esse seria o caminho natural do canal dos ingleses, muro de pedras e das bêtas, entretanto, diante ao contexto histórico da sua construção e a luta descolonial da sociedade atual, esses objetos ganham cada vez mais valor na paisagem sanjoanense.

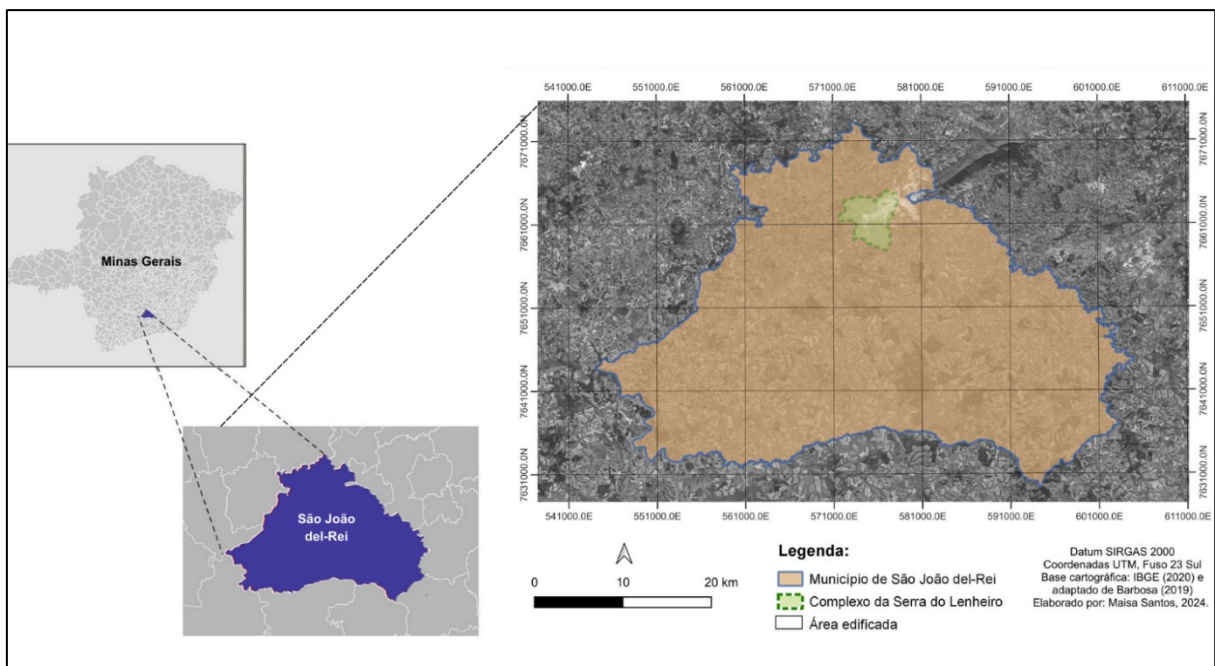
Assim, ao analisamos a paisagem da Serra do Lenheiro, elementos simbólicos do Período Colonial e da Pré-história foram encontrados. Através destes elementos, vimos uma

paisagem histórica carregada de significados tanto pelo contexto histórico da construção, como pela importância desses objetos na atualidade.

Por fim, a hipótese de que a paisagem da Serra do Lenheiro foi construída de símbolos foi parcialmente corroborada, visto que na paisagem da Serra é possível encontrar elementos construídos em diferentes tempos históricos que demonstram uma relação entre o ser humano e o ambiente natural da Serra, construindo símbolos que foram ganhando significado ao longo do tempo.

Para uma melhor compreensão da localização dos pontos citados durante a dissertação, os pontos vão ser referenciados dentro do complexo da Serra do Lenheiro. Esse é um termo defendido por Barbosa (2019)². A escolha por trabalhar com a base georreferenciada do Complexo da Serra do Lenheiro no formato de shape, pelo referido autor é porque um dos conceitos chaves desta pesquisa é a paisagem. E segundo o autor existe na paisagem sanjoanense o Complexo da Serra do Lenheiro (Barbosa, 2019).

Figura 10. Mapa 2. Complexo da Serra do Lenheiro.

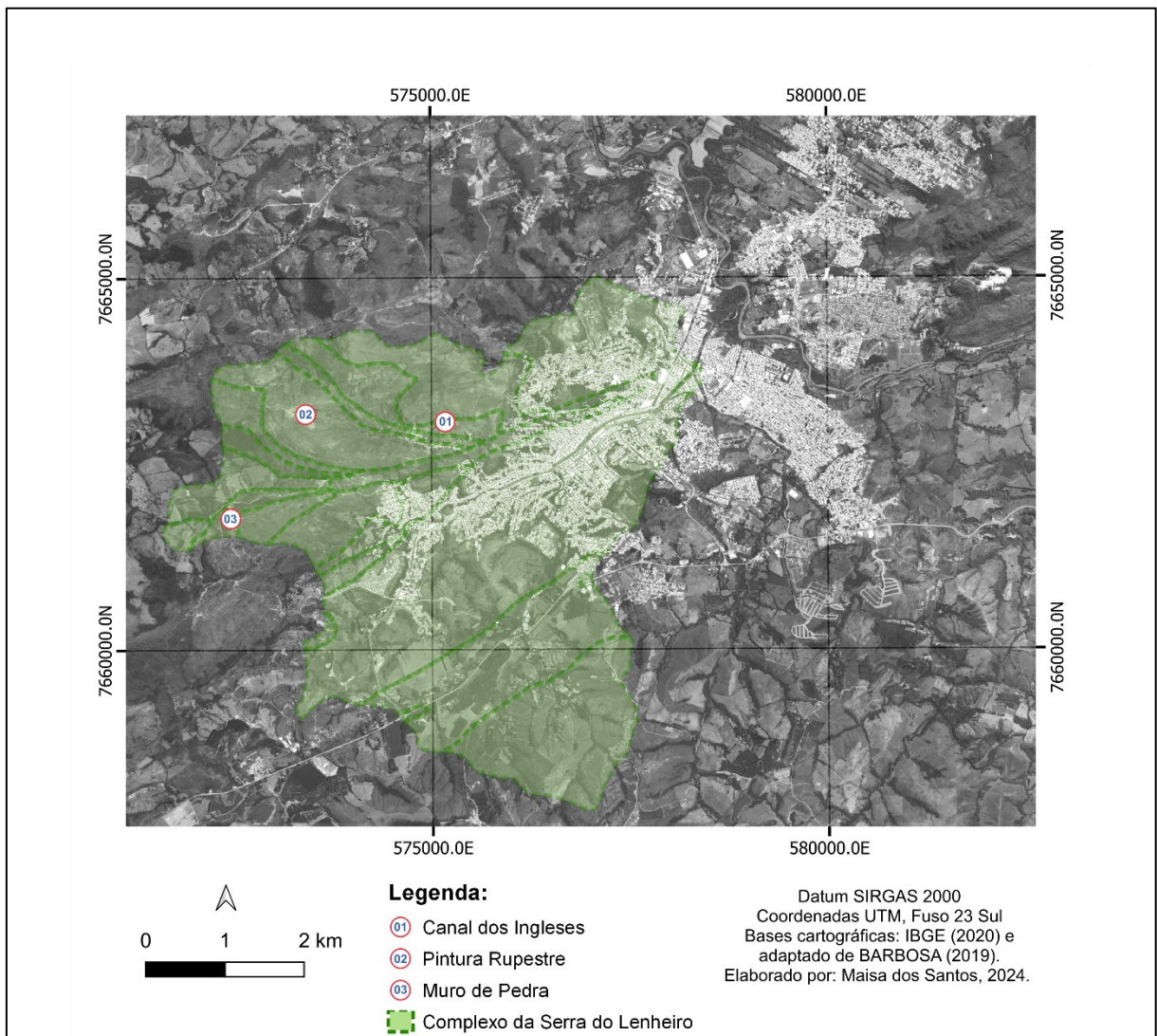


Fonte: Elaborada pela autora.

A seguir, o mapa 3 com a localização de parte do canal dos ingleses, muro de pedra e as figuras rupestres no Complexo da Serra do Lenheiro.

² BARBOSA, H. S. L. **As transformações históricas e a dinâmica atual da paisagem da Serra do Lenheiro, São João Del-Rei, Minas Gerais.** 127 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), São João Del Rei, 2019.

Figura 11. Mapa 3. Símbolos criados na paisagem serrana do Lenheiro.



Fonte: Elaborado pela autora.

3.3 PAISAGEM SERRANA DO LENHEIRO

Antes de descrever sobre a relação dos grupos com o espaço geográfico da Serra, vejamos um pouco mais sobre a atual paisagem da Serra do Lenheiro, a qual, por decreto municipal, tem a sua área tombada para efeito de preservação paisagística desde 1988 (Morand; Schiavoni, 2017).

Uma década depois, ocorreu a criação do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro, criado pela lei municipal 3356/1998, de 01 de abril 1998, com área de 2.075.000m², bem como a zona de amortecimento de 4.973.13 ha. Segundo o art 2º do anexo A, o parque é uma unidade de conservação de proteção integral, de uso indireto, que tem por objetivos

- I – Contribuir para a manutenção da diversidade biológica e dos recursos genéticos;
 - II – Proteger as espécies ameaçadas de extinção;
 - III – Contribuir para a preservação e a restauração de diversidade de ecossistemas naturais;
 - IV- Promover o desenvolvimento sustentável, a partir dos recursos naturais;
 - V – Promover a utilização dos princípios e práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento.
 - VI – Proteger a paisagem natural beleza cênica;
 - VII – Proteger as características relevantes de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica, histórica e cultural;
 - VIII- Proteger e recuperar recursos hídricos e edáficos;
 - IX- Recuperar e restaurar ecossistemas degradados;
 - X- Proporcionar meios e incentivos para atividades de pesquisa científica, estudos e monitoramento ambiental;
 - XI – Valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica;
 - XII – Favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico;
 - XIII – Promover social e economicamente a população residente no entorno.
- (São João Del-Rei, lei municipal 3356/1998, de 01 de abril 1998, s/p)

Mesmo sendo uma área de unidade de conservação, a Serra passou por grandes problemas de impactos ambientais, como: resíduos sólidos descartados de forma irregular, lixo urbano das residências ao redor da Serra, esgoto a céu aberto e a intensificação dos processos erosivos nas trilhas que são agravados pelos veículos motorizados, principalmente as motos off-road (Barbosa, 2019).

No espaço físico da Serra, a degradação ambiental na paisagem é visível, a figura 12 mostra o esgoto a céu aberto de residências próximas à Serra. Como algumas das residências fazem parte do limite físico da Serra e com a ausência de saneamento básico, o esgoto é depositado diretamente em algumas das trilhas da Serra, sendo levado para os córregos e nascentes dentro da Serra. O da figura abaixo é de algumas casas do bairro Senhor dos Montes.

Figura 12. Poço de esgoto a céu aberto.



Fonte: Acervo pessoal.

Outro problema ambiental na área de pesquisa são as queimadas. Essas são frequentes no período da seca, a figura 13 ilustra o registro da cicatriz do fogo na vegetação durante o ano de 2019. As queimadas, por sua vez, são realizadas repetidamente no período de seca, compreendido entre os meses de abril a setembro. Neste momento, intensifica-se o risco da propagação do fogo, ocorrendo os incêndios florestais devido ao período de estiagem, bem como causando a morte de animais e a poluição no ar com as fuligens do fogo.

Figura 13. Cicatriz do fogo na vegetação da Serra do Lenheiro.



Fonte: Acervo pessoal.

Além disso, outro impacto ambiental que ocorre constantemente na Serra, como mostra a figura 14, é o lixo urbano, ou seja, entulho da construção civil, restos de madeira de móveis e, principalmente, objetos que não são recolhidos pelo caminhão de lixo.

Figura 14. Entulho da construção civil e lixo urbano.



Fonte: Acervo pessoal.

O parque é tombado pela prefeitura municipal de São João Del-Rei, Minas Gerais, entretanto, existe um descuido por parte do poder público, como, por exemplo: falta de portaria, guarda - parque diário. Além disso, existe dentro da delimitação do espaço a presença de animais domésticos, como: cavalo, vaca para a pecuária. Acrescido a esses problemas, a sinalização das trilhas são poucas, algumas feitas pela Escola Estadual Idalina Horta Galvão em madeira, como mostra a figura 15 (Pereira, 2022). Ao fundo da figura, outra placa sinalizando a existência do parque, dessa vez, instalada pela prefeitura municipal.

Figura 15. Placa sinalizando a existência do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Outro grave problema ambiental enfrentado pela sociedade sanjoanense, que está diretamente ligado à paisagem da Serra do Lenheiro é o Córrego do Lenheiro. A nascente do córrego fica dentro dos limites da Serra, mas o seu leito passa por dentro do espaço urbano de São João Del-Rei. Em diversos trechos do leito, ele recebe esgoto urbano, como descrito anteriormente neste estudo (Santos, 2017).

Mesmo os impactos ambientais na Serra do Lenheiro sendo um problema real, a paisagem da Serra do Lenheiro ainda é belo atrativo natural da paisagem de São João Del-Rei, tanto que o ambiente é habitualmente frequentado por diversos grupos sociais que buscam, na paisagem, diferentes interações. Para conhecer e identificar alguns destes grupos, realizamos trabalhos de campo na área de estudo com o intuito de observar as relações construídas entre os grupos e o espaço.

Inicialmente, são descritos três grupos distintos, os quais foram divididos conforme a atividade que realizava na Serra, isto porque a paisagem é valorizada de acordo com as qualidades físicas oferecida ao ser humana, ou seja, o ambiente é valorizado de acordo com o que ele pode oferecer (Sauer, 1998).

Assim, o primeiro grupo é composto de turistas que buscam na Serra o contato com a natureza ou querem conhecer a história do lugar. Já o segundo grupo, são os que procuram na paisagem da Serra um lugar para aprofundar os conhecimentos teóricos ensinados em sala de aula. E o último grupo, são os que buscam a Serra para desempenhar práticas esportivas.

Deste modo, ficou estabelecido três visões diferentes acerca da mesma paisagem, isto porque cada grupo tem uma forma de interagir com a Serra devido a atividade que realiza-se no espaço. Esse parâmetro foi estabelecido, porque “duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente” (Tuan, 2012, p. 21), assim, os três grupos que frequentam a Serra do Lenheiro para atividades distintas não veem a paisagem da Serra da mesma maneira (Meinig, 2002).

3.4 A PAISAGEM DO LENHEIRO NA PERSPECTIVA DE EXPERIÊNCIA DOS GRUPOS

3.4.1 A Paisagem do Lenheiro para o Turista

Os passeios turísticos no Lenheiro acontecem frequentemente, entretanto, por diferentes objetivos. Foram realizados dois trabalhos de campo, somando dois grupos de turistas na Serra. O primeiro grupo foi o do Museu Regional de São João Del Rei, que foi a Serra com o objetivo

de visitar as figuras rupestres. No grupo tinha em média vinte pessoas, e elas foram orientadas por um guia local. O objetivo do evento era mostrar as artes da chamada Pré-história.

Já a segunda visita foi realizada junto ao projeto Café de Graça, que é um grupo que tem por objetivo dar suporte ao estudante universitário da cidade de São João Del-Rei. O grupo é vinculado à ONG Organização Toca do Estudante, de São Paulo. As atividades têm como finalidade a promoção da Saúde Mental e a criação de vínculo do estudante com a cidade. Neste aspecto, a visita à Serra do Lenheiro tinha como objetivo a proposta de conexão do grupo com a paisagem natural de São João Del-Rei, buscando uma situação facilitadora de conexões e ações de prevenção ao suicídio.

Nas trilhas da Serra, o grupo foi guiado por Marcelo Henrique do Nascimento – ele é membro do grupo. O Marcelo também participou ativamente desta dissertação, pois ele realizou a primeira roda de conversa com os professores, na Escola Estadual Iago Pimentel, intitulada: “Um diálogo de saberes, para a construção de uma Educação Ambiental para a Escola Estadual Iago Pimentel”. Ele foi escolhido para realizar essa intervenção pedagógica por ser ex-aluno da escola e morador do bairro Tijuco, onde está situada a instituição educacional e parte do limite físico da Serra do Lenheiro. A escolha dele para participar da atividade foi porque ele conhece bem a área de pesquisa, uma vez que já trabalhou na escola e frequenta a Serra do Lenheiro.

Durante o passeio com estes dois grupos, foi possível observar entre os integrantes uma admiração pelo espaço visitado. Muitos não conheciam, outros conheciam de alguém falar e alguns já frequentavam a Serra. A relação do turista com o ambiente é bem diferente de uma pessoa que vivencia diretamente o espaço de forma contínua. O contato do visitante seria mais superficial com a natureza, no qual, segundo Tuan (2012, p. 139) “não une o homem à natureza”. Isto porque para criar laços afetivos com o *espaço*, requer tempo, intensidade e uma experiência diferente das demais paisagens. Abaixo está registrado foto dos grupos na Serra. A figura 16, mostra o cartaz do Museu Regional de São João Del-Rei, promovendo o passeio na Serra do Lenheiro para as pinturas rupestres.

Figura 16. Cartaz do Museu Regional de São João Del-Rei.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Já a figura 17, mostra os grupos de turistas na trilha principal de acesso às pinturas rupestres. Uma trilha marcada por grandes blocos rochosos, mata fechada e bem íngreme, além de ser de difícil acesso.

Figura 17. Trilha de acesso as pinturas rupestres.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Ao longo das trilhas, era possível ver o interesse dos visitantes pela paisagem através das inúmeras fotografias registradas durante o percurso, como mostra a figura 18.

Figura 18. Visitante registrando a paisagem da Serra do Lenheiro através da fotografia.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A figura 19 mostra o segundo grupo de turistas na paisagem da Serra do Lenheiro. O grupo também designou um rapaz para promover o passeio turístico. Cada grupo foi interagindo com a paisagem de acordo com seus interesses, a mesma paisagem é criada e recriada pelos grupos turísticos conforme os objetivos do passeio.

O grupo café de graças também tinha como objetivo visita as pinturas rupestres. Só que o grupo escolheu por também explorar outros atrativos turístico da Serra do Lenheiro, como a “Cachoeira da Macumba” nome popular da cachoeira, localizada em uma das trilhas da Serra próximo ao bairro Tijuco.

Figura 19. Passeio do Café de Graça - Visitantes próximos a cachoeira da Macumba.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Ao longo das trilhas, o grupo foi interagindo com outras pessoas que também visitavam a Serra do Lenheiro, como mostra a figura 20.

Figura 20. Encontro do Grupo do Caféina com ciclista que passeavam pelas trilhas da Serra.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Contudo, a paisagem da Serra do Lenheiro foi (e é) vivenciada pelo turista. Entretanto, a paisagem da Serra do Lenheiro também é utilizada como recurso pedagógico, que é o que veremos no item a seguir.

3.4.2 A Paisagem do Lenheiro para o Ensino

A paisagem do Lenheiro também é usada para complementar os ensinamentos teóricos da sala de aula. Nos trabalhos de campo desta pesquisa, foi possível acompanhar três grupos diferentes que usaram a Serra para questões relacionadas ao Ensino.

No dia 28 de maio de 2023, em trabalho de campo, acompanhei a turma da disciplina de Geologia Geral da Universidade Federal de São João Del-Rei, do Curso de Geografia. O docente ministrou uma aula prática na Serra, explorando as características geológicas do lugar e explicando aos alunos, na prática, o conteúdo lecionado em sala de aula referente à geografia física.

A figura 21 mostra a docente explicando o conteúdo acerca da formação dos alvelos em uma das cavernas da Serra – local também utilizado para a prática de escalada na Serra.

Figura 21. Alvelos presente na rocha da caverna.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Em outro ponto da Serra, o professor explicou a formação geológica rochosa da Serra do Lenheiro, mostrando aos alunos a marca das ondas presente na rocha, como pode ser visualizado na figura 22.

Figura 22. Marca de onda presente na rocha.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

As escolas do ensino básico também utilizam da paisagem Serra do Lenheiro para aulas práticas, como foi o caso das turmas do 6º e 7º ano – ciclo 3 – da Escola Criativa Idade. Alunos da disciplina de História, que saíram da cidade de Poços de Calda, Minas Gerais, – que fica a 333, 8 Km da cidade de São João Del-Rei – para visitar os símbolos coloniais da cidade como as igrejas, a fábrica antiga, as ruas históricas e os museus. No passeio, a professora também incluiu as figuras rupestres na Serra do Lenheiro para contemplar o conteúdo lecionado sobre o município.

Antes do trabalho de campo, os docentes realizaram algumas preparações com os alunos em sala de aula, como a explicação do contexto histórico da formação do município de São João Del-Rei, e a sua importância na formação histórica do Brasil. Abaixo, segue o registro de algumas das maquetes produzidas pelos alunos depois do trabalho de campo na Serra e na cidade.

Figura 23. Paisagem da Serra do Lenheiro para o Ensino Básico.



Foto 1 Maquete do aluno do 7º Ano, ilustrando as pinturas rupestres da Serra do Lenheiro, Minas Gerais. **Foto 2** Maquete do aluno do 6º Ano, ilustrando os pontos turísticos de São João Del-Rei e Tiradentes, Minas Gerais. **Foto 3** Maquete do aluno do 6º Ano, da Serra do Lenheiro, Minas Gerais.

Fonte: Bassi (2023).

Outro grupo que também visitou a Serra para prática do ensino, foram os alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo, junto com curso de Zootecnia da Universidade Federal de São João Del-Rei. Na ocasião, realizaram o III Encontro Meio Ambiente Holístico Serra de São José e Serra do Lenheiro: atualidades e perspectivas; esse evento, além dos alunos dos cursos, também contou com a presença da comunidade externa.

O evento foi dividido em três momentos diferentes. O primeiro dia teve uma palestra, no segundo dia ocorreu uma visita à Serra de São José em Tiradentes, Minas Gerais, e o terceiro e último dia, realizou-se a culminância na Serra do Lenheiro. O passeio na Serra do

Lenheiro aconteceu no dia 20/05/2023; o público do evento era variado, ou seja, com professores do Ensino Básico, do Ensino Superior, alunos de graduação e crianças em processo de alfabetização.

Este passeio foi orientado por um guia local que conhece a Serra e já escreveu alguns livros sobre a área de estudo. Ele contou um pouco sobre sua luta pela conservação da Serra. Segundo ele, a “Hora do Lenheiro Chegou!”, essa foi uma frase dita por ele durante o passeio nas trilhas do Lenheiro até a chegada do mirante do Lajedo. Ele acredita que seja a hora de buscar a valorização e conservação deste ambiente.

Após visitarmos as pinturas rupestres, descemos a trilha em fila indiana, pois o percurso da trilha é bem íngreme e de difícil acesso. Assim, chegamos a outro ponto visitado pelo grupo na paisagem. Nele ocorreu um fato curioso, pois uma das crianças saiu fora da trilha e a mãe perguntou ao seu filho “o que ele fazia fora da trilha”, já que todos caminhávamos em fila indiana na trilha. A criança prontamente respondeu embaixo de um paredão rochoso, “estou à procura de uma figura rupestre que talvez ainda não tenha sido descoberta”, a frase da criança foi profunda e criativa, mesmo que fosse só uma desculpa para não aborrecer a mãe, mais do que ela já estava! A criança teve a noção de que era preciso desbravar a natureza para encontrar outras figuras rupestres, contudo, é preciso compreender que “as crianças são miniaturas no mundo dos adultos, mas gigantes em seu mundo de brinquedos” (Tuan, 2013, p. 40).

A criança, ao observar a dificuldade em chegar até as figuras, por uma trilha formada por diversos blocos de rochas e mata fechada, percebeu que para encontrar esse tipo de pintura era necessário caminhar fora das trilhas, no sentido de explorar os caminhos desconhecidos.

Naquele momento, a sua condição de criança foi deixada de lado, uma vez que ele possivelmente pensou ser um arqueólogo que estava à procura das heranças do passado da sociedade. Ali, involuntariamente, a criança repetiu o gesto de quem gostaria de ser descobridor das pinturas, ou seja, na sua brincadeira ele era o verdadeiro arqueólogo enquanto repetia o gesto do descobridor das pinturas.

Figura 24. Paisagem da Serra do Lenheiro para o ensino básico, superior e a comunidade em geral.



Foto 1 Cartaz do III Encontro Meio Ambiente Holístico Serra de São José e Serra do Lenheiro: atualidades e perspectivas. **Foto 2** Caminhada com o grupo até o Lajedo. **Foto 3** Santos, autor de diversas músicas feitas para a Serra do Lenheiro. Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Na paisagem da Serra do Lenheiro, diferentes grupos compartilham o espaço serrano de acordo com suas atividades. Algumas áreas são frequentadas simultaneamente por turistas, estudantes e praticantes de esportes. Isso é evidente no Morro dos Três Pontões, que atrai turistas interessados em atividades ecológicas e na exploração das pinturas rupestres presentes na região. Além disso, montanhistas também fazem uso desse local para a prática da escalada, como veremos no subtópico a seguir.

2.4.3 A Paisagem do Lenheiro para as Práticas Esportivas

As práticas esportivas também estão presentes na área de estudo. Entre elas podemos citar o ciclismo, escalada e boulder, entre outras. Aqui, vou fazer uma breve descrição do grupo de escalada e de Boulder, bem como suas relações com a paisagem, o qual geralmente frequenta a Serra do Lenheiro nos fins de semana.

A escalada é uma prática esportiva praticada nas rochas da Serra do Lenheiro, essa é feita por pessoas que buscam na Serra justamente a oportunidade de escala, uma vez que nem sempre todo ambiente natural oferece as estruturas necessárias para esse esporte (Ito, 2020).

A prática da escalada na Serra do Lenheiro teve início na Serra no final dos anos 1970, por militares que instalaram as primeiras vias no morro dos Três Pontões para treinamento (Gesl, 2023). Segundo o Guia de Escalada da Serra do Lenheiro, as rochas do paredão ofereceram ótimas condições para a prática da escalada móvel, tanto que na época a escalada na Serra ficou famosa, “chegando a ganhar destaque até em revistas internacionais como

Mountain e Climbing, sendo reconhecida como primeiro pólo de escalada móvel no Brasil” (Gesl, 2023, p. 4).

Figura 25. Escalada no Morro dos Três Pontões.



Este é o mesmo paredão onde fica localizada as figuras rupestres, citada neste trabalho, também conhecido como Morro de Mola Machado. Fonte: Isabela Teles, 2023.

Os Três Pontões, onde fica localizada as figuras rupestres, também é utilizado pela escola de montanhismo (CEMONTA) do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha do Exército, para treinamento de militares no combate em ambiente de montanha (Ferreira, 2017).

Outros pontos da Serra também são usados para essa prática esportiva, como a Toca do Coelho, Caverninha, Pedra do livro, Pedra da Boina, Cruz Cedo, Ave Maria, Rapadura e Caburu, sendo que outros lugares na Serra também oferecem oportunidade para essa prática esportiva (Gesl, 2023). A escalada em Boulder também é praticada na Serra, no qual são usados os colchões (crashpads) para amortecer a queda, conforme a figura 26.

Figura 26. Escalada em Boulder.



Escalas em Boulder, no setor da Ave Maria, Serra do Lenheiro. Fonte: Acervo pessoal, 2023.

E, por fim, outro grupo que também vai à Serra para a prática esportiva é a Turma da Corda. Essa é composta por moradoras do bairro Senhor dos Montes, vizinho a Serra. Elas praticam caminhadas ecológicas, natação nas cachoeiras e tem um momento de lazer na Serra. Sobre isso, é válido ressaltar que o grupo é composto por mulheres e crianças, conforme pode ser visualizado na figura 27.

Figura 27. Turma da Corda.



Grupo Turma da Corda no alto do Cruzeiro do Senhor dos Montes, utiliza o local para a prática de esporte, geralmente no fim de semana. Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Logo, a paisagem da Serra do Lenheiro é vivida e experienciada de forma diferente pelos grupos. No próximo item, veremos como os lugares são construídos na paisagem do Lenheiro. É importante ressaltar que nos próximos itens da dissertação, o tema lugar será abordado de acordo com os conceitos do geógrafo Yi-Fu Tuan, o qual

é um homem de livre-pensar. Regras acadêmicas tendem a reprimir a sensibilidade e a imaginação do pesquisador. Seus textos são frutos de reflexões experienciais sobre o mundo e, por isso, mesmo costumam tomar forma de uma conversa, para a qual, aliás, o autor convida diretamente seu leitor em algumas oportunidades (Pádua, 2013, p. 16).

Assim, na próxima seção, na busca por uma aproximação com o leitor para explicar como é construído um lugar dentro da paisagem, o conceito central a ser trabalhado parte da perspectiva da **experiência**, mostrando que a partir dela, diferentes relações são construídas no espaço serrano (Costa, 2011).

A PAISAGEM DA SERRA DO LENHEIRO CONSTRUÍDA POR LUGARES



Equipe ALA, na subida íngreme do Morro da Cruz, um dos pontos mais altos da Serra do Lenheiro.

“O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos”

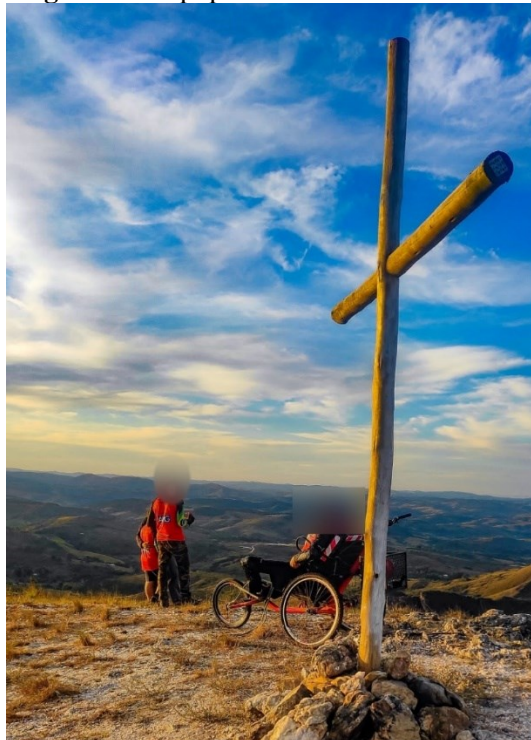
(Tuan, 2013).

4. A PAISAGEM DO LENHEIRO CONSTRUÍDA POR LUGARES

Nesta seção, vamos testar a segunda hipótese desta pesquisa, que é “Existe Lugares carregados de significados, sentimentos, crenças e histórias que constituem a paisagem da Serra do Lenheiro.” para verificar este fenômeno, os trabalhos em campo na área de estudo foi o procedimento escolhido para testar a hipótese. Em campo, o objetivo era identificar nos grupos que frequentam a Serra do Lenheiro crenças, histórias e sentimentos que pudessem comprovar que na área de estudo, existe uma interação entre o ser humano e a paisagem natural, criando o sentido de lugar. E dos lugares criados pelos grupos no relevo serrano, construir a paisagem da Serra. Ao final dos testes, verificamos se o espaço geográfico físico da Serra do Lenheiro pode ser considerado uma paisagem carregada de significados, crenças e sentimentos.

4.1 CRIAÇÃO DE UM *LUGAR* NA *PAISAGEM* DA SERRA DO LENHEIRO PARA A EQUIPE ALESSANDRO PINHO, LUIZ ALVES GUIMARÃES E ALEX OLIVEIRA (EQUIPE ALA).

Figura 28. Equipe ALA no Morro da Cruz.



Sr. Luiz no triciclo adaptado admirando a paisagem do Morro da Cruz no passeio do dia 24/06/2023 na Serra do Lenheiro. Fonte: Equipe ALA, 2023.

“Proporcionar ao meu pai a felicidade de um momento único de interação com o esporte e a natureza transcende qualquer sentimento grandioso que já senti até hoje”.

Gabriel Guimarães (G1, 2013).

Quando a paisagem vira um lugar³? Entre as paisagens panorâmicas da Serra do Lenheiro, o Pico das Almas ou Morro da Cruz é um deles, o mirante fica localizado nos limites físicos da Serra dentro do Parque Ecológico Municipal Serra do Lenheiro, sendo um dos pontos mais altos do local, com altitude de 1230 metros. Localizado nas coordenadas E = 573191 e S = 57663210 (Ferreira, 2016), com destaque no cenário para a paisagem panorâmica do sítio urbano de São João Del-Rei e, ao fundo, a Serra de São José na cidade de Tiradentes, Minas Gerais.

Figura 29. Morro da Cruz.



Morro da Cruz. No mirante existe um cruzeiro. Fonte: Acervo pessoal (2023).

No mirante está localizado um cruzeiro, símbolo do cristianismo. Em torno do cruzeiro está uma paisagem de 360° graus, com vista para as cadeias montanhosas do Campo das Vertentes. Neste ponto da Serra, é possível observar no relevo as trilhas degradadas em processos erosivos em meio a vegetação e identificar, também, pequenos traços dos Muros de

³ “Os geógrafos humanísticos insistem que o lugar é o lar, podendo ser a casa, a rua, o bairro, a cidade ou a nação. Enfim, qualquer ponto de referência e identidade” (Mello, 1991, p. 43).

Pedras. Lá de cima, é possível visualizar a igreja de São Francisco de Assis, localizada no centro histórico do município e as casas dos bairros próximos à Serra.

Esse não é só mais um dos mirantes com vista panorâmica da Serra do Lenheiro para a equipe ALA, para eles esse mirante ganha sentido de lugar devido a importância da relação estabelecida entre a equipe e o Morro da Cruz. Assim, para compreender essa relação entre a equipe e o Morro da Cruz, precisamos inicialmente conhecer a história da formação da equipe para depois descrever como o Morro da Cruz tornou-se um lugar para esse grupo.

A equipe surgiu da história de dois filhos (Gabriel e Daniel Guimarães) que, em parceria com amigos e a Universidade Federal de São João del-Rei, construíram um monociclo para proporcionar ao seu pai o contato com ambientes naturais, e suas práticas esportivas devido às limitações físicas que ele apresentava em decorrência de uma Encefalite. A equipe foi inspirada em uma reportagem do Fantástico⁴ no quadro Planeta Extremo, no qual Gabriel Guimarães conheceu a história de um grupo de bombeiros franceses que correram 246 km em 6 dias, com 4 pessoas com deficiência em apenas um monociclo.

O nome ALA dado a equipe, hoje é um símbolo estampado nas camisas do grupo, com o lema: “Um por todos, todos por um”. A equipe é composta por um grupo unido, completou dez anos no ano de 2023. Além disso, sempre tem novos integrantes e as siglas da equipe ALA fazem menção à três pessoas: Alessandro Pinho, Luiz Alves Guimarães e Alex Oliveira.

A sigla L é de Luiz Alves Guimarães, responsável por inspirar a construção do monociclo, e pai de Daniel e Gabriel Guimarães fundadores da equipe, o grupo busca proporcionar ao Sr. Luiz sua paixão e seu pertencimento aos ambientes naturais e pelos esportes – rotina que ele tinha antes do diagnóstico de Encefalite.

As demais siglas da equipe são de Alessandro Pinho, que enfrenta problemas de locomoção motora desde que nasceu, e o Alex Oliveira, que convive com complicações de uma retinose, doença genética que leva à perda progressiva da visão (Vertentes Cultural, 2018, edição 11, p. 30). Contudo, mesmo diante das limitações físicas, a equipe ALA proporciona a eles bem-estar junto à natureza e a outras atividades como corridas e maratonas com a XTERRA, que ocorre anualmente na Serra de São José, localizada na cidade de Tiradentes, Minas Gerais.

Em uma das entrevistas concedidas por Gabriel Guimarães, filho do Luizão (carinhosamente chamado pela equipe), é possível identificar que a intenção não era inserir o pai no ambiente natural e nas práticas esportivas, mas trazer de volta aquilo que ele sempre

⁴ Programa semanal da televisão brasileira, que vai ao ar aos domingos na emissora Globo.

vivenciou. Assim, a criação do monociclo surgiu da consciência dos filhos diante ao pertencimento do pai aos ambientes naturais, tanto que no trecho da entrevista abaixo, o filho deixou evidente que o objetivo não era inserir o pai nos ambientes naturais, mas possibilitar a ele o retorno às práticas esportivas e seu contato com os ambientes naturais. Observemos um trecho da fala de Gabriel Guimarães

Pra nós, **não se trata de inserir as pessoas em um meio**. É de ajudar que sejam felizes. **Meu pai** não se movimenta, não come direito e mal consegue segurar objetos sozinhos, mas jamais desistiu de viver e, mesmo em meio as dificuldades, **continua fazendo o que sempre amou** (Vertentes Cultural, 2018, edição 11, p. 31, grifos nossos).

O desenvolvimento do monociclo adaptado para ambientes naturais hoje é usado não só pelo pai do Gabriel e Daniel, mas também por outras cadeirantes. Foi construído em parceria entre amigos e a Ômega, empresa Júnior de Engenharia Mecânica e de Produção da Universidade Federal de São João Del-Rei, no ano de 2013. É importante ressaltar que ao longo do tempo, a equipe foi adquirindo outros equipamentos. O primeiro foi o monociclo, mas já tem também o triciclo. No entanto, para a condução do equipamento nos relevos montanhosos é necessário um grupo de pessoas.

No percurso das trilhas, o monociclo ou o triciclo vai sendo guiado pelos condutores nas laterais das rodas pessoas, que, por sua vez, vão dando apoio para monociclo não tombar devido a irregularidade do relevo. Na parte de trás do triciclo ou do monociclo, um grupo de pessoas impulsiona o equipamento para frente, e um número maior de pessoas vai na parte da frente puxando uma corda que contém quatro cajados, os quais são empurrados em duplas. Esse material serve para dar apoio ao monociclo, principalmente nas subidas. Antes das trilhas, as instruções de como os equipamentos devem ser usados são repassadas pelos membros da equipe.

Figura 30. Equipamento da Equipe ALA.



Instruções da utilização do equipamento feito pelos integrantes da equipe ALA.

Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A caminhada nas trilhas para conduzir o monociclo ou triciclo exige esforços físicos, já que as trilhas são íngremes e irregulares com a presença cascalhos, rochas, galhos de árvores, nascentes de córregos e existe ainda a mudança de temperatura corporal, devido ao esforço físico e a exposição das mudanças de temperatura do clima. Assim sendo, a equipe sempre conta com a presença de um bombeiro e de uma médica (o). Um dos bombeiros da equipe é outro filho do Luizão, Daniel Guimarães, que conhece bem os possíveis riscos das trilhas e fica sempre atento aos desafios que elas podem proporcionar.

Na equipe existem participantes fixos, como é o caso dos filhos do Luizão, mas também sempre há a chegada de novos integrantes, o que faz com que novas pessoas tenham contato com esse ambiente natural. Os condutores do triciclo ou do monociclo, seja os que estão na parte da frente puxando a corda ou os que estão na parte de traz, dando equilíbrio ao equipamento, oferecem mais do que o corpo (braços e pernas), eles querem proporcionar a quem está sentado na cadeira a sensação neles despertadas ao está naquele ambiente.

Ambiente dos quais alguns já conhecem e fazem parte, como é o caso do Gabriel Guimarães membro da equipe, que também frequenta a Serra do Lenheiro para a prática de escalada, e conhece os desafios das trilhas. A experiência do contato da equipe ALA com a natureza desperta sentimentos positivos, levando-os a proporcionar a outro indivíduo a mesma sensação – no caso, quem está sentado na cadeira. Tanto que hoje em dia, a equipe ALA faz visitas em ambientes naturais com outras pessoas cadeirantes além do Sr. Luiz Alves Guimarães, ou seja, indivíduos que tenham interesse em conhecer essa experiência, mas que possuem algum tipo de limitação física.

Através do triciclo ou do monociclo adaptado aos relevos montanhosos, a equipe proporciona ao Sr. Luiz ou a quem está sentado na cadeira, a experiência de viver e sentir as paisagens naturais. Entre as diversas atividades da equipe junto a natureza, a Serra do Lenheiro também é uma das paisagens selecionado para as atividades do grupo, junto ao seu monociclo, para proporcionar a outras pessoas o contato com a natureza “bruta” e, principalmente, oferecer a aquele que está sentado na cadeira a oportunidade de conhecer os paredões rochosos da Serra, os córregos, sentir o ar puro, observar as árvores, sentir as variações de temperatura ao longo das trilhas, conhecer os animais silvestres, o voar dos pássaros livres, além de sentir e ter a oportunidade de experienciar novas paisagens.

A Serra do Lenheiro, com sua exuberante e rica paisagem natural, proporciona ao visitante o contato com o ambiente natural. Nesse sentido, em busca exatamente deste contato

entre o ser humano e a natureza, a equipe ALA usa as paisagens das trilhas da Serra para proporcionar a outras pessoas essa experiência com espaço natural.

Não é só no sentido de paisagem que a Serra do Lenheiro ganha importância para a equipe ALA. Alguns espaços naturais do Lenheiro ganham sentido de lugar, devido a função que esse ponto no *espaço* exerce diante das necessidades da equipe, como é o caso do Morro da Cruz, ponto mais visitado pela equipe na Serra.

Considerando que os lugares são construídos para satisfazer as necessidades práticas (Tuan, 2013), o Morro da Cruz não foi escolhido aleatoriamente pela equipe, mas sim, pela função que ele pode exercer. A escolha pelo Morro da Cruz se deu pela experiência que esse pode proporcionar ao visitante, já que o mirante fica localizado em um dos pontos privilegiados da Serra com vista panorâmica, e as trilhas de acesso estão dentro dos limites físicos e mecânicos da equipe ALA.

O Mirante passou a ter o sentido de *lugar* para a equipe ALA quando nele existiu uma experiência com o lugar. Que, no caso, foi o de proporcionar a outras pessoas o sentimento de contato com o ambiente natural. Ao dar esse sentido ao mirante, a equipe ALA marcou esse ponto na Serra, com um *lugar*, no qual é possível ter um contato extremo com a natureza, passando o Morro da Cruz a ter significado e a existir para a equipe.

Significado de um lugar onde é possível ter um contato profundo com a natureza, não que os outros mirantes não possam oferecer isso, mas é porque o mirante da Cruz cumpre as funções práticas necessárias pela equipe. As trilhas são íngremes e com diversos obstáculos, como: córregos, cercas de arame, cascalhos soltos, trecho com muro de pedra, galhos de árvores e erosões agravadas pela presença de motocicleta nas trilhas. Contudo, esses ainda estão dentro dos limites que a equipe ALA necessita, ou seja, o mirante surge como um *lugar* para equipe ALA diante das funções práticas que esse assume.

O *Lugar* assume duas funções práticas, a de ser o meio pelo qual o cadeirante vai ter o contato com o ambiente natural, e de ser o *lugar* escolhido pela equipe ALA para concluir seus objetivos.

Assim, antes de descrever a relação da equipe ALA como o Morro da Cruz no sentido de *lugar*, vejamos como uma casa assume o papel de lugar, para poder assemelhar a criação de um *lugar*. Para tal, apoiaremos na lógica de que se

Uma casa é um edifício relativamente simples. No entanto, por muitas razões, é um *lugar*. Proporciona abrigo; a sua hierarquia de espaço corresponde às necessidades sociais.; é uma área onde uns se preocupa com os outros, um reservatório de lembranças e sonhos” (Tuan, 2013, p. 202, grifo nosso).

Nesse sentido, como a casa proporciona abrigo, espera-se que o Morro da Cruz seja capaz de proporcionar uma experiência de contato entre os ser humano e o ambiente natural, pois o Morro da Cruz passa a ter a função de acolhimento. Ou melhor, esse lugar passa a abrigar os objetivos da equipe ALA. Este mirante passa a ser mais importante do que outros, por ele corresponder a necessidade da equipe ALA, tanto no quesito de contato com o ambiente natural como na acessibilidade, pois o monociclo como um instrumento técnico existem limitações.

O mirante da Serra tornou-se um *lugar* para a equipe ALA, por ser o ponto no *espaço* no qual o grupo preocupa-se em oferecer a outras pessoas, ou seja, que eles sejam despertados a parte daquele ambiente. Em síntese, esse também pode ser considerado um *lugar* de memória da equipe, já que é o lugar onde os sonhos e os objetivos da equipe ALA são realizados e idealizados.

O mirante em questão, passou a ser o meio pelo qual a equipe ALA utiliza e se experiencia por meio de novas relações afetivas. Não só os despertados pelos ambientes naturais, mas os que são próprios da equipe. Veja que, ao construir o monociclo, eles são impulsionados pelo sentimento de amor, empatia, esperança e, principalmente, de inclusão, por poder proporcionar ao outro o seu pertencimento à natureza. Assim, o Morro da Cruz assume o papel de transferir sentimento entre o cadeirante, a equipe ALA e as paisagens naturais. Sentimentos próprios dessa relação constituída em uma porção do espaço na Serra, no caso o Morro da Cruz.

Observe que quando o grupo escolhe um ponto específico na Serra do Lenheiro, esse passa a ter outro sentido, como se o *lugar* “Morro da Cruz” fosse diferente da Serra do Lenheiro, isso acontece porque a “ideia de espaço está subordinada à ideia de localização de lugares significantes” (Tuan, 2013, p. 117), o Morro da Cruz ganha significado para a equipe ALA diante das funções que ele exerce dentro dos objetivos da equipe; conseqüentemente a Serra do Lenheiro passou exercer função secundária nesta relação, diante da importância que a equipe ALA estabelece ao Morro da Cruz.

Para aprofundar e compreender como Serra do Lenheiro passou a ser uma paisagem para a equipe ALA, e o Morro da Cruz, um *lugar*, é preciso entender os três pontos fundamentais do conceito de lugar, os quais são eles

1. Se o tempo for concebido com fluxo ou movimento, então **lugar é pausa** [...].
2. **Leva - ser tempo para sentir afeição por um lugar, a qualidade e a intensidade** da experiência é mais importante do que a simples duração.
3. Estar arraigado em um lugar é uma **experiência diferente** da de ter e **cultivar um “sentimento de lugar”**. Uma comunidade realmente enraizada pode ter santuários e momentos, mas é improvável que tenha museus e sociedades para preservar o passado (Tuan, 2013, p. 240, grifos nossos).

Entenda que, ao definir que o Morro da Cruz seria um dos locais de visita da equipe, a paisagem do Lenheiro acabou sendo ressignificada, fazendo com que as demais trilhas e mirantes deixassem de ser importantes naquele momento. Pois o Morro da Cruz passou a ter significado, uma vez que o objetivo foi a chegada ao topo dele, uma vez que é lá que a experiência com a natureza concretiza-se, segundo os objetivos da equipe ALA; aqui aparece um dos pontos fundamentais da relação com o lugar, a **pausa**. Veja que, ao definir o ponto, o Morro da Cruz é feito uma pausa intencional na paisagem e os outros mirantes perdem sentido.

Outro ponto apontado por Tuan (2013) na relação com o lugar é a **intensidade**, essa é vivida e experienciada de forma diferente entre o cadeirante e os membros da equipe ALA. Isto porque, veja bem, cada um tem uma forma de se relacionar com esse *espaço*. Para a pessoa que está sentada no monociclo, esse é um momento novo e único de participar de um ambiente do qual muita das vezes ele é privado, devido às suas limitações físicas e a falta de adaptação de ambientes naturais para os cadeirantes, o que pode despertar nele uma intensidade de sentimentos únicos.

Mas, a intensidade com que a equipe ALA experiencia o Morro da Cruz é diferente. Estamos falando do lugar escolhido pela equipe para ser o ponto de contato entre o cadeirante e a natureza que desperta e transmite sentimentos, ou seja, existe uma forte interação entre a equipe ALA e o Morro da Cruz.

Com isso, outro aspecto referente a intensidade para a equipe ALA é a vivência com o Morro da Cruz, a quantidade de vezes que a equipe visitou esse ponto na Serra (um dos pontos mais visitados pela equipe na Serra do Lenheiro). Diante de tantas visitas, podemos dizer que já existe algum tipo de sentimento entre a equipe e o Morro da Cruz, construindo uma memória afetiva pelo lugar.

Veja que, a paisagem do Lenheiro é vivenciada, entretanto, a relação com o *lugar* modifica, isso ocorre devido às diferentes **perspectivas de experiências**, as quais são constituídas de “sentimentos e pensamento” (Tuan, 2013, p. 19). Para o cadeirante, é a experiência de conhecer um novo ambiente, e para a equipe ALA, de proporcionar através deste *lugar*, o contato com a natureza e oferecer aos outros indivíduos os sentimentos que neles são despertados, ao pertencer a este local, fazendo com que laços afetivos com espaço sejam criados ao longo do tempo.

As diversas visitas com o triciclo ou o monociclo, adaptados à Serra é uma forma de expressar de que a equipe ALA tem um sentimento de pertencimento pelos ambientes naturais, tanto que busca oferecer ao outro essa mesma sensação. As figuras que compõem esse item da

dissertação são os registros de passeios da equipe ALA pelas paisagens da Serra do Lenheiro, com destaque para os que foram realizados no Morro da Cruz, já que nele a *experiência* é diferenciada, como descrito anteriormente.

A figura 28, que abre este item, é do Senhor Luiz, inspiração para a construção do monociclo, em visita ao Morro da Cruz no dia 24/06/2023. A próxima figura mostra à equipe ALA no meio de uma das trilhas da Serra. Em visita as pinturas rupestres para conhecer a arte deixada por nossos antepassados (figura 31), entretanto, as pinturas rupestres não estão em um lugar apropriado para a equipe ALA, em decorrência da dificuldade de acesso pela trilha.

Figura 31. Registro do passeio da Equipe ALA, nas pinturas rupestres.



Monociclo adaptado, visitar as pinturas rupestres no dia 28/05/2022.

Fonte: Acervo da equipe ALA no Instagram, <https://www.instagram.com/equipe.ala/>, 2023.

A figura 32, mostra a equipe ALA na subida do Morro da Cruz com o triciclo adaptado. Para a subida, parte da equipe vai na frente puxando a corda e o restante da equipe na parte de trás, para poder dar apoio às rodas, que podem tombar devido a declividade do relevo. Como é possível perceber, nas trilhas o tempo todo existe um trabalho em equipe.

Figura 32. Triciclo adaptado no Morro da Cruz.



Visita ao Morro da Cruz no dia 18/06/2022.

Fonte: Acervo da equipe ALA no Instagram, <https://www.instagram.com/equipe.ala/>, 2023.

Podemos compreender, portanto, que ao contrário do Morro da Cruz – ponto mais visitado pela equipe na Serra – há um aprofundamento dos laços afetivos entre o mirante e a equipe, por ter um acesso fácil e uma visão panorâmica. Criando, neste espaço, um lugar para a equipe ALA. As demais figuras são dos passeios do dia 16/07/2023 e do dia 06/05/2023, também no Morro da Cruz.

Figura 33. Visita ao Morro da Cruz pela equipe ALA no dia 16/07/2023.



Registro da Equipe ALA no Morro da Cruz no triciclo, no dia 16/07/2022. Fonte: Acervo da equipe ALA no Instagram, <https://www.instagram.com/equipe.ala/>, 2023.

No Morro da Cruz, a Equipe ALA proporciona a quem está sentado na cadeira uma experiência única de estar presente no Morro da Cruz, ou mesmo, na Serra do Lenheiro.

Figura 34. Visita ao Morro da Cruz pela equipe ALA no dia 06/05/2023.



Passeio no Morro da Cruz conduzido no triciclo no dia 06/05/2023.

Fonte: Acervo da equipe ALA no Instagram, <https://www.instagram.com/equipe.ala/>, 2023.

Durante a trilha de acesso ao Morro da Cruz pela equipe ALA, a paisagem natural da Serra do Lenheiro pode ser aproveitada pelo grupo, como mostra a figura 35, onde o grupo aproveita a visita para ver o pôr do Sol nas trilhas da Serra.

Figura 35. Registro do triciclo adaptado em uma das trilhas da Serra do Lenheiro.



Passeio para visualizar o pôr do Sol visto da Serra do Lenheiro no dia 27/08/2022, também usado o triciclo da equipe ALA. Fonte: Acervo da equipe ALA no Instagram, <https://www.instagram.com/equipe.ala/>, 2023.

O Morro da Cruz também foi o local escolhido para realizar o primeiro passeio da equipe ALA com uma mulher, este foi realizado no dia 21 julho de 2023, conforme pode ser visto na figura 36.

Figura 36. Equipe ALA na trilha de acesso ao Morro da Cruz.



Primeira mulher a fazer passeio junto a equipe ALA no Morro da Cruz.

Fonte: Acervo da equipe ALA no Instagram, <https://www.instagram.com/equipe.ala/>, 2023.

Diante do exposto, mesmo que o Morro da Cruz tenha obtido sentido de *lugar* para a equipe ALA, ele também pode ser visto como um *lugar* construído pela família Guimarães. Isso porque, a equipe ALA nasceu de uma história de sentimentos entre os filhos e o pai, por isso, as experiências que cada grupo tem nessa porção no espaço é diferente.

A equipe ALA vê o mirante como um meio de proporcionar contato com as paisagens naturais da Serra, e já para a família Guimarães, existe uma experiência diferente de viver o mirante. Isto porque há uma intensidade de sentimentos que tem início desde a construção do monociclo, elaborando uma memória individual marcada por vários sentimentos. Para compreender como o Morro da Cruz pode ser visto como um outro *Lugar* para família Guimarães, vejamos o próximo item.

4.2 MORRO DA CRUZ, UM *LUGAR* DE TRANSFERÊNCIA DE SENTIMENTOS DA FAMÍLIA GUIMARÃES

O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos (Tuan, 2013, p. 47, grifos nossos).

Figura 37. Família Guimarães no Morro da Cruz.



A figura (34) Família Guimarães no Morro da Cruz, no passeio realizado dia 24/06/2023.
 Fonte: Acervo pessoal, 2023.

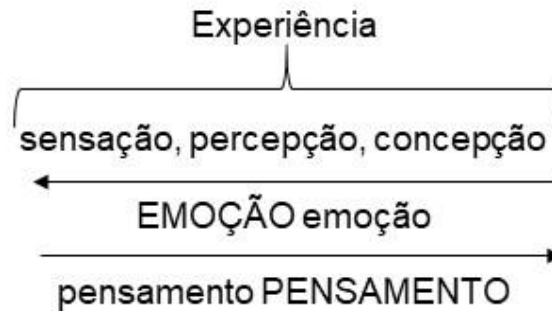
“O **LUGAR** existe em escalas diferentes” (Tuan, 2013, p. 183), este é uma porção do *espaço* carregada de significados e é criado quando ligamo-nos efetivamente a ele. Nesta perspectiva, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar são forjados através das experiências vividas (Fernandes, 2015).

Para Tuan (2013, p. 14), “o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”, no entanto, o espaço é dado à transformação e o lugar não, esse é estático e criado pela relação afetiva estabelecida entre a densidade e a duração (Santos, 2008).

Quando ligamo-nos efetivamente a um ponto específico no espaço, torna-se um *lugar*? Essa é uma pergunta complexa, já que interagimos de forma diferente com o espaço, entretanto, como aponta Tuan (2013), é pela **experiência** que os lugares e os espaços são vividos, construindo as relações, pois, através da experiência temos contato com o mundo exterior. Então, como separar o *lugar* do *espaço* se ambos são sentidos pelo corpo?

Considerando que o corpo é formado pelos sentidos, ou seja, visão, audição, olfato, paladar e tato, e é pela experiência que o indivíduo estabelece a relação com mundo exterior. Vejamos na figura 38, como a experiência é constituída.

Figura 38. Relação entre Emoção e Pensamento por meio da Experiência Humana.



Fonte: Tuan (2013, p. 17).

A figura (38) mostra que as emoções e as sensações dão o colorido a toda a experiência humana, orientadas pelo pensamento, que, por sua vez, rapidamente qualifica a experiência do indivíduo (Costa, 2011 *apud* Tuan, 1983), a vivência do indivíduo com o espaço está ligada à sua experiência, a qual tem como base o pensamento e os sentimentos.

Sabendo que a experiência é formada a partir da influência dos sentimentos e dos pensamentos, como a experiência que a família Guimarães tem com o Morro da Cruz transforma essa porção do espaço em *Lugar*? Experiência é

constituída de **sentimentos e pensamentos**. O **sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas**; mais precisamente, a **memória e a intuição** e a intuição **são capazes de produzir impactos sensoriais** no cambiante fluxo da **experiência**, de modo que **poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento** (Tuan, 2013, p. 19, grifos nossos).

Como bem ressalta Tuan (2013), existe uma história de sentimentos. Assim, para compreender como Morro da Cruz é um *Lugar* para a família Guimarães, é preciso identificar que os sentimentos despertados pelo mirante não foram construídos só pelas visitas, mas pela intensidade de sentidos e vivências ao longo do processo. Os sentimentos que criam-se no Morro da Cruz, no sentido de lugar para a família Guimarães, foram construídos ao longo do tempo pela trajetória de sentimentos da família e, posteriormente, com o Morro da Cruz.

O Morro da Cruz pode ser visto como um *lugar* para a família Guimarães, diante da intensidade de sentimentos que foram construídos ao longo dessa relação. Para estabelecer uma conexão de como o Morro da Cruz é entendido como um *lugar* para a família Guimarães, precisamos retomar ao item 4.1 desta dissertação, o qual descreveu a história de dois filhos

(Daniel e Gabriel Guimarães) que, diante da tomada de consciência sobre a importância da experiência do contato do pai com a natureza e o esporte, buscaram uma maneira de possibilitar a ele, novamente a sua interação com os ambientes naturais e o esporte.

Para compreender essa relação da família Guimarães com o Morro da Cruz, precisamos reconstruir a intensidade dos sentimentos que foram sentidos antes do contato com o Morro. Pois, os sentimentos são como nossas memórias, ao visitar o Morro da Cruz com o pai toda a história de sentimentos sentido ao longo do processo vem à tona.

Precisamos “reconstruir”, mesmo que superficialmente, alguns dos sentimentos alcançados ao longo da trajetória da família Guimarães com o Morro da Cruz. Primeiramente, esse encontro só foi possível devido ao desejo dos filhos, que nasceu do sentimento de *esperança*, pois ela surge com o objetivo de trazer de volta o pai aos ambientes naturais. Desta esperança, tiveram a ideia da construção do monociclo.

Ao construir o monociclo adaptado, outros sentimentos foram despertados. A *alegria* é um deles, pela realização do projeto. Entretanto, durante a elaboração do projeto, eles sentiram ansiedade, cansaço, tristeza, apreensão, medo, felicidade e raiva. Porém, o sentimento de alegria permaneceu, pois ele era diferente de todos os outros, porque esse sentimento costumava (e ainda costuma) ser renovado a cada vez que o monociclo entra nas trilhas de um relevo montanhoso.

O sentimento de medo também aparece nesta história. Ao testar o monociclo com o pai, Daniel Guimarães, filho do Luizão, relatou o sentimento de *medo*, tanto que na primeira visita do Senhor Luizão ao ambiente natural, já com o monociclo adaptado, a equipe tinha na formação bombeiros, em caso de algum acidente. Daniel Guimarães, em uma de suas falas no Alto do Morro da Cruz, na visita realizada com o pai Luizão no dia 24 de junho de 2023, descreveu como foi essa sensação

Tínhamos *medo* de levar meu pai a esse ambiente, tanto que o primeiro passeio reuniu diversos bombeiros do estado de Minas Gerais, para que de fato isso pudesse acontecer, a superação desse medo foi acontecendo aos poucos, tanto que esse ano a equipe faz dez anos e temos pessoas de diferentes áreas (Daniel Guimarães, filho do Senhor Luiz e um dos fundadores da equipe ALA, 24 de junho, 2023).

Atualmente a equipe é aberta ao público, e o medo é uma lembrança. Mas, isso não significa que o sentimento de medo tenha desaparecido, o que mudou foi a causa do medo, esse sentimento faz parte das nossas vivências.

O medo é estudado por Yi Fu -Tuan em seu livro ‘Paisagem do Medo’, de 2005, no qual o autor busca pesquisar os medos do passado e do presente, seus significados e suas diversas

faces, trazendo uma reflexão sobre esse tema que interpela o ser humano. Nele, o autor apresenta o conceito do medo da seguinte forma

Um **sentimento complexo**, no qual se distinguem claramente dois componentes: **sinal de alarme e ansiedade**. O **sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente**, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a **ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação**. [...] é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo (Tuan, 2005, p. 10, grifos nossos).

Veja que, a tomada de consciência dos filhos pelo gosto do pai pelos ambientes naturais despertou neles outros sentimentos (medo, alegria, raiva, angústia, etc), construindo uma “vida” de sentimentos, ou melhor, uma memória de sentimentos.

Diante da construção do monociclo adaptado, as primeiras memórias de sentimentos foram construídas. Dando continuidade a essa história de sentimentos, entra na história o Morro da Cruz, que passou a assumir as funções práticas demandadas pela família.

Isto porque surgiram duas demandas para que o objetivo de levar ao pai a Serra, acontecesse: a primeira é de encontrar na paisagem da Serra um ambiente adequado para as visitas, diferenciado dos demais mirantes. Essa precisa ser especial porque é onde o despertar para o sentimento do contato com o ambiente natural acontece, sendo recorrente durante toda a trilha. Contudo, o local escolhido para a visita passou a assumir esse significado para família; e a segunda demanda são as trilhas de acesso ao local, elas precisam estar dentro dos limites mecânicos do equipamento.

Diante da limitação e eficiência do equipamento ao percorrer trilhas com alta declividade, surgiu o Morro da Cruz, já conhecido pelos filhos que têm contato com a Serra do Lenheiro. Todavia, começou aqui a surgir o conceito de *lugar*, já que “a maioria dos lugares não são criações deliberadas, eles são construídos para satisfazer necessidades práticas” (Tuan, 2013, p. 204).

Esse era só mais um dos mirantes da Serra, entretanto, quando ele foi escolhido na paisagem do Lenheiro para assumir as necessidades práticas dos filhos, ele assumiu também o papel de *Lugar*. Não só pelas necessidades práticas dos filhos, mas também por ser o *lugar* escolhido pelos filhos para transmitir toda a intensidade de sentimentos experienciados ao longo da formação da história da família Guimarães. Observe que aqui a história entre o Morro da Cruz, a equipe ALA e a Família Guimarães entrelaça, entretanto, com experiências diferentes com o *lugar*.

Diferente porque para a família Guimarães, além do mirante ser escolhido pelas funções práticas que ele assume, por apresentar uma visão panorâmica de 360° exibindo os morros

serranos do Lenheiro; a paisagem é composta por diferentes elementos naturais e antrópicos, com destaque para as montanhas do campo das vertentes e pelo acesso – que mesmo sendo um local com várias declividades e obstáculos nas trilhas, ainda está dentro dos limites que a equipe ALA consegue enfrentar.

O que muda aqui não é a função prática do mirante, essa permanece igual tanto para a equipe ALA como para a família Guimarães, o que diferencia o *Lugar* construído pela equipe ALA da família Guimarães é a experiência. Os filhos do Senhor Luizão têm uma memória de sentimento construído ao longo da criação do monociclo adaptado, fazendo com que neles exista uma intensidade de sentimentos, que são despertados ao levar seu pai a esse ambiente, na verdade, ao Morro da Cruz. Assim, o *lugar* assumiu a mesma função prática para diferentes grupos, entretanto, a experiência acontece de forma diferente.

E, conforme Tuan (2013, p. 47), “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos”, com isso, diante da frequência e da intensidade dos sentimentos nas visitas feitas pela família Guimarães, o Morro da Cruz foi ganhando significado.

Isto porque, neste *lugar* eles proporcionam ao Senhor Luizão seu “pertencimento” à natureza, além de seu reconhecimento como uma pessoa que faz parte daquele ambiente. Tornando esse um ambiente vivido e experienciado, o que aprofundou o laço afetivo com a Serra e, em específico, com a paisagem do Mirante da Cruz, criando uma relação íntima com o lugar.

Em síntese, o que transforma o Morro da Cruz em um **lugar** para filhos e o Senhor Luizão é a experiência diferenciada, causada pela memória dos sentimentos despertados neles ao longo desta história. Resgatemos de volta os três pontos fundamentais, que são estabelecidos na formação de um lugar, para, diante da família Guimarães, construir o Morro da Cruz como um lugar, vejamos

1. Se o tempo for concebido com fluxo ou movimento, então **lugar é pausa** [...],
2. **Leva - ser tempo para sentir afeição por um lugar**, a **qualidade** e a **intensidade** da experiência é mais importante do que a simples duração.
3. Estar arraigado em um lugar é uma **experiência diferente** da de ter e **cultivar um “sentimento de lugar”**. Uma comunidade realmente enraizada pode ter santuários e momentos, mas é improvável que tenha museus e sociedades para preservar o passado (Tuan, 2013, p. 240, grifos nossos).

Diante dos três pontos fundamentais de como a relação é construída, de imediato observamos que o espaço é movimento, e o lugar, parado. Nesta situação, o Morro da Cruz é um ponto de parada da família Guimarães, porque ao escolherem este mirante específico na

Serra dentre todos os outros, ele assumiu uma função prática diferente dos demais mirante e a visão dos filhos e do Senhor Luizão está concentrada na paisagem do Morro da Cruz.

Outro aspecto interessante nesta relação é a intensidade com que é construída, assim como descrevemos, as visitas a esse local foram (e ainda são) sempre carregadas de sentimentos. Sentimentos vivenciados ao longo da construção da história da família Guimarães, fazendo com que aqui o tempo seja compreendido não só como quantidade. Nesta relação, o tempo é referência a uma “vida de sentimento”, como citado por Tuan (2013), existe uma densidade de sentimentos em torno das visitas ao Morro, fazendo com que a quantidade perca sentido e qualidade e a intensidade sejam os principais fatores desta relação.

A experiência da visita ao Morro da Cruz é diferenciada, pois é uma visita com significado, ao apreciar a paisagem do Morro da Cruz, há uma retomada da consciência em termos de importância da natureza para seu Sr. Luizão, diante do olhar dos filhos, retomando memórias de sentimentos construídos nesse processo.

E, se ao conhecer melhor um *lugar*, ele ganha significado. O mirante da Cruz, além de ter significado, constrói possíveis memórias afetivas pela intensidade emocional das visitas. É possível identificar que a família Guimarães escolheu esse *Lugar* para viver o ambiente natural, compartilhar e transmitir sentimentos.

Viver através das experiências despertadas nas paisagens naturais, compartilhar porque os filhos querem que o pai sinta os sentimentos que neles são despertados ao fazer parte deste ambiente. E transmitir sentimentos, porque ao trazer o seu pai aos ambientes naturais, eles querem demonstrar a ele, que os dois filhos têm consciência sobre o pertencimento dele a esse ambiente e, sobretudo, evidencia a importância do sentimento do pai para eles. Assim, diante desta experiência diferenciada, a família Guimarães vai construído com o Morro da Cruz um laço afetivo com o *lugar*.

4.3 CRUZ DO SENHOR DOS MONTES, UM LUGAR SAGRADO

“Se queremos está perto de Deus, nada melhor do que a Natureza”

(Fala de um morador da comunidade próximo a Serra, que guiava a via-sacra pelas trilhas da Serra até ao Alto do Cruzeiro do Senhor dos Montes, 07 de abril de 2023).

Figura 39. Cruzeiro do Senhor dos Montes.



Comunidade reunida em volta do Cruzeiro do Senhor dos Montes na Sexta-Feira Santa.
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

SAGRADO O Cruzeiro do Senhor dos Montes, está localizado nas coordenadas (UTM: 575295673 / 7663318263) na Serra do Lenheiro, ele fica localizado próximo ao bairro do Senhor dos Montes.

Ele é mais um dos mirantes da Serra, este apresenta uma visão privilegiada do sítio urbano de São João Del Rei, ao fundo Serra de São José na cidade de Tiradentes, Minas Gerais. No local, é possível observar o vale do Rio das Mortes, em razão do seu relevo encaixado na paisagem do Campo das Vertentes.

Na paisagem do mirante também é possível ver parte do canal dos ingleses no relevo e ver casas de bairros próximos, que ficam a menos de 500 metros do mirante. A trilha para acesso ao mirante é tranquila de ser realizada, pois apresenta só alguns fragmentos de rocha soltos na paisagem e a vegetação rasteira, bem característica dos campos rupestres. A mesma trilha também dar acesso ao Olho d'água – um local com nascentes.

No pico do mirante, existe um cruzeiro conforme a figura 40, que representa o símbolo do cristianismo conhecido como cruzeiro do Senhor dos Montes. Esse é um lugar frequentado pela comunidade para manifestações religiosas, práticas esportivas e lazer no ambiente natural.

Figura 40. Cruzeiro do Senhor dos Montes.



Cruzeiro do Senhor dos Montes, ao fundo sítio urbano de São João Del-Rei. Fonte: Acervo pessoal (2023).

Esse poderia ser só mais um mirante na Serra, entretanto, não é, assim como para a família Guimarães e a equipe ALA, o mirante do Senhor dos Montes é um lugar especial para a comunidade. Ele é um ambiente onde a comunidade demonstra sua fé, transformado o *lugar* em um espaço sagrado no imaginário da população que o frequenta (Costa, 2011).

Na Sexta-feira Santa ou Sexta-Feira da Paixão, data do calendário da Igreja Católica, o cruzeiro recebe tradicionalmente a visita de diversas pessoas que buscam o *lugar* para agradecer os pedidos realizados ou vão para pedir alguma graça.

Nesta data também ocorre no cruzeiro a tradicional Via Sagra da comunidade do Senhor dos Montes, a caminhada até o cruzeiro acontece na parte da manhã. O ponto de encontro é a igreja do Senhor dos Montes, localizada no bairro Senhor dos Montes; o grupo que realiza a caminhada é composto por crianças, adultos e idosos.

Em trabalho de campo no dia 07/04/2023, Sexta-feira da Paixão, acompanhei a Via Sacra junto à comunidade. O ponto de encontro do grupo foi a igreja do Senhor dos Montes. Mas, ao longo de todo o percurso, as pessoas iam juntando-se ao grupo no decorrer da trilha e, ao fim, da caminhada havia cerca de cento e cinquenta pessoas no Mirante da Cruz. Ao longo da caminhada, foi possível observar o silêncio e o respeito pela tradição. Em diversos momentos, nas trilhas havia paradas para as orações nas estações, conforme orientação da igreja católica – as estações eram marcadas por rochas pintadas pela comunidade.

Observe que o símbolo da Cruz no mirante trouxe para a comunidade uma relação profunda com o *Lugar*, pois essa é uma tradição muito antiga da comunidade, passada de geração em geração, tanto que era possível ver pessoas de diferentes idades na Via Sacra.

Segundo Costa (2011, p. 30), “um símbolo presente no lugar pode ser definido também como um elemento mediador entre diferentes registros da experiência e da comunicação humana”. Veja que, ao colocarem a Cruz no mirante há décadas e com a formação do bairro na proximidade com o cruzeiro, o lugar passou a ser um ambiente vivido pela comunidade. Tanto que agora o nome é Cruz do Senhor dos Montes, pois através desta relação estabelecida com o *lugar*, uma série de significados e manifestações foram acontecendo ao longo do tempo.

Ao longo do caminho, o sagrado do *lugar* da comunidade também foi expresso na colheita da arnica para ser utilizada como planta medicinal pela comunidade ao longo do ano, na cura de doenças como dor de cabeça, picada de animais peçonhento, gripes e entre outros – a arnica é armazenada junto ao álcool.

A figura 41 mostra um grupo de pessoas com arnicas na mão durante a Via Sacra do Senhor dos Montes, essas imagens foram coletadas durante a subida para o cruzeiro.

Figura 41. Colheita da Arnica na Serra do Lenheiro.



Colheita da Arnica e plantas na Serra do Lenheiro, na Sexta-Feira Santa.
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Já a figura 42, mostra o mercado municipal de São João Del-Rei, onde é vendido a arnica, devido à procura da comunidade pela planta medicinal.

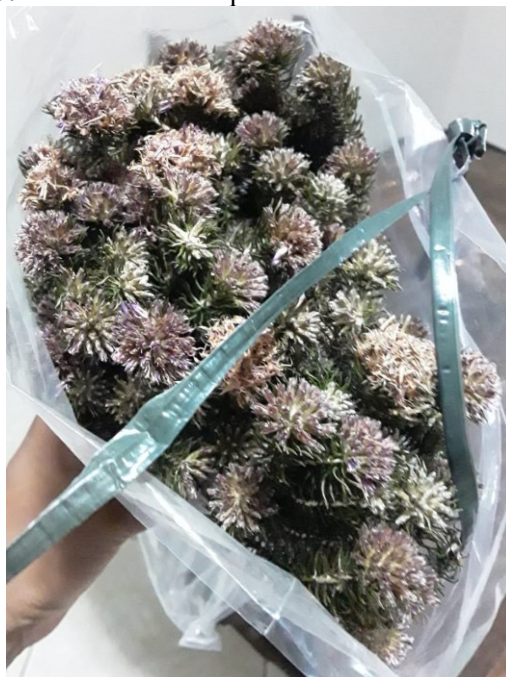
Figura 42. Mercado Municipal de São João Del-Rei.



Mercado municipal onde é vendida a arnica. Fonte: Acervo pessoal.

Na figura 43, visualiza-se a Arnica embalada, vendida no Mercado Municipal de São João Del-Rei, Minas Gerais.

Figura 43. Arnica embalada para venda no mercado municipal.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

E a figura 44, mostra o pé de arnica no relevo serrano do Lenheiro, juntamente com a vegetação do Cerrado, bioma presente na Serra (Ferreira, 2017).

Figura 44. Pé de Arnica na Serra do Lenheiro.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Para Tuan (2013, p. 224), “sentir um *lugar* é registrá-lo por nossos músculos e ossos”. A caminhada das pessoas pelas trilhas até Cruzeiro do Senhor dos Montes transborda neles o imaginário de um lugar sagrado, criando no espaço um ambiente natural dotado de valores e sentimentos, tornado o espaço desconhecido em lugar vivido e carregado de significados, através da experiência do corpo com o *lugar*.

E para Costa (2011, p. 35), “os significados que irão compor o espaço sagrado são representados pelos ritos. Cabendo a religião cumprir o papel de ligar o homem à divindade”, assim, o que torna o Cruzeiro do Senhor dos Montes um lugar sagrado é o ritual da Via Sacra, que ocorre na sexta-feira da Paixão.

De acordo com os pensamentos de Tuan (2013) e Costa (2011), o corpo sente o *espaço* pela experiência, e o *lugar* passa a ser sagrado diante dos ritos religião que nele acontece. Assim

acontece com a Cruz dos Senhor dos Montes, ela passou a ser sagrada na paisagem da Serra do Lenheiro diante da tradição cultural da Via Sacra realizada pela comunidade.

Figura 45. Via Sacra do Senhor dos Montes.



Foto 1 Uma das doze Cruz da Estação da Via Sacra, fixadas nas trilhas para sinalizar a calvário do sofrimento de Jesus. **Foto 2 e 3** Oração nas trilhas da Serra. Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A paisagem da Serra do Lenheiro é vivenciada de forma diferente entre os turistas e os praticantes de esportes, conforme descrito anteriormente. Assim, os lugares sagrados também são formados na paisagem conforme as tradições religiosas. Vejamos agora as religiões de matrizes africanas e suas tradições.

4.4 O LUGAR NA PAISAGEM DA SERRA DO LENHEIRO PARA AS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS

AS RELIGIÕES de origem africana também estão presentes na Serra do Lenheiro, elas constroem seu lugar na Serra e transformam esse em um ambiente de crença, devoção e fé, expressadas por oferendas deixadas na paisagem física da Serra.

As oferendas são deixadas nas trilhas ou próximo às cachoeiras, abaixo está registrado o encontro de duas destas manifestações religiosas. A primeira manifestação religiosa foi registrada no dia 28 de maio 2023, na beira da cachoeira (figura 46).

Considerando que “o espaço da vida comum separa-se do lugar sagrado através da presença de **processos rituais e elementos simbólicos** que conferem a sacralidade do lugar” (Costa, 2011, p. 32), a presença das oferendas nas trilhas simboliza que existem lugares sagrados na Serra do Lenheiro.

Figura 46. Oferenda na beira da água.



Oferenda na beira da água, próxima as quedas da Cachoeira da Macumba, nome popular da cachoeira.
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A segunda oferenda foi registrada no dia 27 de maio 2023, conforme a figura 47, em um espaço aberto próximo às trilhas, em um local com a vegetação rasteira. Observe que as manifestações culturais religiosas encontram-se em diversos pontos da Serra, entretanto, o significado é o mesmo de crença e devoção.

Assim, ao falarmos das religiões de Matrizes Africanas temos também que falar da discriminação, preconceito e intolerância sobre as religiões de origem africana na sociedade brasileira, que há décadas tem seus terreiros invadidos e queimados. No Brasil, as religiões de matrizes africanas têm origem a partir da “diáspora negra quando pessoas de várias religiões do continente africano foram trazidas e escravizadas” (Motta, 2018, p. 24).

Na história mundial, a intolerância deixou marcas profundas na sociedade, como foi o caso da construção do sistema de apartheid e os campos de concentração. A expressão intolerância religiosa é utilizada “para descrever um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não hegemônicas” (Nogueira, 2020, p. 21).

Ao encontrar nas trilhas da Serra do Lenheiros elementos de religiões de origem africana, significa identificar neste espaço um lugar de resistência, como dito anteriormente, a Serra foi altamente explorada no Período Colonial e sabendo que naquele momento

a igreja católica estava preocupada com a doutrinação e catequese dos índios, bem como, dos negros advindos da África. A religião oficial, o Catolicismo, representava a “verdadeira” expressão de fé a ser aceita e seguida. Essa, para os jesuítas era considerada obra de Deus, enquanto as religiões dos índios e negros, representavam a obra própria demônio (Faria, 2021, p. 50).

Assim, em um ambiente onde a colonização foi fortemente estruturada, encontrar elementos simbólicos de religiões de matrizes africanas significa ter na paisagem um símbolo de resistência contra a tentativa de apagamento destas manifestações culturais (Costa, 2011). Tão logo, a Serra do Lenheiro também pode ser observada como um lugar sagrado para as religiões de origens africana.

Figura 47. Oferenda na trilha.



Oferenda fotografada em uma das trilhas da Serra do Lenheiro.
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Além dos Lugares criados pelos grupos na Serra do Lenheiro, existe também no espaço serrano os espaços míticos, que são *espaços* onde o mito floresce, a seguir veremos um dos mitos apresentados na área de estudo.

4.5 O ESPAÇO MÍTICO E O LUGAR NA SERRA DO LENHEIRO

Este item, é baseado no capítulo sete do livro ‘Espaço e Lugar a perspectiva da experiência’ de Tuan, publicado no ano de 2013, e o capítulo oito e nove do livro ‘Topofilia um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente que aborda o amor humano pelo lugar ou topofilia’, no ano de 2012. Este item da dissertação tem por objetivo descrever uma das lendas da Serra do Lenheiro e analisar a relação humana afetiva com o *lugar*.

A figura 48 mostra uma imagem de uma rocha na Serra do Lenheiro com o rosto de uma mulher esculpido. Essa é a Dama de Pedra, nome popular da obra. Na figura, é possível identificar os cabelos ondulados ou um possível véu cobrindo seus cabelos. No rosto entalhado, também é possível identificar a maxila, um dos olhos, o nariz e a boca, detalhe que na imagem mostra apenas uma parte do rosto da dama, hoje com a presença de líquens na rocha, devido a ação do intemperismo biológico.

Figura 48. Dama de Pedra.



Localizada em uma das rochas da Serra do Lenheiro, próximo as figuras rupestres
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

O nome popular dado a essa imagem faz referência a uma mulher. Localizada nas coordenadas UTM (572277,950 / 7661831,120), a autoria da obra é desconhecida, mas existem diferentes enredos sobre sua criação, a principal delas é a de um amor de homem por uma mulher, o qual, escupi na rocha o rosto da amada. Uma das versões da história que virou lenda é relatada por Ferreira (2017)

representa uma escultura feita direta em um afloramento de rocha quartzítica. Segundo a lenda, a escultura do rosto feminino diz respeito a uma linda mulher que era herdeira de um fazendeiro local e alvo de uma paixão proibida. Conta-se que um escravo se apaixonou pela jovem e, como o romance seria impossível de se realizar, o homem apaixonado esculpiu o rosto da amada, matando-se logo depois (Ferreira, 2017, p. 110).

Da ausência de informação sobre a origem da obra, surge o mito. Assim, detendo-nos sobre os conceitos de Tuan (2013), podemos descrever que “os mitos florescem na ausência do conhecimento preciso” (Tuan, 2013, p. 109), ou seja, na falta de informações sobre a origem da Dama de Pedra, foram criadas diversas histórias, hoje lendas para suprir a falta de informações.

A criação dos mitos na história é uma necessidade humana para responder perguntas que a ciência não é capaz de discutir ou desenvolver um raciocínio, já que mesmo diante dos diferentes métodos existentes, ainda estamos limitados a diversas questões, principalmente as relacionadas à natureza, para Tuan (2013)

O conhecimento que temos como indivíduos e como membros de determinadas sociedade **permanece muito limitado**, seletivo e **influenciado pelas paixões da vida**. O mito não é uma crença que possa ser facilmente verificada ou negada pela evidência dos sentidos (Tuan, 2013, p. 109, grifos nossos).

Dito isto, sem saber a origem da rocha escupida no meio da Serra do Lenheiro, surgiu a necessidade da criação do mito. Os mitos são uma forma de responder as questões que nosso conhecimento científico não pode responder, esses fazem parte tanto da sociedade contemporânea como do passado, mesmo com os avanços tecnológicos ainda estamos limitados à natureza (Tuan, 2013).

A ciência permite fazer uma datação da imagem através de algum método científico, entretanto, não podemos afirmar ou contar ao certo qual a origem da história da imagem, daí a necessidade dos mitos.

O que se sabe é que mesmo não compreendendo ao certo a origem da imagem, a população local tem a Dama de Pedra como uma referência na paisagem do Lenheiro, tanto que a história é renovada de tempos em tempos. A Dama de Pedra é tão conhecida na Serra que sua história virou música.

A canção e composição foi feita por Teté Santos, a letra da música foi inspirada em uma das ledas da Dama de Pedra, ela fala exatamente do amor de um negro pela sinhá, um amor proibido, que foi marcado na rocha. Vejamos a letra da música

DAMA DE PEDRA

SINHÁ GOSTAVA DE FICAR NAS SENZALAS

COM SUAS VOVÓS AFRICANAS

CUIDAR DAS FERIDAS DOS NEGROS

QUE SANGRAVA SANGRAVA SEM PARAR

TINHA DE TUDO MAS NÃO TINHA O AMOR

MALTRADA PELO SEU SENHOR
ATÉ QUE UM DIA VIU O SORRISO
DO NEGRO QUE A ENCANTOU

FAISCANDO O BRILHO DA PAIXÃO
SINHÁ QUE TANTO ELE AMOU
NA ROCHA BRUTA O ESCRAVO ENTALHOU
UMA LENDA VIROU
Ô... UMA LENDA VIROU
(REFRÃO)

ESTE AMOR IMPOSSÍVEL FEZ SEU CORPO
VIRAR CINZA PELO AMOR
SINHÁ NÃO SUPORTOU DOS TRÊS PONTÕES
SE LANÇOU

DONDE É GUARDIÃO E BRILHO DOURADO PAIXÃO
ESPÍRITO MARCADO NO MORRO
MORRO DE SÃO JOÃO
(Letra e música de Teté Santos, abril, 2023)

Ao utilizar a lenda como letra para a composição da música, o compositor busca eternizou não só a história do amor de um negro pela sinhá, mas a rocha entalhada que é fruto deste amor proibido, utilizando a música como recurso. Como nos lembra Tuan (2012) ao falar dos cinco sentidos humano (olfato, paladar, visão, audição e tato), ele ressalta que para muitas pessoas a audição é um dos pontos mais importante na sua relação com o espaço

O som da chuva batendo contra as folhas, estrondo do trovão, o assobio do vento no capim e o choro angustiado excitam-nos com intensidade raramente alcançada pela visão. Para muitas pessoas, a música é a experiência emocional mais forte do que quadros ou cenários (Tuan, 2012, p. 25).

Sendo assim, existe um elo afetivo entre o compositor com o lugar, expresso na criação da música. Não é sobre o que ele quer dizer exatamente com a letra da música, mas sim, o que ele demonstrou ao escrever a música. Surgindo aqui o pertencimento pelo lugar, tanto que na letra da música outros pontos da Serra do Lenheiro são usados na construção da música como o paredão dos Três Pontões.

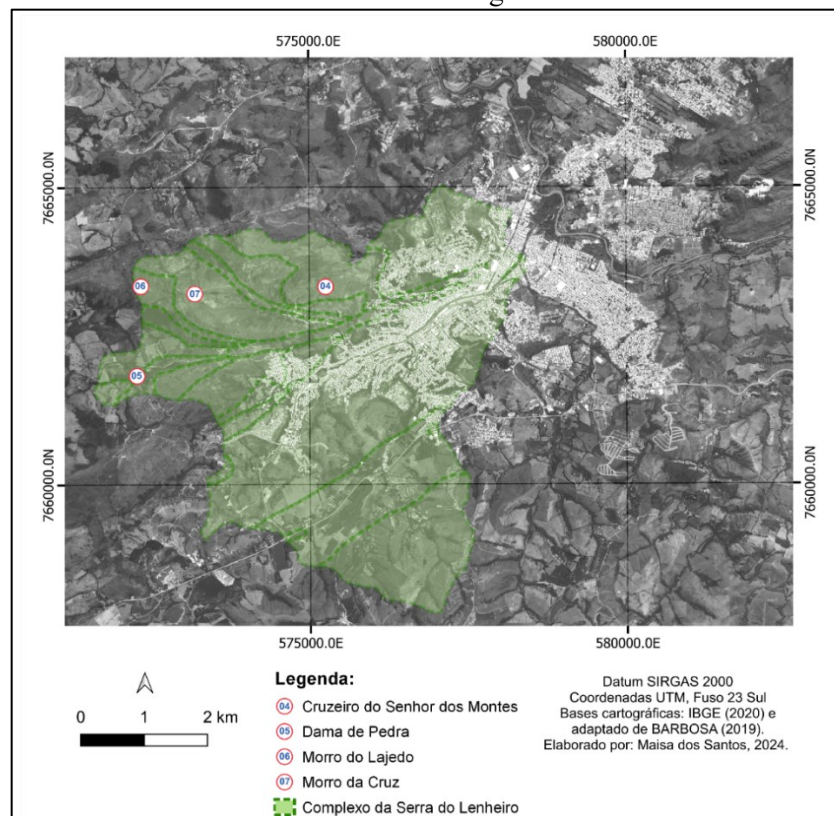
Veja que aqui existe uma relação profunda entre o indivíduo e o lugar, esse sentimento seria topofilia? “já que ela inclui todos os laços afetivos dos seres como meio ambiente material” (Tuan, 2013, p. 135-136), essa é uma pergunta para uma próxima pesquisa, mas podemos afirmar que o sentido de lugar na Serra do Lenheiro existe e é carregado de sentimentos.

Contudo, a segunda hipótese deste trabalho foi parcialmente corroborada uma vez que, em um trabalho de campo, foi possível encontrar nos grupos diversos sentimentos, significados, crenças e histórias sobre os lugares na paisagem da Serra do Lenheiro.

Ao testar as hipóteses um e dois nas seções III e IV, já podemos responder à pergunta que norteia essa pesquisa “É possível aplicar o conceito de polivocalidade a paisagem da Serra do Lenheiro?”, a resposta é SIM. A paisagem da Serra do Lenheiro é um símbolo com diferentes significados para a cidade de São João Del-Rei. Pois ela é construída de diferentes elementos simbólicos e existe junto à paisagem da Serra, diferentes lugares carregados de sentimentos, crenças, histórias que foram criados ao longo do tempo por diferentes grupos.

A seguir, o Mapa com os lugares na Serra do Lenheiro: Morro da Cruz; Cruzeiro do Senhor dos Montes, Dama de Pedra.

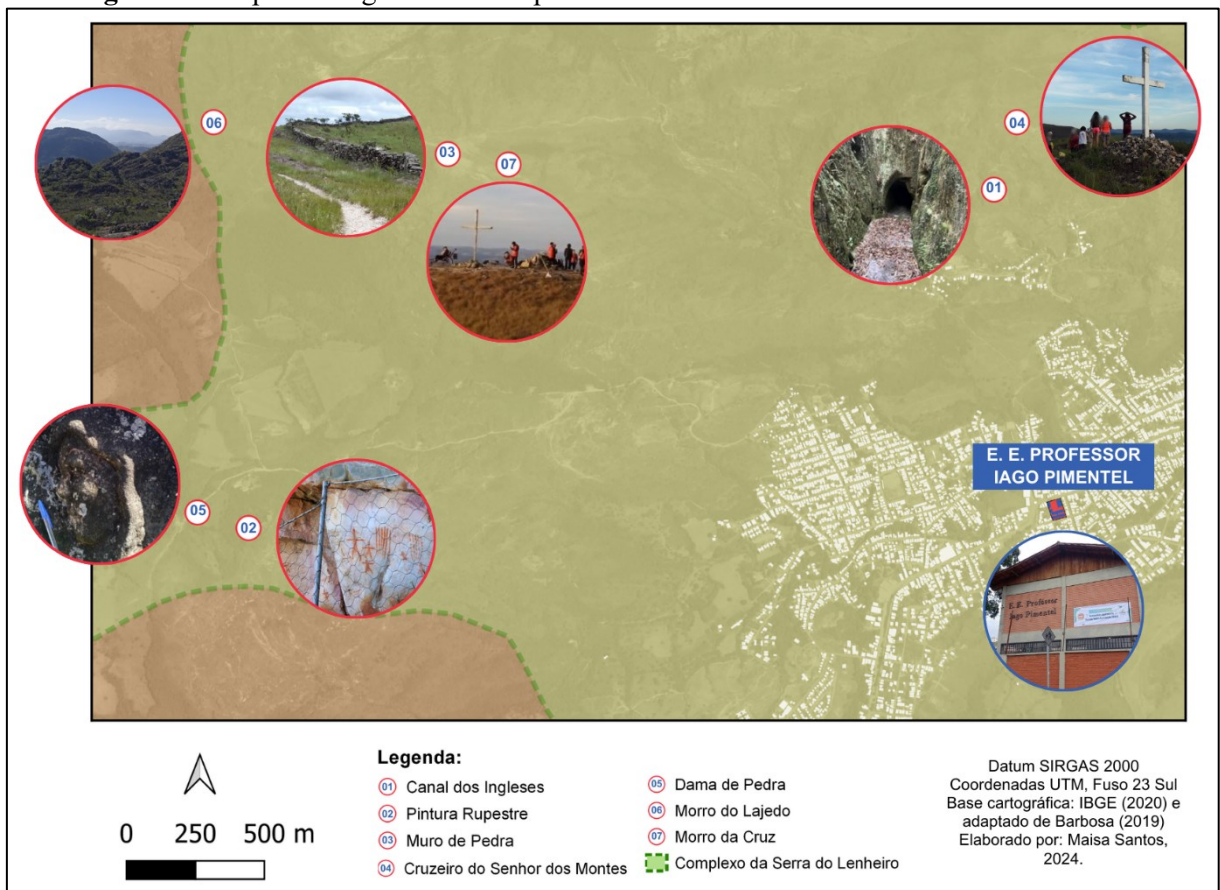
Figura 49. Mapa 4. Localização dos pontos de interação entre os grupos e a natureza criando o conceito de lugar.



Fonte: Elabora pela autora.

Por fim, o mapa 5 apresenta todos os pontos visitados durante os trabalhos de campo na Serra do Lenheiro. Morro da Cruz visitado pela Equipe ALA e a Família Guimarães, Cruz do Senhor dos Montes lugar sagrado para a Via Sacra do Senhor dos Montes, pinturas rupestres no Morro dos Três Pontões, visitado por vários grupos de turistas e onde também é realizada a prática da escalada pelos militares do exército e os esportistas. Morro do Lajedo visitado pelo trabalho de campo para um evento acadêmico do ensino superior e por fim, os símbolos históricos canal dos ingleses, muro de pedra e a Dama de Pedra. O mapa também tem a finalidade de mostrar a proximidade dos pontos visitados na Serra do Lenheiro com a escola Estadual Professor Iago Pimentel.

Figura 50. Mapa 5- Diagrama com os pontos visitados na Serra do Lenheiro e a E.E.P.I.P.



Fonte: Elaborado pela autora. Pontos visitados na Serra do Lenheiro e a Fachada da Escola Estadual Professor Iago Pimentel. (Fonte: Facebook da Escola, 2023).

Diante da importância simbólica apresentada para área de pesquisa, existe a necessidade da sua conservação, e de apresentar essa como um elemento simbólico na paisagem sanjoanense. Um dos caminhos viáveis é a educação, assim, a presente pesquisa nas próximas seções busca, junto ao corpo docente da Escola Estadual Professor Iago Pimentel, conhecer

quais são os anseios dos professores sobre a implantação de um projeto de Educação Ambiental para a escola, essa foi escolhida para a intervenção pedagógica por estar presente no bairro Tijuco, que está nos limites físicos da Serra.

Porém, é preciso conhecer quais são as percepções dos professores sobre a Serra Lenheiro e saber, junto aos professores, como podemos estruturar um projeto de Educação Ambiental para a escola. Com o intuito de alcançar os objetivos, um questionário semiestruturado foi elaborado, ele foi aplicado ao corpo docente do Ensino Fundamental II.

Para intervenção junto à escola e aos professores, foi necessário submeter o trabalho e o questionário semiestruturado ao Comitê de Ética, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Assim, a próxima seção da dissertação, dando sequência ao trabalho, buscou alcançar os demais objetivos específicos da pesquisa que são: Conhecer as percepções dos professores sobre a Serra do Lenheiro; e identificar os anseios dos docentes sobre a implantação de projeto sobre Educação Ambiental na escola.

VALORES, ATITUDES E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À SERRA DO LENHEIRO



*“Se as portas da percepção fossem limpas, tudo pareceria ao
homem tal como é, infinito”*

(Campbell, 1991).

5. VALORES, ATITUDES E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À SERRA DO LENHEIRO

Antes da aplicação da entrevista semiestruturada, o primeiro contato com os participantes da pesquisa aconteceu por meio de uma roda de conversa, intitulada: “Um diálogo de saberes, para a construção de uma Educação Ambiental para a Escola Estadual Professor Iago Pimentel”, que foi realizada em um dos módulos, no dia 09 de novembro de 2023.

A roda de conversa foi ministrada pela pesquisadora Maisa dos Santos (membro da pesquisa) e teve como convidado Marcelo Henrique do Nascimento, que é ex-aluno da Escola Estadual Professor Iago Pimentel e é morador do bairro Tijuco onde está situada a escola e parte do limite físico da Serra do Lenheiro.

O convidado para a roda de conversa é formado em Geografia (Licenciatura), pela Universidade Federal de São João Del-Rei, Minas Gerais. Além de ter sido aluno da escola, é frequentador das trilhas da Serra do Lenheiro desde a infância. A pesquisadora Maisa dos Santos (membro da pesquisa) ficou responsável por conduzir a roda de conversa trazendo dados científicos sobre a Serra do Lenheiro. O objetivo da roda de conversa foi apresentar ao participante da pesquisa a Serra do Lenheiro, e dialogar sobre a importância da implantação de um projeto de Educação Ambiental na escola.

Os principais temas trabalhados na roda de conversa foram: Educação Ambiental, Serra do Lenheiro, Pertencimento, Conservação e Ensino. A roda de conversa teve duração de uma hora e meia. Após a roda de conversa, o segundo contato com os participantes da pesquisa foi através da aplicação da entrevista semiestruturada.

A coleta de dados sobre a percepção ambiental dos professores da Escola Estadual Professor Iago Pimentel foi realizada por meio de dados estatísticos de amostragem, ou seja, a escola possui em seu quadro o total de 60 docentes. Destes, os convidados a participarem da amostra foram 27. A amostra é referente apenas aos professores que lecionam no Ensino Fundamental II, anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), independente da disciplina lecionada pelo profissional. Dentro da amostra, 16 docentes responderam a entrevista semiestruturada entre os dias 10 e 24 de novembro 2023.

A escolha por ter professores do Ensino Fundamental dos anos finais como participantes da pesquisa, se deu em decorrência do material didático a ser elaborado em uma próxima pesquisa, para a implantação do projeto sobre Educação Ambiental. Isto porque o material didático a ser elaborado é pensado para as temáticas que são abordadas em sala de aula nas turmas do 6º ao 9º ano. Assim, ficou estabelecido como parâmetro de recrutamento os

profissionais que trabalhem com turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental II do 6º ao 9º ano. O material didático a ser elaborado é de caráter interdisciplinar, o que justifica a participação de todos os professores que trabalham nestas turmas.

Além dos professores do Ensino Fundamental II, a entrevista semiestruturada também foi aplicada ao coordenador (a) pedagógico(a) da escola. A justificativa para a entrevista semiestruturada ser aplicada ao coordenador(a) pedagógico (a), é porque entre as diversas atribuições do coordenador(a), uma delas é selecionar temas específicos a ser trabalhado em conjunto nas disciplinas, como a proposta do projeto de Educação Ambiental a ser implantado na escola, é de caráter interdisciplinar. Nesse sentido, a coordenadora pedagógica é uma forte aliada no desenvolvimento da implantação do projeto junto aos professores, e esta pode fazer apontamentos importantes de quais temas deve ser levado em consideração na hora da elaboração do material.

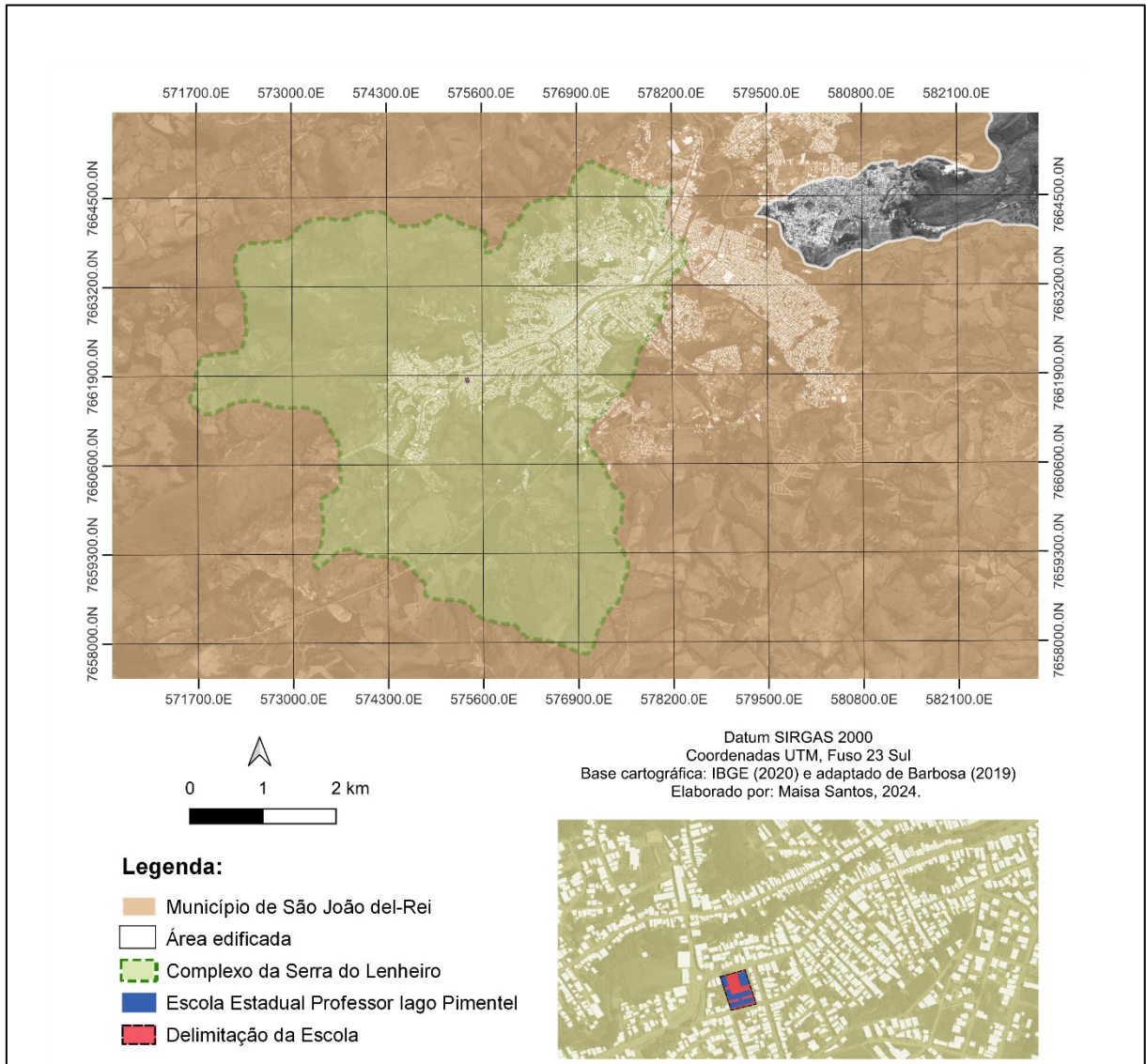
Outro ponto a ser levado em consideração ao estudar a percepção ambiental dos professores com a Serra, é porque no futuro são eles que irão trabalhar com o material didático em sala de aula. Assim, as percepções, atitudes e os valores do participante da pesquisa podem interferir tanto positivamente como negativamente no ensino do material didático. Então, trazer a percepção ambiental do professor sobre a Serra do Lenheiro é dar voz ao participante da pesquisa na elaboração do material didático, uma vez que a percepção ambiental busca identificar como esse participante da pesquisa está vendo o objeto de estudo.

Além disso, proporciona a identificação de possíveis visões que a presente pesquisadora não teria, bem como levar em consideração o mundo vivenciado do participante da pesquisa e construir um projeto em conjunto. Para coleta dos dados junto aos participantes da pesquisa, o instrumento selecionado foi a entrevista semiestruturada, que conta com onze perguntas, dividida em três blocos, conforme descrito na metodologia da pesquisa.

Para a aplicação da entrevista, as abordagens aos participantes foram feitas por meio de entrevista agendada, no qual o participante marcou a data e a hora para responder a entrevista semiestruturada, dando ao participante da pesquisa a liberdade de escolha, de acordo com a sua agenda. O local de aplicação da entrevista semiestruturada ocorreu no espaço físico da Escola Estadual Professor Iago Pimentel, situada na Rua São João, número 571 no bairro Tijuco, na cidade de São João Del-Rei, Minas Gerais, o tempo da aplicação da entrevista foi de duração de 25 a 30 minutos.

O mapa 6, a seguir, mostra a localização da Escola Estadual Professor Iago Pimentel e sua proximidade com a Serra do Lenheiro e quando falando em complexo da Serra do Lenheiro a escola fica localizada dentro do referido termo utilizado por Barbosa (2019).

Figura 51. Mapa 6- Localização da E.E.P.I.P dentro do Complexo da Serra do Lenheiro.



Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, são apresentados os dados levantados juntos aos docentes da Escola Estadual Professor Iago Pimentel. Para coleta dos dados, junto aos participantes da pesquisa, o instrumento selecionado foi a entrevista semiestruturada – esse tem sido um recurso muito utilizado nas pesquisas qualitativas (Heidrich, 2016).

Optou-se por utilizar a entrevista semiestruturada devido a necessidade de apresentar informações objetivas sobre a percepção dos participantes da pesquisa acerca da área de estudo. E a entrevista semiestruturada, justamente, facilita a compreensão deste fenômeno (Pessoa et al., 2017)

Além disso, a entrevista semiestruturada conta com a praticidade e a facilidade na comparação das respostas dos participantes da pesquisa, desta maneira, a entrevista foi

estruturada em onze perguntas divididas em três blocos, com perguntas abertas e fechadas (Medeiros; Melchioris, 2017).

Outro ponto positivo, na escolha da entrevista semiestruturada é a possibilidade de orientar os participantes da pesquisa em torno dos temas previamente definidos e sobretudo “garantir-lhes uma margem de liberdade confortável para abordar aspectos do seu interesse” (Moraes, 2017).

Após a coleta dos dados, esses foram organizados de acordo com as orientações de Marconi e Lakatos (2003), por meio de tabelas, gráficos e quadros. No quadro, com o objetivo de preservar a identidade do participante, os nomes foram substituídos por nomes fictícios do tipo (P1, P2, P3). Posteriormente, para a elaboração das análises, essa será feita basicamente em três níveis: interpretação, explicação e especificação, onde

Interpretação. Verificação das relações entre as variáveis independente e dependente, e da variável interveniente (anterior à dependente e posterior à independente), a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno (variável dependente).

Explicação. Esclarecimento sobre a origem da variável dependente e necessidade de encontrar a variável antecedente (anterior às variáveis independente e dependente).

Especificação. Explicação sobre até que ponto as relações entre as variáveis independente e dependente são válidas (como, onde e quando) (Marconi; Lakatos, 2003, p. 168).

O objetivo da análise foi testar a hipótese (H3) desta pesquisa: “A Paisagem da Serra do Lenheiro desperta diferentes percepções ambientais”. E, mediante a análise, comprovar ou refutar a hipótese formulada.

5.1 RODA DE CONVERSA: UM DIÁLOGO DE SABERES, PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR IAGO PIMENTEL

A roda de conversa intitulada “Um diálogo de saberes, para a construção de uma Educação Ambiental para a Escola Estadual Professor Iago Pimentel”, foi realizada no dia 09 de novembro de 2023 em um dos módulos da escola, essa foi realizada juntamente com todo corpo docente da escola.

O momento foi conduzido pela presente pesquisadora e a apresentação da Serra do Lenheiro ficou sob a responsabilidade do convidado, Marcelo Henrique do Nascimento. O qual apresentou os conceitos da geográficos e sua percepção sobre a Serra do Lenheiro.

Inicialmente, a roda de conversa foi conduzida pela pesquisadora, que fez apresentação dos objetivos da dissertação e expôs as necessidades de um projeto de Educação Ambiental

voltado para conservação da Serra do Lenheiro. Durante a apresentação, foi ressaltado a importância de pensar um projeto de Educação Ambiental interdisciplinar para a escola.

Figura 52. Roda de conversa com o corpo docente da E.E.P.I.P



Diálogo da pesquisadora com o corpo docente. Fonte: Acervo pessoal, 2023.

No segundo momento, após a apresentação dos objetivos da dissertação, o convidado fez a sua apresentação. Na sua fala, ele apresentou temas como formação geológica da Serra do Lenheiro, principais atrativos turísticos, impactos ambientais como lixo, esgoto a céu aberto, queimadas e a expansão urbana próximo a Serra do Lenheiro.

Durante a sua apresentação, a vivência do convidado com a área de pesquisa ficou em evidência. Na sua conversa com os docentes, ele fez questão de ressaltar como a Serra do Lenheiro fez parte da sua infância e ainda está presente no seu dia a dia, principalmente relacionado ao lazer. Na sua apresentação, havia diversas fotos dele em diferentes pontos da Serra.

O Marcelo relatou sua admiração, experiência e seus sentimentos pela paisagem da Serra do Lenheiro. Durante sua fala, foi possível observar que a Serra do Lenheiro é um ambiente experienciado pelo convidado, o que faz com que ele deixe de ser apenas um observador da paisagem e passe a ter uma relação íntima com esse ambiente, criando nele o conceito de lugar. Já que o

lugar é um nicho aconchegante. Pode ser assim conceituado a partir da permanência. **Certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência.** O que inicialmente é feio, “sem vida” ou até mesmo odiado (espaço), com o tempo ganha foros de lugar (Mello, 1991, p. 49, grifos nossos).

Diferente da Equipe ALA, que tem uma relação de intensidade na criação de um lugar com o Morro da Cruz, Marcelo criou afeição pela Serra do Lenheiro através das **longas experiências vivenciadas por ele, neste ambiente**. Como relatado por ele, durante a roda de conversa, na infância ele passeava nas trilhas e visitava os atrativos turísticos acompanhado de seus familiares e amigos. E, até os dias atuais, a Serra faz parte dos seus momentos de lazer, tanto que ele guiou o grupo Café de Graça, para visitar as pinturas rupestres, como registrado nesta dissertação. Desta maneira, é possível observar a criação de dois lugares na Serra do Lenheiro a partir de duas diferentes experiências: uma ligada a intensidade e outra ao tempo.

A seguir, o registro fotográfico da conversa do convidado com o corpo docente (figura 53).

Figura 53. Apresentação da Serra do Lenheiro aos docentes feito por convidado.



Convidado da roda de conversa. Fonte: Acervo pessoal (2023).

Ainda durante a roda de conversa com os docentes, foi exposto um mural de fotos do acervo pessoal da pesquisadora, as quais foram registradas durante os trabalhos de campo na Serra, com a finalidade de mostrar aos docentes os objetivos da pesquisa na área de estudo e também apresentar a paisagem da Serra do Lenheiros aos docentes.

Figura 54. Mural com fotografia dos grupos na Serra do Lenheiro exposto durante a roda de conversa.



Fonte: Acervo pessoal (2023).

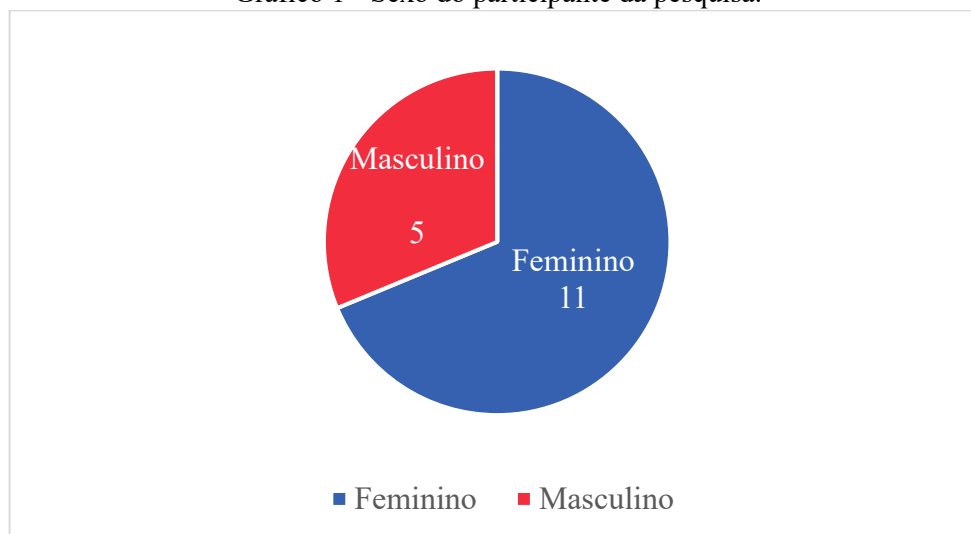
Depois da roda como os docentes, foi a vez da aplicação das entrevistas semiestruturadas aos participantes da pesquisa, a qual foi realizada de forma presencial e individual. No próximo item, são apresentadas as análises dos dados coletados junto aos docentes.

5.2 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Antes de analisar qual a percepção dos participantes da pesquisa sobre a Serra do Lenheiro, traçamos o perfil do nosso participante da pesquisa. O qual será feito através das análises das respostas obtidas no bloco I e II, do formulário da pesquisa semiestruturada.

A entrevista contou com um total de dezesseis (16) entrevistados, incluído o coordenador pedagógico da escola. A grande maioria dos entrevistados foram do sexo feminino (onze) e do sexo masculino (cinco). Durante a entrevista, também havia a opção de escolhe a opção “outro” e “prefiro não dizer”, porém, nenhuma das duas opções foi escolhida pelos entrevistados. O gráfico 1, a seguir, mostra o sexo dos participantes:

Gráfico 1 - Sexo do participante da pesquisa.



Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

O gráfico expressa a predominância feminina na pesquisa. Já referente a idade dos participantes, conforme a tabela 1, a maioria dos participantes apresentou idade entre 36 e 40 anos, o qual representa 31.25% dos participantes. Sendo que a faixa etária dos 41 a 45 anos, corresponde a 25% do total do grupo entrevistado. E o grupo de 46 a 45, representa 18.75% dos entrevistados.

As faixas etárias de 26 a 30 anos e 31 a 35 anos teve apenas uma representação de 12.5% cada. As demais alternativas até 0 a 25 anos, de 51 a 55 anos e acima de 60 anos não foi encontrado nenhum participante com esta característica.

Tabela 1- Faixa etária dos participantes da pesquisa.

FAIXA ETÁRIA	PARTICIPANTES	%
Até 25 anos	-	-
26 a 30 anos	2	12.5 %
31 a 35 anos	2	12.5 %
36 a 40 anos	5	31.25 %
41 a 45 anos	4	25 %
46 a 50 anos	3	18.75 %
51 a 55 anos	-	-
56 a 60 anos	-	-
Acima de 60 anos	-	-
Total	16	100%

Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Após, analisar a faixa etária do participante agora é a vez de traçar o percurso acadêmico e profissional do participante da pesquisa. Essa está representada na tabela 2, a qual mostra as áreas de Ciências Biológicas (licenciatura plena), Pedagogia (licenciatura plena), Geografia

(licenciatura plena), História (licenciatura plena), Letras (licenciatura plena) e matemática (licenciatura plena) foram as áreas profissionais que mais tiveram interesse em responde ao questionário, cada uma das áreas teve dois representantes cada. Enquanto as demais áreas aparece com um participante cada, sendo: (1) uma da Engenharia Florestal, (1) uma da Filosofia, (1) uma do Normal Superior e (1) uma de Artes.

Tabela 2- Área de formação acadêmica dos participantes.

FORMAÇÃO ACADÊMICA (ÁREA)	PARTICIPANTES	%
Ciências Biológicas (Licenciatura Plena)	2	12,5%
Pedagogia (Licenciatura Plena)	2	12,5%
Geografia (Licenciatura Plena)	2	12,5%
História (Licenciatura Plena)	2	12,5%
Engenharia Florestal	1	6,25%
Filosofia (Licenciatura Plena)	1	6,25%
Normal Superior/Educação Especial (Licenciatura Plena)	1	6,25%
Artes (Licenciatura Plena)	1	6,25%
Letras (Licenciatura Plena)	2	12,5%
Matemática (Licenciatura Plena)	2	12,5%
Total	16	100%

Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Depois de analisar a formação acadêmica dos participantes da pesquisa, foi a vez de analisar as especializações cursadas pelos participantes. Foi possível observar que 25% dos participantes não possuem nenhuma especialização. Enquanto 18, 75% realizaram especialização em áreas diversas como: Educação Especial, Metodologia do Ensino da Matemática, Projetos Sociais em Áreas Urbanas, Mestrado em Educação, Mestrado em Geografia, Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia, Mestrado em Ecologia, Estudos Latinos – Americanos, Gestão Empresarial e Produção de Material Didático utilizando o Linux conforme a tabela 3.

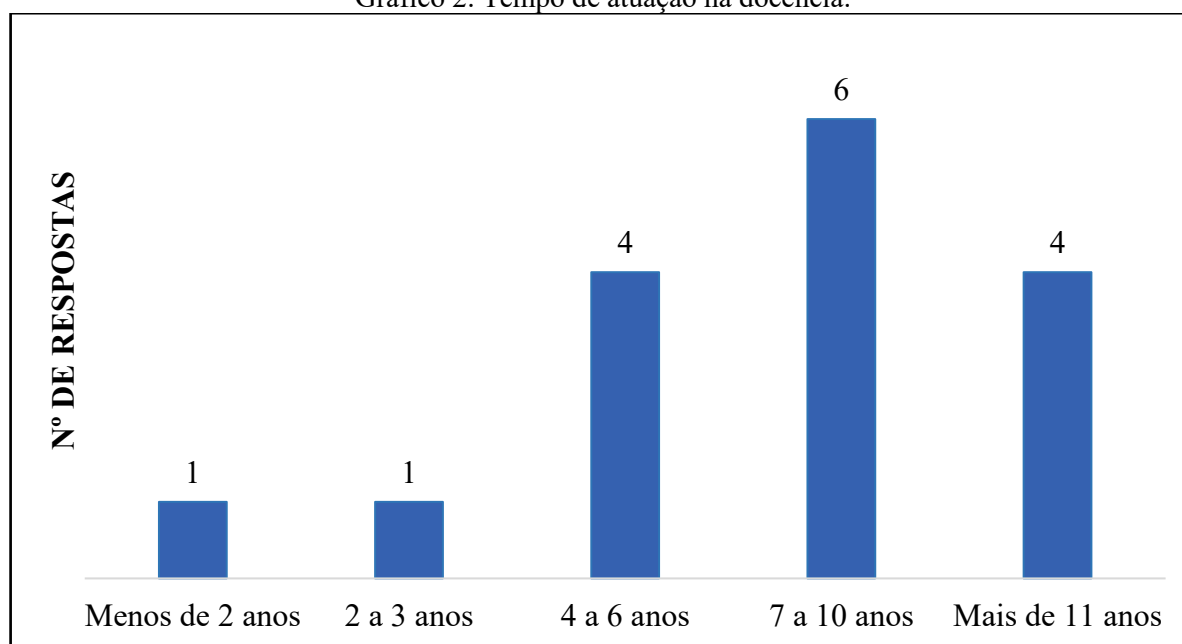
Tabela 3- Área de especialização dos participantes.

ESPECIALIZAÇÃO (ÁREA)	PARTICIPANTES	%
Não Possui	4	25%
Metodologia do Ensino da Matemática	1	6,25%
Projetos Sociais em Áreas Urbanas	1	6,25%
Educação Especial	3	18,75%
Mestrado em Educação	1	6,25%
Mestrado em Geografia	1	6,25%
Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia	1	6,25%
Mestrado em Ecologia	1	6,25%
Estudos Latinos - Americanos	1	6,25%
Gestão Empresarial	1	6,25%
Produção de Material Didático utilizando o Linux	1	6,25%
Total	16	100%

Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Outro ponto levantado junto aos docentes, foi sobre o tempo de atuação na docência. O gráfico 2, mostra que a maioria dos professores atua entre 7 e 10 anos, essa obteve um total de seis (6) respostas. Em seguida, veio as opções de 4 a 6 anos e mais de 11 anos, as quais respectivamente tiveram quatro (4) respostas cada. As opções de menos de 2 anos e de 2 a 3 anos, obtiveram uma (1) resposta cada.

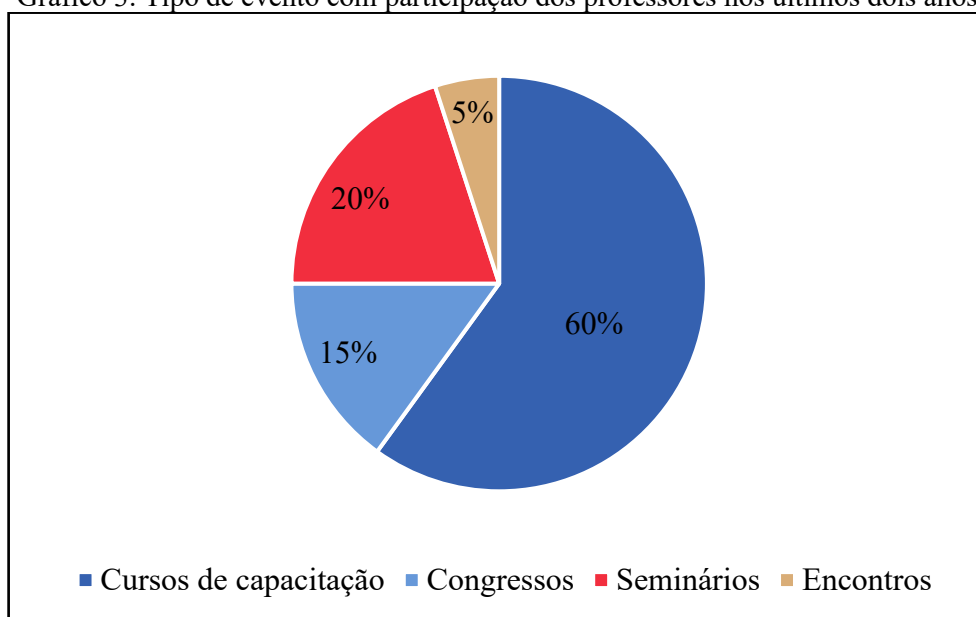
Gráfico 2. Tempo de atuação na docência.



Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora. (2023).

Para finalizar o perfil dos entrevistados, foi feita uma análise sobre os tipos de eventos procurados pelos docentes com a finalidade de agregar ao seu conhecimento. Do grupo entrevistado, 60% dos docentes realizaram curso de capacitação, enquanto 20% optaram por seminários. Enquanto 15% procuraram por congresso e só 5% dos entrevistados buscou por outros tipos de encontro, como pode ser observado no gráfico 3.

Gráfico 3. Tipo de evento com participação dos professores nos últimos dois anos.



Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora. (2023).

Entre esses tipos de encontro, estão: Curso de voz da Secretária; Curso de inglês; Neuropsicologia; Curso técnico de Enfermagem e o Programa de Instituição de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID). Entretanto, o que chama a atenção é o número de professores que procuram por curso de capacitação. Com esse dado, já podemos começar a pensar um projeto de Educação Ambiental que traga curso de capacitação para os docentes, já que essa é uma realidade do grupo.

Após apresentar o perfil dos participantes da pesquisa, chegou a vez de analisar qual a percepção ambiental destes com paisagem da Serra do Lenheiro e identificar como ela tem sido apresentada em sala de aula.

5.3 ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA SERRA DO LENHEIRO

5.3.1 Análise dos Significados

Neste item, apresentamos a paisagem da Serra do Lenheiro de acordo com os significados atribuídos pelos participantes da pesquisa. As respostas foram diversas, não havendo um único significado para a paisagem da área de pesquisa. O que ressalta a polivocalidade da paisagem da Serra do Lenheiro, tanto para os indivíduos como para a cidade. Já que quando perguntado sobre o que ela significa para a cidade, também foram apresentados diferentes significados para a Serra do Lenheiro conforme o quadro 1.

Quadro 1. Percepção do participante sobre a Serra do Lenheiro; e o que está significa para a cidade de São João Del Rei.

P1 – *“A Serra do Lenheiro me traz belas recordações, pois, nascida e criada no bairro a 47 anos, esta representa toda beleza que alguém possa imaginar. Desta forma, sua importância para com a cidade é a preservação e conservação da mesma, onde essa possa despertar o interesse de todos para um bem comum”* (Graduada em Letras).

P2 – *“A Serra do Lenheiro representa um espaço multidimensional, com diversas possibilidades. É um patrimônio local com dimensões geológicas, biológicas, paisagísticas, históricas e culturais. Um local que possibilita diversas vivências culturais, esporte, de contato com a natureza entre outros. De importância fundamental para a cidade, englobando as diversas dimensões já citadas”* (Graduando em História).

P3- *“Já foi meu campo de estudo, área de lazer, ponto turístico. É paisagem. Já fui ativista pela Serra. Para a cidade... Identidade cultural e faz parte da construção da história. Traz elementos culturais como as bétas. E traz também para a sociedade lendas e manifestações culturais”* (Graduando em Geografia).

P4 – *“Pra mim é um lugar da comunidade, porém pouco valorizada sobre o seu ambiente. E existe uma falta de pertencimento pela comunidade. Que pode ser vista na falta de conservação do seu ambiente. Faz parte da história de São João Del-Rei. Sua paisagem traz a nossa integração com a natureza”* (Graduanda em Pedagogia).

P5 – *“Descuidada, levemente perigosa, pois não tem segurança nenhuma. Não vou mais. E existe o risco de queimadas descontroladas. Sinto mais segurança no ambiente mais monitorado com a Serra de São José. Para cidade... essa tem muita importância. Onde fica*

localizada a nascente do Córrego do Lenheiro, que dá origem a cidade de São João Del-Rei. Sua paisagem é linda, especialmente o seu pôr do sol” (Graduada em Biologia).

P6- *“Um patrimônio natural e histórico. Ela deveria despertar um significado para a população. Entretanto, não é o que acontece. Porque existe uma falta de entendimento da sua importância e do sentimento de pertencimento” (Graduado em Ciências Biológicas).*

P7 – *“É uma formação rochosa importante, que além da beleza natural é responsável pela questão climática. E é responsável por parte do abastecimento da cidade. É um patrimônio da cidade nos aspectos geológicos, culturais, histórico, biológico, geográfico. E é um importante ponto turístico. A Serra na visão da cidade, no aspecto da população, é uma fonte de turismo e lazer” (Graduando em Ciências Biológicas).*

P8 – *“Faz parte da minha infância. Quintal de casa. Para a cidade pouco importa, a população não se preocupa com a Serra. O que pode ser visto pelo descuido com o Córrego do Lenheiro que tem esgoto a céu aberto jogado no seu leito” (Graduado em Pedagogia).*

P9 – *“Eu nunca fui. Pelo que as pessoas falam é muito gostosa e bela. Porém, as pessoas precisam ter mais conscientização sobre. Principalmente sobre o lixo levado, esse deve ser trazido de volta. Ela deve ser usada de forma benéfica. Para que todos possam usufruir. Para a cidade? É um patrimônio que deve ser preservada e cuidada. E um lugar onde serve para o lazer” (Graduada em Filosofia).*

P10 – *“Olha vou falar sobre a minha primeira impressão. É um lugar maravilhoso, que traz paz. Tem uma visão maravilhosa, que traz paz. Sua paisagem merece ser preservada e conservada. Da vontade de ficar lá em cima. Tem uma visão privilegiada da cidade de São João Del-Rei. Para a cidade... cultura e história. Eu não conhecia e quero conhecer, às pinturas rupestres que deve ser apresentada a comunidade externa” (Graduanda em Normal Superior/Educação Especial).*

P11 – *“É uma Serra que é explorada desde do período colonial. O próprio nome da Serra tem origem da sua exploração. No período do desemprego as pessoas buscavam ouro na Serra do Lenheiro ainda nos dias atuais. É a moldura da cidade. A Serra do Lenheiro é a moldura*

da cidade de São João Del-Rei e é, a base do centro histórico da cidade” (Graduada em História).

P12 – *“É um patrimônio da cidade. Precisa de uma conservação maior por parte do poder público. A Serra do Lenheiro conserva boa parte da fauna e da flora da cidade. E é uma opção de lazer ecológico” (Graduada em Letras).*

P13 – *“A Serra do Lenheiro é o quintal de casa dos meus alunos. Realizei uma pratica com meus alunos e as fotos traziam a paisagem da Serra do Lenheiro. E um ambiente natural no qual podemos nos conectar com a natureza, juntamente com a Serra de São José” (Graduada em Artes).*

P14 – *“É um local de paisagem bonita. Um lugar onde você tem um contato grande com a natureza e um local de descanso. Ela tem que ser vista como um patrimônio cultural e ambiental, a qual deve ser preservada e conservada. Porém na atualidade não é” (Graduada em Geografia).*

P15 – *“É minha história. História da minha infância. Fazia piquenique com meus pais. Apreendi a nadar e a preservar a natureza. Meu pai não tinha conhecimento acadêmico, porém, ele tinha a consciência da conservação. Apreendi com ele e minha mãe a preservar a natureza. Hoje levo meus filhos para conhecer a Serra. Ensino eles a preservar a Serra e a se divertirem. Já para a cidade, as nascentes ficam na Serra do Lenheiro. A natureza em si que ajuda a despoluir o ar. Porém, sinto como se a Serra fosse “NOSSA” do Tijuco e não da cidade. O Tijucano tem um pertencimento pela a Serra do Lenheiro. Pode até não reconhecer mais existe. Posso contar uma história... Na adolescência, no fim de semana depois das baladas aos sábados o ponto de encontro era no pé da Serra para mergulhar com meus amigos. Tenho várias histórias de pertencimento com a Serra do Lenheiro” (Graduada em Matemática).*

P16 – *“Um lar. Eu cresci nadando no poço dos sete metros. Meu quintal de casa. Conheço as trilhas da Serra do Lenheiro. Para vocês é novidade para a gente não. Ela é meu lugar de memória de infância. Para a cidade... De preservação, pois as nascentes estão localizadas*

na Serra. Porém as queimadas prejudicam o ar e a vegetação leva um longo tempo para se restaurar” (Graduada em Matemática).

Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

As respostas obtidas trouxeram para a paisagem da Serra do Lenheiro diferentes olhares. Conseqüentemente, diversos significados para a paisagem serrana, confirmando o seu conceito de polivocalidade, advindo da instabilidade de significados apresentados pelos participantes da pesquisa. Essa é uma das características das formas simbólicas, a instabilidade de significados (Corrêa, 2007).

Ao aplicar o conceito de polivocalidade à paisagem da Serra do Lenheiro, estamos reconhecendo a sua forma simbólica na paisagem sanjoanense. E, ao mesmo tempo, reconhecendo a diversidade de significados atribuídos a sua paisagem. Isso é possível devido ao contexto histórico da formação do município de São João Del-Rei e a ligação com a paisagem da Serra do Lenheiro.

Logo, é possível compreender que, da interação do ser humano com a paisagem natural da Serra do Lenheiro ao longo dos séculos, essa passou a ser uma paisagem cultural, tanto para o município com para os indivíduos que a experiência, já que “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural” (Sauer, 1998, p. 59).

Deste modo, a paisagem cultural da Serra do Lenheiro foi construída, a partir da relação entre o ser humano e a paisagem natural do Lenheiro. Outro ponto, a ser considerado é que “qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura” (Cosgrove, 1998, p. 102), e sabendo que “toda produção humana é uma produção simbólica” (Zippinotti, 2014, p. 28).

Ao reconhecer que a Serra do Lenheiro é uma forma simbólica na paisagem sanjoanense. estamos considerando que esta é carregada de símbolos, já que, conforme a compressão de Corrêa (2007, p. 7) “formas simbólicas, matérias ou não, constituem signos construídos a partir da relação entre formas, os significantes, e os conceitos, os significados”.

Desta maneira, ao decodificar a paisagem da Serra do Lenheiro através das percepções dos participantes da pesquisa e contextualizando com os pensamentos de Corrêa (2007), é possível compreender que a paisagem da Serra do Lenheiro é um símbolo. Entretanto, dentro da própria paisagem simbólica do Lenheiro existem outros símbolos carregados de significados, como já apresentado na seção III desta dissertação. O quadro 2, ressalta a diversidade simbólica da construção da paisagem da Serra do Lenheiro, no ponto de vista dos participantes.

Quadro 2. Trechos extraídos dos significados atribuídos pelos participantes da pesquisa a paisagem da Serra do Lenheiro e que ressalta a diversidade simbólica da construção da paisagem da Serra do Lenheiro.

P2 – *“A Serra do Lenheiro representa um espaço multidimensional, com diversas possibilidades. É um patrimônio local com dimensões geológicas, biológicas, paisagísticas, históricas e culturais”* (Graduando em História).

P3- *“Para a cidade... Identidade cultural e faz parte da construção da história. Traz elementos culturais como as bétas. E traz também para a sociedade lendas e manifestações culturais”* (Graduando em Geografia).

P4 – *“Faz parte da história de São João Del-Rei. Sua paisagem traz a nossa integração com a natureza”* (Graduanda em Pedagogia).

P5 – *“Para cidade... essa tem muita importância. Onde fica localizada a nascente do Córrego do Lenheiro, que dá origem a cidade de São João Del-Rei”* (Graduada em Biologia).

P6- *“Um patrimônio natural e histórico”* (Graduado em Ciências Biológicas).

P7 – *“É um patrimônio da cidade nos aspectos geológicos, culturais, histórico, biológico, geográfico”* (Graduando em Ciências Biológicas).

P10 – *“Para a cidade... cultura e história. Eu não conhecia e quero conhecer, às pinturas rupestres que deve ser apresentada a comunidade externa”* (Graduanda em Normal Superior/Educação Especial).

P11 – *“É a moldura da cidade. A Serra do Lenheiro é a moldura da cidade de São João Del-Rei e a base do centro histórico da cidade”* (Graduada em História).

P12 – *“É um patrimônio da cidade.”* (Graduanda em Letras).

P14 – *“Ela tem que ser vista como um patrimônio cultural e ambiental, a qual deve ser preservada e conservada. Porém na atualidade não é”* (Graduada em Geografia).

Assim, ao analisar os significados atribuídos pelos participantes da pesquisa, fica nítido a criação de uma paisagem simbólica carregada de diferentes símbolos e significados na paisagem da Serra do Lenheiro para o município de São João Del Rei.

Os significados atribuídos à paisagem da Serra do Lenheiro fazem referência a sua importância ambiental, histórica e cultural. As características apresentadas nos trechos da entrevista, demonstram que ela não é um patrimônio só pela questão ambiental com sua flora e fauna. Mas, também pelo seu contexto histórico e cultural transformando essa em um ambiente valorizado pelos entrevistados.

Isto pode ser compreendido como um ponto positivo, já que as paisagens simbólicas não são estáticas e seus valores culturais precisam ser ativamente reproduzidos para continuar a ter significado (Cosgrove, 1998), ou seja, ao longo dos séculos novos significados foram atribuídos à paisagem serrana do Lenheiro, confirmando seu poder simbólico.

Outro detalhe que chama a atenção nos trechos das entrevistas, são as memórias afetivas demonstrados pelos participantes da pesquisa pela área de estudo, conforme o quadro 3. Vejamos alguns destes sentimentos através das falas do P1; P8; P15; P16.

Quadro 3. Memórias afetivas expressados sobre a paisagem da Serra do Lenheiro.

P1 – *“A Serra do Lenheiro me traz belas recordações, pois, nascida e criada no bairro a 47 anos, esta representa toda beleza que alguém possa imaginar. Desta forma, sua importância para com a cidade é a preservação e conservação da mesma, onde essa possa despertar o interesse de todos para um bem comum”* (Graduada em Letras).

P8 – *“Faz parte da minha infância. Quintal de casa. Para a cidade pouco importa, a população não se preocupa com a Serra. O que pode ser visto pelo descuido com o Córrego do Lenheiro que tem esgoto a céu aberto jogado no seu leito”* (Graduado em Pedagogia).

P15 – *“É minha história. História da minha infância. Fazia piquenique com meus pais. Apreendi a nadar e a preservar a natureza. Meu pai não tinha conhecimento acadêmico, porém, ele tinha a consciência da conservação. Apreendi com ele e minha mãe a preservar a natureza. Hoje levo meus filhos para conhecer a Serra. Ensino eles a preservar a Serra e a se divertirem. Já para a cidade, as nascentes ficam na Serra do Lenheiro. A natureza em si que ajuda a despoluir o ar. Porém, sinto como se a Serra fosse “NOSSA” do Tijuco e não da cidade. O Tijucano tem um pertencimento pela a Serra do Lenheiro. Pode até não reconhecer mais existe. Posso contar uma história... Na adolescência, no fim de semana*

depois das baladas aos sábados o ponto de encontro era no pé da Serra para mergulhar com meus amigos. Tenho várias histórias de pertencimento com a Serra do Lenheiro” (Graduada em Matemática).

P16 – *“Um lar. Eu cresci nadando no poço dos sete metros. Meu quintal de casa. Conheço as trilhas da Serra do Lenheiro. Para vocês é novidade para a gente não. Ela é meu lugar de memória de infância. Para a cidade... De preservação, pois as nascentes estão localizadas na Serra. Porém as queimadas prejudicam o ar e a vegetação leva um longo tempo para se restaurar”* (Graduada em Matemática).

Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Além das memórias afetivas sobre a paisagem da Serra do Lenheiro pelo participante da pesquisa, é possível observar também que existem percepções negativas e positivas a respeito da Serra do Lenheiro, de acordo com o quadro 4.

Quadro 4. Percepções positivas e negativas da Serra do Lenheiro.

<u>Percepções Positivas</u>
<p>P2 – <i>“A Serra do Lenheiro representa um espaço multidimensional, com diversas possibilidades. É um patrimônio local com dimensões geológicas, biológicas, paisagísticas, históricas e culturais. Um local que possibilita diversas vivências culturais, esporte, de contato com a natureza entre outros. De importância fundamental para a cidade, englobando as diversas dimensões já citadas”</i> (Graduando em História).</p>
<p>P3- <i>“Já foi meu campo de estudo, área de lazer, ponto turístico. É paisagem. Já fui ativista pela Serra. Para a cidade... Identidade cultural e faz parte da construção da história. Traz elementos culturais como as bétas. E traz também para a sociedade lendas e manifestações culturais”</i> (Graduando em Geografia).</p>
<p>P7 – <i>“É uma formação rochosa importante, que além da beleza natural é responsável pela questão climática. E é responsável por parte do abastecimento da cidade. É um patrimônio da cidade nos aspectos geológicos, culturais, histórico, biológico, geográfico. E é um importante ponto turístico. A Serra na visão da cidade, no aspecto da população, é uma fonte de turismo e lazer”</i> (Graduando em Ciências Biológicas).</p>

P9 – *“Eu nunca fui. Pelo que as pessoas falam é muito gostosa e bela. Porém, as pessoas precisam ter mais conscientização sobre. Principalmente sobre o lixo levado, esse deve ser trazido de volta. Ela deve ser usada de forma benéfica. Para que todos possam usufruir. Para a cidade? É um patrimônio que deve ser preservada e cuidada. E um lugar onde serve para o lazer”* (Graduada em Filosofia).

P10 – *“Olha vou falar sobre a minha primeira impressão. É um lugar maravilhoso, que traz paz. Tem uma visão maravilhosa, que traz paz. Sua paisagem merece ser preservada e conservada. Da vontade de ficar lá em cima. Tem uma visão privilegiada da cidade de São João Del-Rei. Para a cidade... cultura e história. Eu não conhecia e quero conhecer, às pinturas rupestres que deve ser apresentada a comunidade externa”* (Graduanda em Normal Superior/Educação Especial).

P11 – *“É uma Serra que é explorada desde do período colonial. O próprio nome da Serra tem origem da sua exploração. No período do desemprego as pessoas buscam ouro na Serra do Lenheiro ainda nos dias atuais. É a moldura da cidade. A Serra do Lenheiro é a moldura da cidade de São João Del-Rei e a base do centro histórico da cidade”* (Graduada em História).

P12 – *“É um patrimônio da cidade. Precisa de uma conservação maior por parte do poder público. A Serra do Lenheiro conserva boa parte da fauna e da flora da cidade. E é uma opção de lazer ecológico”* (Graduanda em Letras).

P13 – *“A Serra do Lenheiro é o quintal de casa dos meus alunos. Realizei uma pratica com meus alunos e as fotos traziam a paisagem da Serra do Lenheiro. E um ambiente natural no qual podemos nos conectar com a natureza, juntamente com a Serra de São José”* (Graduada em Artes).

P14 – *“É um local de paisagem bonita. Um lugar onde você tem um contato grande com a natureza e um local de descanso. Ela tem que ser vista como um patrimônio cultural e ambiental, a qual deve ser preservada e conservada. Porém na atualidade não é”* (Graduada em Geografia).

P15 – *“É minha história. História da minha infância. Fazia piquenique com meus pais. Apreendi a nadar e a preservar a natureza. Meu pai não tinha conhecimento acadêmico, porém, ele tinha a consciência da conservação. Apreendi com ele e minha mãe a preservar a natureza. Hoje levo meus filhos para conhecer a Serra. Ensino eles a preservar a Serra e a se divertirem. Já para a cidade, as nascentes ficam na Serra do Lenheiro. A natureza em si que ajuda a despoluir o ar. Porém, sinto como se a Serra fosse “NOSSA” do Tijuco e não da cidade. O Tijucano tem um pertencimento pela a Serra do Lenheiro. Pode até não reconhecer mais existe. Posso contar uma história... Na adolescência, no fim de semana depois das baladas aos sábados o ponto de encontro era no pé da Serra para mergulhar com meus amigos. Tenho várias histórias de pertencimento com a Serra do Lenheiro”* (Graduada em Matemática).

P16 – *“Um lar. Eu cresci nadando no poço dos sete metros. Meu quintal de casa. Conheço as trilhas da Serra do Lenheiro. Para vocês é novidade para a gente não. Ela é meu lugar de memória de infância. Para a cidade... De preservação, pois as nascentes estão localizadas na Serra. Porém as queimadas prejudicam o ar e a vegetação leva um longo tempo para se restaurar”* (Graduada em Matemática).

Percepções Negativas

P4 – *“Pra mim é um lugar da comunidade, porém pouco valorizada sobre o seu ambiente. E existe uma falta de pertencimento pela comunidade. Que pode ser vista na falta de conservação do seu ambiente. Faz parte da história de São João Del-Rei. Sua paisagem traz a nossa integração com a natureza”* (Graduada em Pedagogia).

P5 – *“Descuidada, levemente perigosa, pois não tem segurança nenhuma. Não vou mais. E existe o risco de queimadas descontroladas. Sinto mais segurança no ambiente mais monitorado com a Serra de São José. Para cidade... essa tem muita importância. Onde fica localizada a nascente do Córrego do Lenheiro, que dá origem a cidade de São João Del-Rei. Sua paisagem é linda, especialmente o seu pôr do sol”* (Graduada em Biologia).

P6- *“Um patrimônio natural e histórico. Ela deveria desperta um significado para a população. Entretanto, não é o que acontece. Porque existe uma falta de entendimento da sua importância e do sentimento de pertencimento”* (Graduado em Ciências Biológicas).

P8 – *“Faz parte da minha infância. Quintal de casa. Para a cidade pouco importa, a população não se preocupa com a Serra. O que pode ser visto pelo descuido com o Córrego do Lenheiro que tem esgoto a céu aberto jogado no seu leito”* (Graduado em Pedagogia).

Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Depois de analisar as diferentes percepções positivas e negativas, bem como os diferentes significados atribuídos pelos participantes da pesquisa à paisagem da Serra do Lenheiro, já é possível confirmar a hipótese três desta pesquisa, “A paisagem da Serra do Lenheiro desperta diferentes percepções ambientais”. No próximo item, buscamos verificar o que causa percepções positivas e negativas na paisagem da Serra do Lenheiro.

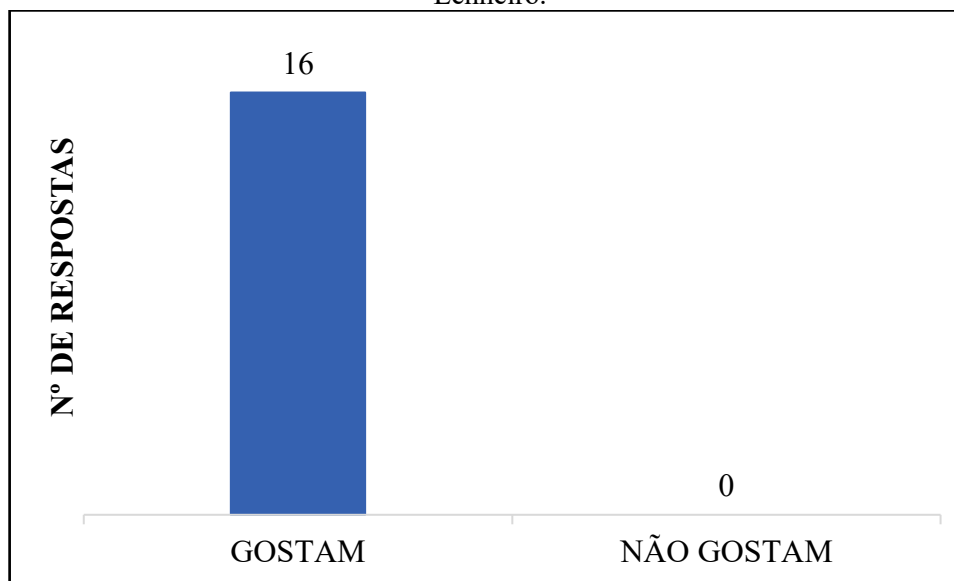
5.3.2 Análise das Valorações Ambientais

Nesta etapa, analisamos a paisagem da Serra do Lenheiro junto ao participante da pesquisa, com a finalidade de descobrir o que despertar sentimentos topofílicos e topóbicos nos indivíduos. Para tal, foi elaborada uma única pergunta “Diga de que você gosta/ e não gosta na Serra do Lenheiro?”, assim, foi colocado ao participante da pesquisa alguns aspectos presente na paisagem da Serra do Lenheiro, vejamos as respostas.

No primeiro momento, perguntamos aos participantes da pesquisa se eles gostavam do ambiente natural da fauna e da flora, e os aspectos históricos e culturais. A resposta de todos os 16 entrevistados foi que “GOSTAM” destes elementos na paisagem da Serra do Lenheiro. como mostra o gráfico 4.

Assim, é possível constatar que o ambiente natural, as questões culturais e históricas trazem aos participantes da pesquisa percepções positivas. Tanto que, ao perguntar os significados da Serra do Lenheiro na questão anterior, esses elementos apareceram como motivo de orgulho para os entrevistados, como é possível ver nas respostas do (P2; P6; P7; P12; P14).

Gráfico 4- Percepção do entrevistado sobre o ambiente natural, histórico e cultural da Serra do Lenheiro.



Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Ao perguntar sobre a atual estrutura da Serra do Lenheiro, sem guarda-parque, portaria, orientações sobre a unidade de conservação os participantes da pesquisa, na sua grande maioria, responderam que “Não Gostam” da atual estrutura conforme o gráfico 5.

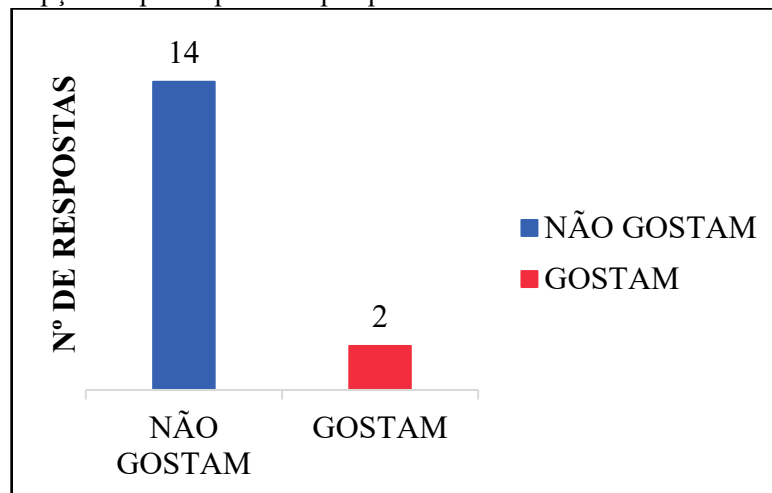
E outros dois participantes da pesquisa “Gostam” da atual estrutura da Serra do Lenheiro. Um dos participantes da pesquisa, chamou a atenção para os problemas que a implantação de uma unidade de conservação poderia causar aos moradores vizinhos à Serra do Lenheiro. Isto porque “apesar de não haver pessoas residindo no interior do Parque, a SMDUS⁵ afirma possuir moradores em sua Zona de Amortecimento, e em alguns casos, desenvolvendo atividades conflitantes com o propósito da Unidade” (Coimbra, 2019, p. 85). Outro ponto, levantado em consideração pelo participante da pesquisa é que a instalação de um parque poderia restringir o acesso da população à Serra, o que seria ruim.

Como já descrito anteriormente, dentro dos limites físicos da Serra do Lenheiro existe o Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro (PEMSL) criado pela prefeitura São João Del-Rei em 28 de setembro de 1993 através do decreto nº 2.160, entretanto, na atualidade o parque não dispõe de plano de manejo o que causa “uma evidente vulnerabilidade ambiental, tanto em função das dimensões do PEMS� quanto pela efetividade da legislação” (Barbosa, 2019, p. 115).

⁵ Secretaria de Desenvolvimento Urbano e de Sustentabilidade.

Porém, é importante ressaltar que esta pergunta não foi feita referente a opinião dos participantes da pesquisa quanto à efetivação da implantação da unidade de conservação na Serra do Lenheiro, já que esse não é o propósito da dissertação. A pergunta foi feita para saber qual a opinião dos participantes quanto a atual estrutura da Serra do Lenheiro. Estrutura que está diretamente ligada à falta de conservação da Serra do Lenheiro, e a partir disso, descobrir qual sentimento isso causa nos participantes da pesquisa.

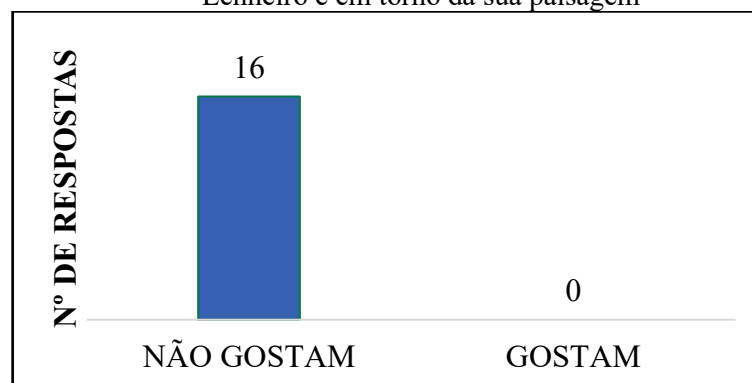
Gráfico 5- Percepção do participante da pesquisa sobre a estrutura atual da Serra do Lenheiro.



Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

E, por fim, foi feita uma pergunta sobre os aspectos relacionados as queimadas, erosão nas trilhas provocadas principalmente pelas motos, poluição dos rios incluído o Córrego do Lenheiro, o despejo por parte do poder público e a criminalidade em torno da Serra. As respostas foram uma só, “Não Gostam”, os 16 entrevistados demonstraram “fobia” para essas questões voltadas para a paisagem da Serra do Lenheiro como mostra o gráfico 6.

Gráfico 6- Concepção dos entrevistados sobre os problemas socioambientais na Serra do Lenheiro e em torno da sua paisagem



Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Depois de analisar as respostas dos entrevista, foi é possível identificar que os sentimentos topofílicos do participante da pesquisa na paisagem da Serra do Lenheiro e sobre seu ambiente natural, cultural e histórico. Os quais despertam sentimentos positivos nos entrevistados.

Entretanto, os sentimentos topofóbicos que são despertados nos entrevistados vem principalmente dos problemas antrópicos causados pelo ser humano, como a poluição dos rios, desleixo por parte do poder público e falta de consciência ambiental por parte da população.

Ao averiguar sobre o que causa “fobia” na paisagem da Serra do Lenheiro, compreendemos que a maioria tem origem nas questões antrópicas. E ciente que esses problemas podem ser minimizados ou radicalizados, diante algumas medidas públicas e uma conscientização com a população local.

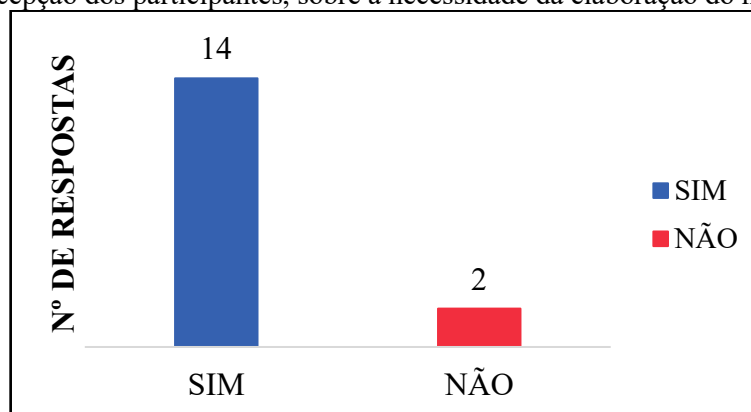
Chegamos ao ponto central desta dissertação, que é a Educação Ambiental como uma das medidas que podem contribuir para o combate de alguns destes problemas socioambientais na área de estudo. No próximo item, buscamos junto ao participante da pesquisa, identificar o interesse dos entrevistados diante a conservação da Serra do Lenheiro, por meio da implantação de um projeto de Educação Ambiental na escola.

5.3.3 Análise das Atitudes

Depois de conhecer os valores e os significados apresentados à paisagem da Serra do Lenheiro, foi a vez de analisar as atitudes. Esta análise se propôs a identificar o interesse dos participantes da pesquisa diante da conservação da Serra do Lenheiro, por meio da implantação de um projeto de Educação Ambiental. Para esta análise, foram construídas quatro perguntas.

A primeira pergunta foi “Você considera necessário a elaboração de um material didático específico para a implantação do projeto sobre Educação Ambiental na escola?”. A maioria dos participantes afirmaram que “Sim”, é necessário a construção de um material específico como apoio pedagógico, esses foram 14 docentes de acordo com o gráfico 7.

Gráfico 7. Percepção dos participantes, sobre a necessidade da elaboração do material didático.

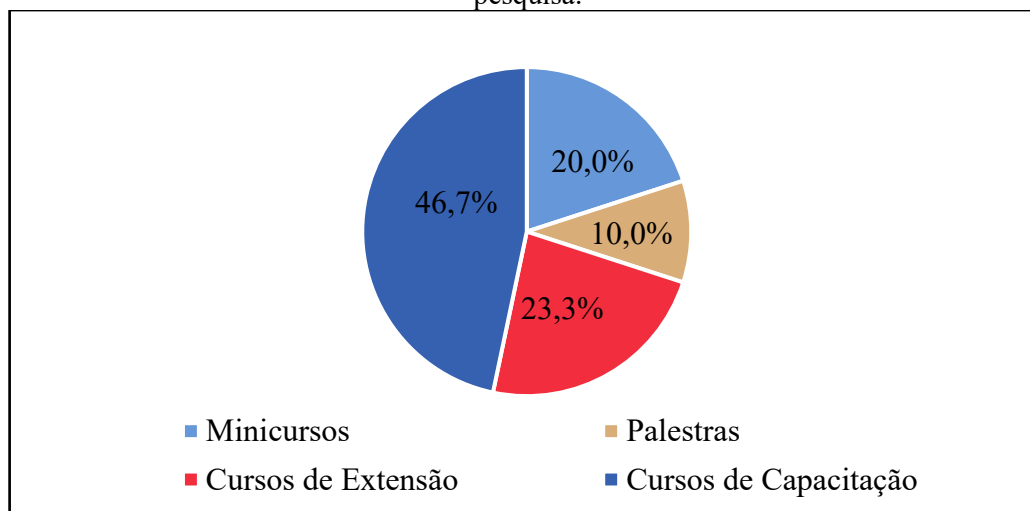


Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Porém, dois participantes da pesquisa disseram que “Não”, que não a necessidade da construção de um material didático específico para o desenvolvimento do projeto de Educação Ambiental na escola. Entretanto ambos, ressaltaram a necessidade dos trabalhos de campo na Serra do Lenheiro. Na opinião deles, as aulas práticas podem contribuir positivamente tanto para o aprendizado do aluno como para a conservação da Serra do Lenheiro. A prioridade dos docentes são as aulas de campo na Serra do Lenheiro.

Outro ponto, levantado junto aos docentes foi sobre “De que maneira a Universidade poderá contribuir para a formação continuada, especialmente para a tomada de consciência sobre as questões socioambientais?” Na opinião dos participantes da pesquisa, a melhor forma seria através de curso de capacitação de longa duração (46,7%), depois vem os minicursos (20,0%) e os cursos de extensão com (23,3%). O que teve menos aceitação por parte dos docentes foram as palestras com (10,0%), conforme o gráfico 8.

Gráfico 8. Como a Universidade poderá contribuir para uma formação continuada aos participantes da pesquisa.



Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Na opinião dos participantes da pesquisa de acordo com o gráfico 8 os cursos de capacitação é a melhor opção. Ou seja, na construção do projeto de Educação Ambiental é preciso priorizar esse tipo de curso, o qual deve ser de longa duração, com aulas teóricas e práticas e de preferência que conte como horas complementares para a capacitação dos docentes.

Quando perguntado aos participantes se já trabalharam ou trabalham algum projeto de Educação Ambiental na escola, 43,75% dos entrevistados afirmaram que sim, e 56,25% entrevistados pronunciaram que não, conforme apresentado na tabela 4.

Tabela 4- Trabalhou ou trabalha atualmente com algum projeto sobre a Serra do Lenheiro na escola.

Projeto sobre a Serra do Lenheiro na E. E. P. I. P	Participantes	%
SIM	7	43,75
NÃO	9	56,25
TOTAL	16	100%

Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Assim, a seguir no quadro 5 está descrito todos os projetos de Educação Ambiental já trabalhados na Escola Estadual Professor Iago Pimentel, sobre a Serra do Lenheiro. A maioria dos projetos foi desenvolvida de forma interdisciplinar, realizado na própria escola, em sala de aula, na Serra do Lenheiro e na comunidade.

Quadro 5. Detalhamento dos projetos/atividades desenvolvidos na escola com a Serra do Lenheiro.

Área de Formação do participante	Nome do Projeto e Tema	Natureza	Local	Dificuldades
Pedagogia	Tijuco, História e memória: conhecer para valorizar. Tema: Bairro Tijuco; música, pertencimento e identidade.	Interdisciplinar	Na própria escola, em sala de aula, na Serra do Lenheiro e na comunidade.	Tempo.
Filosofia	Tijuco, História e memória: conhecer para valorizar. Tema: Bairro Tijuco; música, pertencimento e identidade.	Interdisciplinar	Na própria escola, em sala de aula, na Serra do Lenheiro e na comunidade.	Falta de informação por parte dos alunos sobre o bairro que eles moram.
Normal Superior/Educação Especial	Tijuco, História e memória:	Interdisciplinar	Na própria escola, em sala de aula,	Locomoção para as

	conhecer para valorizar. Tema: Bairro Tijuco; música, pertencimento e identidade.		na Serra do Lenheiro e na comunidade.	pessoas com deficiência.
Geografia	Patrimônio Ambiental. Tema: Conhecer o ambiente, onde está inserido os alunos.	Interdisciplinar	Na própria escola, em sala de aula, na Serra do Lenheiro e na comunidade.	Falta de material específico sobre a Serra do Lenheiro e o bairro Tijuco.
Artes	Esporte e Lazer no ano de 2019. Tema: Esporte e lazer.	Interdisciplinar	Na própria escola, em sala de aula.	Horário das aulas e a mobilização dos demais professores.
Letras	Pinturas Rupestres/ Cultura; Desenvolvimento da linguagem. Pois, depois da visita a campo os alunos tinham que relatar em inglês o que tinha visto.	Disciplinar	Na Serra do Lenheiro.	Não foram encontradas dificuldades.
História	Tijuco, História e memória: conhecer para valorizar. Tema: Bairro Tijuco; música, pertencimento e identidade	Interdisciplinar	Na própria escola, em sala de aula, na Serra do Lenheiro e na comunidade.	Na escrita dos alunos.

Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

E, por fim, foi perguntado aos participantes da pesquisa quais temas eles gostariam de trabalhar na implantação de um projeto de Educação Ambiental na escola. Nos discursos apresentados no quadro 6, percebemos uma diversidade de temas tanto de caráter ambiental como social. Na compressão dos professores, o projeto deve ser trabalhado de forma interdisciplinar uma vez que, na temática citada pelos professores aparecer não só a disciplina de Geografia, mas também de Biologia, História, Sociologia, Filosofia entre outras disciplinas em paralelo.

Entre os temas citados pelos professores, a sua grande maioria pode ser trabalhada junto com a temática da conservação da Serra do Lenheiro. Entretanto, temas como racismo, homofobia; valorização da educação; inserção da família no ambiente escolar; trabalhar junto com os alunos uma perspectiva para sua vida acadêmica, profissional e familiar e a presença do auxílio da área da psicologia no ambiente escolar não são temas diretamente ligados a temática ambiental e, sim social. Desta maneira, o projeto de Educação Ambiental deve assumir um papel crítico no ambiente escolar, já que existe a necessidade de mudança no ambiente escolar e na própria vivência do aluno.

Quadro 6- Temas propostos pelos participantes, para serem trabalhados em um projeto de Educação Ambiental na E.E.P.I.P.

P1- “Incêndios Florestais; Patrimônio; Mudanças Climáticas; Biodiversidade” (Graduado em História).

P2- “Mudanças Climáticas; Impactos Ambientais; Papel do Ser Humano no Ecosistema” (Graduado em Ciências Biológicas).

P3 – “Saneamento Básico; Inclusão Social na questão Ambiental” (Graduada em Letras).

P4 – Questões Raciais; Racismo Ambiental; Reciclagem; Poluição; Política públicas em geral; utilizar a escala de lugar para trabalhar a questão ambiental” (Graduando em Geografia).

P5 – “Coleta Seletiva; Questões voltadas para o lixo; Homofobia; Valorização da Educação; Inserção da família no ambiente escolar” (Graduada em Pedagogia).

P6 – “Cuidado com água; Coleta seletiva; Reciclagem; Criação de uma horta” (Graduada em Letras).

P7 – “Dentro do conteúdo de matemática topografia e dimensão” (Graduada em Matemática)

P8 – “Preservação e lazer” (Graduada em Matemática).

P9 – “Horta comunitária; Pertencimento; trabalhar o ambiente de vivência dos alunos” (Graduada de Artes).

P10 – “Problemas ambientais e urbanos; sustentabilidade; consumo consciente e patrimônio ambiental” (Graduada em Geografia).

P11 – “Racismo; trabalhar junto com os alunos uma perspectiva para sua vida acadêmica, profissional e familiar; Presença do auxílio da área da psicologia no ambiente escolar” (Graduado em Pedagogia).

P12 – “Inclusão dos alunos com deficiência nas atividades de Educação Ambiental. Penso que o projeto precisa falar do tema e ao mesmo tempo, também incluir esses alunos nas atividades” (Normal Superior/Educação Especial).

P13 – “Reciclagem do Lixo; Poluição do meio ambiente; Preservação do meio ambiente; Conscientização sobre a descarte do lixo; Saneamento básico e autocuidado” (Graduada em Filosofia).

P14 – “Serra do Lenheiro; Serra de São José; Preconceito sobre a Serra do Lenheiro e trabalhar com os alunos a escala local incluído o bairro onde eles moram” (Graduada em História).

P15 – “Importância da Serra do Lenheiro para comunidade, pontos turísticos; conservação; pertencimento; preservação” (Graduada em Ciências Biológicas).

P16 – “Saneamento Básico; Biodiversidade; Passeios práticos. E existe no bairro a necessidade de um estudo que viabilize a questão física e econômica relacionada a questão do saneamento básico no bairro” (Graduada em Biologia).

Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

No próximo item, foram realizados apontamentos a respeito das características que o projeto Educação Ambiental deve assumir para ser implementada na Escola Estadual Professor Iago Pimentel, de acordo com a percepção dos participantes.

5.4 APONTAMENTOS DA ESTRUTURA DO PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A E.E.P.I.P, DE ACORDO COM A PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Depois de analisar os dados sobre a percepção dos participantes da pesquisa referentes à Serra do Lenheiro, neste item organizamos as informações coletadas junto aos entrevistados de forma a estruturar as características do projeto de Educação Ambiental.

A escolha por trabalhar com a educação ambiental na E.E.P.I.P esteve diretamente ligado aos seus princípios, já que a educação ambiental pode ser vista como um instrumento no combater os impasses da nossa sociedade, capaz de atuar em busca de uma sociedade justa e ambientalmente sustentável (Souza, 2017).

Vejamos os princípios básicos da educação ambiental

- Art. 4º I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III - o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;

- VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural (Brasil, 1999, s/p).

Será por meio destes princípios e da percepção dos participantes da pesquisa que o projeto de EA será organizado, com a finalidade de buscar juntos aos docentes e discentes da E.E.P.I.P a conservação da Serra do Lenheiro e a melhoria nas questões socioambientais da escola. Antes, vejamos brevemente o contexto histórico da formação do conceito de educação ambiental.

A Educação Ambiental surgiu na história justamente da necessidade de mudanças no comportamento da sociedade com a natureza, foi a partir dos movimentos sociais e dos ambientalistas que está tem origem, sendo o tema consolidado pelos movimentos ecológicos, na década de 1960.

Em 1968, houve um período caracterizado por grandes manifestações dos movimentos sociais, incluindo os ambientalistas. Diante deste quadro, a Organização das Nações Unidas (ONU), convocou uma conferência mundial sobre o meio ambiente humano (Custódio, 2014). Essa conferência ficou mundialmente conhecida e ocorreu entre os dias 5 e 16 de junho de 1972, Estocolmo, na Suécia, essa

mudou em muito a forma de pensar da sociedade internacional porque, em plano normativo, fez o que os movimentos ambientalistas já vinham pregando, ou seja, a interação natureza-ser humano como indivisível, não havendo que se tratar de um e se descuidar do outro (Custódio, 2014, p. 54).

Assim, ao trazer a Educação Ambiental como um caminho viável para a tomada de consciência dos impactos ambientais na Serra do Lenheiro, estamos levando em consideração que esses são indissociáveis dos problemas sociais. Já que, como salientado acima, não existe uma separação dos problemas ambientais do social.

Logo, é preciso trabalhar as questões ambientais da Serra do Lenheiro juntamente com os problemas sociais, assim o projeto a ser implementado na escola precisa ser trabalhado de forma a enfrentar ambas as questões. Na própria fala dos entrevistados, quando perguntado quais temas eles gostariam de trabalhar na implantação de um projeto Educação Ambiental na escola eles citam tanto temas voltado para as questões ambientais ligada a natureza com ligada a sociedade como é possível observar no quadro 6, que fez referência aos temas propostos pelos participantes da pesquisa para serem trabalhados em um projeto de Educação Ambiental na escola.

Assim, chegamos ao primeiro ponto do projeto de Educação Ambiental, esse deve ser trabalhado de forma interdisciplinar no ambiente escolar uma vez que os temas apresentados pelos entrevistados são de diferentes áreas curriculares da educação e conforme os projetos já trabalhados no ambiente escolar esses são na sua grande maioria de caráter interdisciplinar.

É importante ressaltar que a Educação Ambiental é assegurada por lei, de acordo com a Política Nacional de Educação Ambiental – Lei 9795/99 (Brasil, 1999) – e trabalhadas nas escolas, por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (Brasil, 2012), portanto, é um direito do aluno ter acesso a uma Educação Ambiental em sala de aula.

Entretanto de acordo com Machado (2014), as escolas brasileiras vêm trabalhando a educação ambiental de forma tradicional, conservadora e sustentada e sustentadora do paradigma moderno, o que pouco contribui para um espaço educador ambientalista. Como a finalidade do projeto é transformar e construir novos conceitos ambientais, a Educação Ambiental crítica é a corrente do pensamento que melhor expressa os ideais deste projeto. Já que a Educação Ambiental de caráter

conservador compreende práticas que mantém o atual modelo de sociedade; enquanto crítico, o que aponta a dominação do Ser Humano e da Natureza, revelando as relações de poder na sociedade, em um processo de politização das ações humanas voltadas para as transformações da sociedade em direção ao equilíbrio socioambiental (Guimarães, 2016, p. 16, grifos nossos).

Desse modo, as práticas para os trabalhos em sala de aula na E.E.P.I.P devem apresentar um caráter crítico, visto que existe a necessidade de mudanças no comportamento dos indivíduos com relação a Serra do Lenheiro e ao ambiente escolar. No Brasil, a Educação Ambiental crítica tem suas raízes

nos ideais democráticos e emancipatórios do pensamento crítico aplicado à educação. No Brasil, estes ideais foram constitutivos da **educação popular que rompe com uma visão de educação tecnicista, difusora e repassadora de conhecimentos, convocando a educação a assumir a mediação na construção social de conhecimento implicados na vida dos sujeitos** (Carvalho, 2004, p. 18, grifos nossos).

Dito isto, o projeto de Educação Ambiental em caráter crítico a ser desenvolvido na escola, é justificável pela busca por mudanças na atual estrutura da sociedade. Desta maneira, o material didático a ser elaborado precisa levar o aluno a pensar o ambiente no qual ele está inserido, já que como apontado pela grande maioria dos entrevistados, existe a necessidade da elaboração de um material didático específico como recurso pedagógico para o desenvolvimento do projeto, como aponta o gráfico 7.

Outro aspecto a ser desenvolvido no material didático são as questões locais. Primeiro, porque a Serra do Lenheiro está inserida na paisagem da escola e no bairro Tijuco onde os alunos residem. Segundo, porque como apontado pelos entrevistados, é necessário trabalhar com os alunos o pertencimento pelo bairro Tijuco. Trabalhar as questões locais é um dos princípios básicos da Educação Ambiental juntamente com questões regionais, nacionais e globais (PNEA, 1999).

Outros dois princípios básicos da Educação Ambiental são referentes a própria educação o qual “procura garantir a continuidade e permanência do processo educativo” e o “reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural” (PNEA, 1999). Como já estabelecido o projeto a ser implementado é de uma Educação Ambiental crítica. E quando falamos em uma educação contra a alienação e libertadora dos indivíduos essa é a educação apontada pelo educador Paulo Freire (1921-1997), o qual também considera a individualidade e a vivência do aluno (Ramos, 2021).

Desta maneira, os princípios pedagógicos do projeto a ser implementado são pautados nos pensamentos freiriano, um dos primeiros pensamentos do autor a ser trabalhado no projeto está no livro “À Sombra desta mangueira” (2015), a escolha pela obra vem de encontro com a percepção dos entrevistados quanto a Serra do Lenheiro.

Na fala de alguns dos participantes da pesquisa, a Serra do Lenheiro foi reconhecida como “quintal de casa dos entrevistados”, e também percebida como “quintal de casa dos alunos”, conforme mostra o quadro 7.

Quadro 7. A Serra do Lenheiro como o quintal de casa para os participantes da pesquisa.

P1 – *“A Serra do Lenheiro me traz belas recordações, pois, nascida e criada no bairro a 47 anos, esta representa toda beleza que alguém possa imaginar. Desta forma, sua importância para com a cidade é a preservação e conservação da mesma, onde essa possa despertar o interesse de todos para um bem comum”* (Graduada em Letras).

P8 – *“Faz parte da minha infância. Quintal de casa. Para a cidade pouco importa, a população não se preocupa com a Serra. O que pode ser visto pelo descuido com o Córrego do Lenheiro que tem esgoto a céu aberto jogado no seu leito”* (Graduado em Pedagogia).

P13 – *“A Serra do Lenheiro é o quintal de casa dos meus alunos. Realizei uma pratica com meus alunos e as fotos traziam a paisagem da Serra do Lenheiro. E um ambiente natural no*

qual podemos nos conectar com a natureza, juntamente com a Serra de São José” (Graduada em Artes).

P15 – *“É minha história. História da minha infância. Fazia piquenique com meus pais. Apreendi a nadar e a preservar a natureza. Meu pai não tinha conhecimento acadêmico, porém, ele tinha a consciência da conservação. Apreendi com ele e minha mãe a preservar a natureza. Hoje levo meus filhos para conhecer a Serra. Ensino eles a preservar a Serra e a se divertirem. Já para a cidade, as nascentes ficam na Serra do Lenheiro. A natureza em si que ajuda a despoluir o ar. Porém, sinto como se a Serra fosse “NOSSA” do Tijuco e não da cidade. O Tijucano tem um pertencimento pela a Serra do Lenheiro. Pode até não reconhecer mais existe. Posso contar uma história... Na adolescência, no fim de semana depois das baladas aos sábados o ponto de encontro era no pé da Serra para mergulhar com meus amigos. Tenho várias histórias de pertencimento com a Serra do Lenheiro” (Graduada em Matemática).*

P16 – *“Um lar. Eu cresci nadando no poço dos sete metros. Meu quintal de casa. Conheço as trilhas da Serra do Lenheiro. Para vocês é novidade para a gente não. Ela é meu lugar de memória de infância. Para a cidade... De preservação, pois as nascentes estão localizadas na Serra. Porém as queimadas prejudicam o ar e a vegetação leva um longo tempo para se restaurar” (Graduada em Matemática).*

Fonte: Formulário respondido pelos participantes. Org.: A autora, 2023.

Aos termos os pensamentos pedagógicos de Paulo Freire como base do projeto, o intuito é justamente trazer o mundo vivido dos alunos como dito pelos entrevistados para a sala de aula e proporcionar os discentes uma educação real feita a partir do “quintal” de casa. Considerado que essa foi a realidade da alfabetização do patrono da educação brasileira, Paulo Freire.

Pois, foi por meio do seu cotidiano que os pais de Paulo Freire

o auxiliaram para que ele construísse um repertório de palavras que partiam da sua realidade. **Paulo não foi inserido no mundo das letras, ele foi se inserindo,** construindo, e dando significados. **Ele foi alfabetizado em um espaço informal, no quintal da sua casa, nas sombras das árvores, utilizando os gravetos como giz e o chão como quadro.** Seus pais não eram educadores, mas reconheciam a importância do brincar nas infâncias, da importância da curiosidade e da potência em refletir sobre o que se aprende e como se aprende. Seu processo de alfabetização o marcou positivamente (Welker, 2022, p. 19, grifos nossos).

Desta maneira, o projeto de Educação Ambiental deve ser desenvolvido a partir da realidade do ambiente escolar. E considerando a proximidade entre a Serra do Lenheiro e a

escola, essa é uma das realidades dos alunos. Assim, na elaboração do material didático esse deve exaltar está realidade, o que pode ser feito por meio da construção de mapas utilizando as técnicas de geoprocessamento.

Na elaboração do material didático, é preciso contextualizar a realidade do aluno com os conceitos técnicos científicos sobre a Serra do Lenheiro, apresentando aspectos da geologia, geomorfologia, pedologia e da biodiversidade da Serra do Lenheiro, além de apresentar a diversidade cultural e ambiental a qual foi apresentada nesta dissertação.

Junto com o material didático, é importante planejar trabalhos de campo na área de pesquisa, como descrito pelos entrevistados alguns projetos já foram realizados na Serra do Lenheiro o que viabiliza a utilização do seu espaço físico da Serra para aulas de campo.

As práxis a serem desenvolvidas juntos ao projeto de Educação Ambiental não podem ser bancárias (Freire, 1996), na qual o aluno apenas receba informações da Serra do Lenheiro ou visite a Serra pontualmente. As atividades ambientais devem despertar no aluno sua percepção pelas questões ambientais e sociais.

Dentro da Educação Ambiental crítica, os alunos devem ser postos a questionar o porquê da falta de saneamento básico, o rio contaminado, falta de coleta seletiva no bairro e as causas dos impactos ambientais na Serra do Lenheiro. Considerando que essa é uma realidade da nossa área de pesquisa e diante ao questionamento de Paulo Freire

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. **Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?** (Freire, 1996, p. 30, grifos nossos).

Assim, o projeto de Educação Ambiental a ser implementado deve valorizar o ambiente vivido dos alunos e suas relações com a Serra do Lenheiro e com o bairro Tijuco e durante as atividades do projeto debate sobre as questões socioambientais.

Para concluir, outro tema também ressaltado pelos entrevistados foi a inclusão dos alunos com deficiência nas atividades. Nos trabalhos de campo, isso pode acontecer por meio da equipe ALA, já que eles proporcionam inclusão das pessoas com deficiência (PcD) nos ambientes naturais e durante a elaboração do material didático é importante aplicar nele o conceito de acessibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a paisagem da Serra do Lenheiro, elementos simbólicos do período colonial e da Pré-história foram encontrados, através destes elementos, vimos uma paisagem histórica carregada de significados tanto pelo contexto históricos da construção como da importância desses objetos na atualidade.

Ao descrevermos os elementos simbólicos da Serra do Lenheiro é possível compreender que a paisagem cultural da Serra do Lenheiro foi construída, a partir da relação entre o ser humano e a paisagem natural do Lenheiro. Fazendo com que esse ambiente seja carregado de história, cultura e sentimentos.

Desta maneira, a primeira hipótese de que a “A Paisagem da Serra do Lenheiro é construída de símbolos.” foi parcialmente corroborada, visto que na paisagem da Serra é possível encontrar elementos construídos em diferentes tempos históricos que mostram uma relação entre o ser humano e o ambiente natural da Serra, construindo símbolos que foram ganhando significado ao longo do tempo, transformando a paisagem natural em uma paisagem cultural.

Dentro do conceito de polivocalidade aplicada a sua paisagem, essa confirmou ser um símbolo para a cidade. A polivocalidade da paisagem da Serra do Lenheiro é apresentada nas diversas manifestações culturais, por meio das relações estabelecidas entre o ser humano e o ambiente natural ao longo dos séculos. Essa polivocalidade pode ser comprovada pelas diversas manifestações religiosas presente na Serra, como apresentado neste trabalho através da Via Sacra do Senhor dos Montes e as oferendas de religiões de Matrizes Africanas.

A segunda hipótese deste trabalho também foi parcialmente corroborada, uma vez que em trabalho de campo, foi possível encontrar nos grupos diversos sentimentos, significados, crenças e histórias sobre os lugares na paisagem da Serra do Lenheiro, como apresentado através da história da família Guimarães, da Equipe ALA e dos lugares sagrados pelas manifestações religiosas na Serra do Lenheiro.

As hipóteses um e dois trabalhadas, nas seções III e IV, respondem à pergunta que orientou o desenvolvimento dessa pesquisa “É possível aplicar o conceito de polivocalidade a paisagem da Serra do Lenheiro?”, a resposta é SIM. A paisagem da Serra do Lenheiro é um símbolo com diferentes significados para a cidade de São João Del-Rei. Pois ela é construída de diferentes elementos simbólicos e existe junto a paisagem da Serra diferentes lugares carregados de sentimentos, crenças, histórias que foram criados ao longo da história por diferentes grupos.

E a terceira hipótese, de que “A paisagem da Serra do Lenheiro desperta diferentes percepções ambientais.”, também foi comprovada, visto que no significado atribuído pelos participantes da pesquisa a Serra do Lenheiro foi apresentada por diferentes percepções. Ao analisamos as percepções dos professores sobre a Serra do Lenheiro é possível compreender diferentes olhares para a paisagem.

O que pode ser visto, através dos significados atribuídos à paisagem da Serra do Lenheiro. Os participantes da pesquisa fizeram referência a sua importância ambiental, histórica e cultural confirmando o conceito de polivocalidade e ressaltando as diferentes percepções sobre a paisagem. Através das diferentes percepções dos entrevistados, foi possível observar que a paisagem da Serra do Lenheiro desperta tanto percepções positivas quanto negativas (topofílicos/topobólicas).

Ao analisar as respostas dos entrevista, foi é possível identificar que os sentimentos topofílicos do participante da pesquisa na paisagem da Serra do Lenheiro é sobre seu ambiente natural, cultural e histórico. Os quais despertam sentimentos positivos nos entrevistados.

Entretanto, os sentimentos topofóbicos que são despertados nos entrevistados vem principalmente dos problemas antrópicos causados pelo ser humano, como a poluição dos rios, despejo por parte do poder público e falta de consciência ambiental por parte da população.

Segundo as respostas dos participantes da pesquisa é necessário a implantação de um projeto de Educação Ambiental na escola. De acordo com os princípios básicos da Educação Ambiental e a percepção dos participantes da pesquisa o projeto de Educação Ambiental a ser desenvolvido na escola deve apresentar as seguintes características: ser de caráter interdisciplinar, está pautado dentro dos conceitos da educação ambiental crítica e ter como base pedagógica os pensamentos libertários de Paulo Freire.

Ainda de acordo com os participantes da pesquisa, é preciso a elaboração de um material didático específico para o desenvolvimento do projeto de Educação Ambiental. O material didático deve trabalhar junto aos alunos o pertencimento pelo bairro Tijuco e a Serra do Lenheiro e também trabalhar questões sociais junto ao discentes, como preconceito (racismo e homofobia); inserção da família no ambiente escolar; trabalhar a vivência dos alunos. E principalmente, trabalhar questões locais, esses foram alguns dos temas citados pelos participantes da pesquisa.

Outro tema também ressaltado por alguns dos entrevistados foi a inclusão dos alunos com deficiência nas atividades. Nos trabalhos de campo, isso pode acontecer por meio da equipe ALA já que eles proporcionam inclusão a pessoas com deficiência nos ambientes naturais. E durante a elaboração do material didático e importante aplicar nele o conceito de acessibilidade.

REFERÊNCIAS

AB’SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 159 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4379598/mod_resource/content/1/AB%20SABER-Os%20dom%C3%ADnios%20de%20natureza%20%28ler%20pgs%2045-63%29.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutura**. 1ª ed. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, A. P. **A percepção da paisagem urbana de Santa Maria-RS e os sentimentos de topofilia e topofobia de seus moradores**. 2007. Universidade Federal de Santa Maria, [s. l.], p.118. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/9267>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ALVES, J. A. A. **Quando a polícia chega para matar, nós estamos praticamente mortos: discursos sobre genocídio da população negra no cenário de Recife -PE**. Universidade Federal de Pernambuco 2018. 215 p. Tese (Doutorado) -Universidade Federal de Pernambuco (UFP), Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/31007> . Acesso em 20 dez. 2023.

AMORIM FILHO, O. B. A Pluralidade da Geografia e as abordagens humanistas/culturais. **Caderno de Geografia (PUC)**, Belo Horizonte, v. 16, n. 26. P. 1-22. 2006. Disponível em: https://www2.pucminas.br/documentos/editora_caderno_geografia_16_26_2006.pdf. Acesso em: 19 jan. 2023.

AMORIM FILHO, O. B. **Topofilia, Topofobia e Topocídio. IN: PERCEPÇÃO AMBIENTAL A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA**. São Paulo, Editora Studio Nobel, 2ª Edição, 1999, cap. 1.p. 3- 22.

ANDRADE, C. V. P. A. **Caracterização Geográfica e Geológica Ambiental da APA São José e da Unidade REVS - Refúgio Estadual da Vida Silvestre no baixo curso do Rio Carandaí - Sudeste de Minas Gerais – Brasil**. 175 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7782245. Acesso em: 02 ago. 2023.

ANDRADE, O. **Pau Brasil**. 1ª ed. Paris: Sans Pareil, 1925.

ARRUZZO, A. F. **Mapeamento Geológico Estrutural da Formação Tiradentes, Mesoproterozóico, São João Del Rei, Minas Gerais**. Universidade Federal do Rio 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4099/1/ARRUZZO%2C%20F.A.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

ASSUMPÇÃO, C. de S. **Caracterização mineralógica e geoquímica do pegmatito da Mina de Volta Grande, Província Pegmatítica de São João Del Rei, Nazareno, Minas Gerais**. 48 p. Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio

de Janeiro, 2016. Disponível em:

https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5986/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_Caracteriza%c3%a7%c3%a3oMineral%c3%b3gicaGeoqu%c3%admica.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.

BARBOSA, H. S. L. **As transformações históricas e a dinâmica atual da paisagem da Serra do Lenheiro, São João Del-Rei, Minas Gerais**. 88 p. Dissertação (Mestrado) -

Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), Ouro Preto, 2019. Disponível em:

<https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/ppgeog/Helton%20Santos%20Lopes%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

BARROS, J. S de. **A Geografia do Cangaço: O território de Lampião expresso pela Geografia Cultural**. 55 p. Monografia – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),

Guarabira- Pernambuco. 2010. Disponível em:

<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/1581>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BATISTA, L. P.P. *et al.* **Percepção Ambiental como instrumento para a educação ambiental**. In. **DE AVALIAÇÃO: PROCESSO E POLÍTICAS**. Campina Grande: Realize

Eventos, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/53033>. Acesso em: 12 dez.2023.

BIONDI, M. **O gênero *Richtera Kuntze (Gochnatieae: Asteraceae)* na Mesorregião do Campo das Vertentes**. 49 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Lavras

(UFLA), Lavras, 2017. Disponível em:

http://repositorio.ufla.br/jspui/bitstream/1/13238/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_O%20g%c3%aanero%20Richtera%20Kuntze%20%28Gochnatieae%20%20Asteraceae%29%20na%20mesorregi%c3%a3o%20do%20Campo%20das%20Vertentes.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Disponível em:

<https://www.foiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Bosi,%20Alfredo/Dialetica%20Da%20Colonizacao.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de

1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 03 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a

Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm. Acesso em: 30 mai. 2023.

CAETANO, J. N.; BEZZI, M. L. Contribuições Teóricas sobre Geografia Cultural: A

Evolução do conceito de cultura. **Geografia**, Rio Claro, v.38, n.2, p. 243-258, mai./ago, 2013.

Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/8408/5930>.

Acesso em: 15 jan.2024.

CANSANÇÃO, F. **Irmãos criam monociclo para levar o pai que não anda para as corridas**. 2013. Disponível em: <https://ge.globo.com/eu-atleta/minha-historia/noticia/2013/10/irmaos-criam-monociclo-para-levar-o-pai-que-nao-anda-para-corridas.html>. Acesso em: 3 ago. 2023.

CARDOSO, L. L. **Quantas Histórias tem São João Del-Rei?:** memórias de professores de História e suas relações com o patrimônio cultural local. 113 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2015. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/porta2repositorio/File/pghis/DissertacaoLucasLopesCardoso.pdf>. Acesso: 02 ago. 2023.

CASTRO, I. E de *et al.* **Geografia: conceito e temas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 352 p.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: **IDENTIDADES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília: 2004. 160p.

COIMBRA, P. R. A. **Desterritorialização e Conflitos em Parques de Minas Gerais**. Universidade Federal de São João Del-Rei, 2019. 102 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), 2019. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/porta2repositorio/File/ppgeog/Paulo%20Ricardo%20de%20Andrade%20Coimbra.pdf> . Acesso 12 jan.2024.

CORRÊA, R. L. Espaço e simbolismo. In: **OLHARES GEOGRÁFICOS: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CORRÊA, R. L. Reflexões sobre paradigmas, Geografia e contemporaneidade. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n.1, número especial, p. 59-65, out. 2011. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~olgafirk/GB%20811%20Geografia%20Urbana/I.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Geografia%20Urbana/Texto%2001%20CORREA_Roberto_Lobato.pdf . Acesso 14 dez.2023.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 8 fev. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13530>. Acesso em: 03 ago. 2023. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.917.a13530>

CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corrêa%20%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito chave da Geografia. In: **GEOGRAFIA: CONCEITO E TEMAS**. Rio de Janeiro: 2000, p. 15-48.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura**. In: **PAISAGEM, TEMPO E CULTURA**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 07-11.

CORRÊA, J. S. Geografia Cultural: uma breve história. **Geographia Opportuno Tempore**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 9–23, 2020. DOI: 10.5433/agot.2020.v6.34824. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/34824>. Acesso em: 18 jan. 2024. <https://doi.org/10.5433/got.2020.v6.34824>

COSGROVE, D. A **Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas**. **PAISAGEM, TEMPO E CULTURA**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.

COSTA, E. B. da; SUZUKI, J. C. A ideologia espacial constitutiva do Estado nacional brasileiro. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 26, n. 418, nov. 2012. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-418/sn-418-6.htm>. Acesso em: 03 ago. 2023.

COSTA, O. J. L. **Canindé e Quixadá: construção e representação de dois lugares sagrados no sertão cearense**. 216 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/16/teses/775268.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023.

COSTA, O. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, edição comemorativa, p. 149-156, 1993-2008. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/admin_depext,+Artigo12Memoria+e+paisagem+em+busca+do+simbolico+dos+lugares.pdf. Acesso em: 15 nov.2023.

COSTA, R. G. da S. **Valores, atitudes e simbolismos [manuscrito]: estudo da percepção dos frequentadores do Parque Mariano Procópio**. 191 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16104/1/ValoresAtitudesSimbolismos.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CUSTÓDIO, M. **Introdução ao direito de paisagem: contribuição ao seu reconhecimento como ciência no Brasil**. Lumen Juris. Rio de Janeiro, 2014, 385p.

DEL REI, V. **Cidade da Mente, Cidade Real Percepção Ambiental e Revitalização na Área Portuária do RJ**. IN: **PERCEPÇÃO AMBIENTAL A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA**. São Paulo: Editora Studio Nobel, 2ª Edição, 1999, cap. 1.p. 3- 22.

DIAS, D. N.; CASTRIOTA, L. B. São João Del-Rei, Laboratório do Pensamento Modernista: os agentes e o IPHAN. **Cadernos PROARQ**, Rio de Janeiro (RJ), n. 29, p. 66-82, dez. 2017. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq29%20ART%2004.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023

FARIAS, L. P. S. **As Religiões de Matriz Africana e a Intolerância Religiosa: Um retrato do racismo estrutural nos municípios de Recife, Olinda e Jaboatão 2010 – 2019**. 269 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco (UFP), Recife, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/5978>. Acesso em 12 dez.2023.

FERNANDES, M. L. **Ilha de Guaratiba: um lugar descortinado por seus moradores desaguando no Rio olímpico**. 187 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/13233>. Acesso em 20 dez. 2023.

FERNANDES, M. L. **Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/13282>. Acesso em 10 dez. 2023.

FERREIRA, A. B. R. *et al.* As Modificações Antrópicas na Paisagem Fluvial da Cidade São João Del-Rei – Minas Gerais, Brasil. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, v. 35, p. 01-21, jan. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/bKBdR3WMwF9gvBqrBGkdKny/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 ago. 2023. <https://doi.org/10.14393/SN-v35-2023-66435>

FERREIRA, A. C. **Serra do Lenheiro, um conjunto de geossítios e suas inter-relações constituindo um relevante Geoheritage**. 337 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2017. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgeog/Arlon.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

FERREIRA, B. **A Cidade Invisível: reflexões arqueológicas sobre as betas de mineração enquanto gênese da urbe São João del Rei (MG)**. 2021. 32 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15977>. Acesso em: 02 ago. 2023.

FERREIRA, C. P. **Percepção Ambiental na Estação Ecológica de Juréia-Itatins**. 2005. 114 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://www2.pucminas.br/documentos/editora_caderno_geografia_16_26_2006.pdf. Acesso em: 19 jan. 2024.

FERREIRA, É. **“Servir ao Santo Tribunal”**: trajetórias e atuação dos oficiais da Inquisição no termo de São João del-Rei (século XVIII). Orientadora: Maria Leônia Chaves de Resende. 2017. 152 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2017. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoEricaFerreira.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

FIGUEIREDO, L. V. R. **Percepção Ambiental em uma Unidade de Conservação de Proteção Integral**. 2011. 177 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2011.

FIGUEIREDO, M. do A.; FERREIRA, A. C.; ROCHA, L. C.; BARBOSA, H. S. L. Patrimônio Mineiro e valorização dos testemunhos da mineração pretérita: resquícios existentes na Serra do Lenheiro, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 28, número especial 1, p. 55-69. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/P.2318-2962.2018v28nespp55>. Acesso em: 03 ago. 2023. <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2018v28nespp55>

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 11ª ed. Rio de Janeiro. Paz & Terra. 2015. 256 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, G. Equipe de corrida promove inclusão social 01/11/17. **Youtube**, 21 de nov. de 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ro_51fOUxVg. Acesso em: 03 ago. 2023.

GUIMARÃES, Mauro. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, vol. 7, no. 9, p. 11, 22 May 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18542/rmi.v7i9.2767>. Acesso em: 19 jan. 2024. <https://doi.org/10.18542/rmi.v7i9.2767>

GORENDER, J. **O escravismo colonial**. 6ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/11/Escravismo-Colonial-Web.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

HEIDRICH, Á. L.; **Método de metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade**. IN: **ABORDAGENS E PRÁTICAS DA PESQUISA QUALITATIVA EM GEOGRAFIA E SABERES SOBRE ESPAÇO E CULTURA**. Porto Alegre, Editora Letra1, 2016. Cap.1. p. 15-33. <https://doi.org/10.21826/9788563800220>

HOLZER, W. **Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: A crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. 234 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1998. Disponível em: <https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/12/tese-werther.pdf>. Acesso em 12 dez. 2023.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Geografia**, Rio de Janeiro, edição comemorativa, p. 137-147. 1993-2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/6142/4414>. Acesso 14 jan.2024.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (São João del-Rei). **Panorama de São João del-Rei**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-del-rei/panorama>. Acesso em: 3 ago. 2023.

ITO, E. S. **A escalada tradicional e o imaginário: devaneios da experiência**. 189 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-14052021-181722/publico/Eric_Seiji_Ito_original.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

MACHADO, L. **A Serra do Mar Paulista: um estudo de paisagem valorizada**. 312 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1988.

MACHADO, J. T. **Educação Ambiental: um estudo sobre a ambientalização do cotiando escolar**. 2014. 244 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP), Piracicaba, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/91/91131/tde-07072014-114108/publico/Julia_Teixeira_Machado_versao_revisada.pdf. Acesso 12. Jan 2024.

MARANDOLA JR, E. Humanismo e a Abordagem Cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/issue/view/634> . Acesso em 14 nov. 2023.

MARCIAL, A. P. **Largo de Santo Antônio Ontem... Largo da Carioca Hoje: O Estudo das Camadas de Densidade Simbólica e as Narrativas Urbanas.** 2008. 108 p. Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/13357>. Acesso em 12. dez. 2023.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIN, A. A. **Percepção Ambiental e Imaginário dos moradores do município de Jardim/MS.** 307 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Carlos (UFSC), São Carlos, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1725>. Acesso 24. dez.2023.

MALDOS, R. Formação urbana da cidade de São João Del-Rei. **São João Del-Rei Transparente**, São João del-Rei, [s.d.]. Disponível em: <https://saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/605>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MEDEIROS, R. M.V.; MELCHIORS, J. L. **O processo histórico dos territórios agrários de Eldorado do Sul -RS:** a entrevista semiestruturada e a observação como técnicas de pesquisa qualitativa em Geografia. *IN: PESQUISA QUALITATIVA: APLICAÇÕES EM GEOGRAFIA.* Porto Alegre: Imprensa livre, 2017. cap. 17. p.462- 487.

MELLO, J. B. F. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira – 1928/1991:** uma introdução à geografia humanística. 1991. 300p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1991. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=224063&view=detalhes> . Acesso em: 02 nov. 2023.

MEINIG, D. W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 35-46, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7424/5380>. Acesso em: 03 ago. 2023.

MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. **Revista Espaço e Cultura**, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, edição comemorativa, p. 167-174, 1993-2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura>. Acesso em: 02 jan.2024.

MELLO, J. B. F. Valores em Geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttimer. **Revista Espaço e Cultura.** Rio de Janeiro, n, 19-20, p. 33-40. Jan/dez de 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3489/2417>. Acesso 02 jan.2024.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

- MESSIAS, M. C. T. B. **Fatores ambientais condicionantes da diversidade florística em campos rupestres quartzíticos e ferruginosos no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais.** 2011. 119 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, 2011. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/2109/1/TESE_DiversidadeFlor%c3%adsticaCampos.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. Monumentos e Espaços Públicos Tombados - São João Del Rei (MG). **IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1498/>. Acesso em: 3 ago. 2023.
- MORAES, A. C. R. **Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI.** 1991. 384 p. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1991. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-09122022-112900/publico/1991_AntonioCarlosRobertMoraes.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.
- MORAES, A. C. R. **Geografia da instalação portuguesa no Brasil.** *In: BASES DA FORMAÇÃO TERRITORIAL DO BRASIL: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI.* São Paulo: Annablume, 2000. p. 289-329.
- MORANDI, T.; SCHIAVONI, F. L. **Processo de Criação na Serra do Lenheiro.** *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ARTES URBANIDADES E SUSTENTABILIDADE*, 1., 2017, São João del-Rei. *Anais [...]* São João del-Rei: UFSJ, 2017. p. 35-44. Disponível em: <https://alice.dcomp.ufsj.edu.br/papers/2017MorandiSiaus.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023.
- MOTA, E. G. Diálogos sobre religiões de Matrizes Africanas: Racismo Religioso e História. **Revista Calundu**, v. 2, n. 1, jan-jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/9543>. Acesso em 12 nov.2023. <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v2i1.9543>
- MOURA, M. R. O Simbólico em Cassirer. **Ideação, Feira de Santana**, n. 5, p. 75-85, jan/jun. 2000. Disponível em: <https://gepai.yolasite.com/resources/O%20SIMB%3%93LICO%20EM%20CASSIRER.pdf>. Acesso em 15 dez. 2023.
- OLIVEIRA, L. **Percepção e Representação do Espaço Geográfico.** *IN: PERCEPÇÃO AMBIENTAL A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA.* São Paulo, Editora Studio Nobel, 2ª Edição, 1999, p. 187- 2012.
- OLIVEIRA, D. *et al.* **Guia de escalada da Serra do Lenheiro.** São João del-Rei: [s.n.], 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1uNvd1OFTBEA5e5QR2rx5nsX-CSBy9aw_/view. Acesso em: 03 ago. 2023.
- PAULA, F. C. **Construção do Habitar: reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real.** 2010. 129 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/DePaula_FernandaCristina_M%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/DePaula_FernandaCristina_M%20(1).pdf). Acesso 12 jan. 2024.

PÁDUA, L. C.T. **A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências**. 208 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013. Disponível: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde09122013114313/publico/2013_LeticiaCarolinaTeixeiraPadua_VCorr.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

PEREIRA, H. A. L. **Aspectos eco-recreativos e de gerenciamento de trilhas do parque ecológico municipal Serra do Lenheiro, São João Del-Rei, Minas Gerais**. 114 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2022. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgeog/Havolline.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023.

PEREIRA, L. A. G. Geografia Fenomenológica: espaço e percepção. **Caminhos de Geografia revista on line**. Uberlândia, v. 11, n. 35. p. 173-178, set. 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/16271/9135/60896>. Acesso em: 19 jan. 2024. <https://doi.org/10.14393/RCG113516271>

PESSANHA, L. A. A celebração dos conceitos de lugar e símbolos na geografia humanística. **Revista Percursos – Nemo**, Maringá, v.8, n.2, p. 111-135. Dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percursos/article/view/49673>. Acesso em: 15 jan.2024.

PREFEITURA MUNICIPAL (São João Del-Rei). Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. Inventário, 11 set. 2016. **Canal dos Ingleses na Serra do Lenheiro**, São João del-Rei, 11 set. 2016.

RAMOS, B. S. S. Cartas a Paulo Freire: Denúncias de opressão, anúncios de liberdade. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, vol. 19, n.3, p.1174-1197, jul./set, 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/curriculum/v19n3/1809-3876-curriculum-19-031174.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2021v19i3p1174-1197>

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. Rio Claro, v.4, n° 7, (1979), p. 1-13, mar. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14763/11395>. Acesso 16. Jan 2024.

RESENDE, M. L. C. de. *et al.* Mapeamento da arte rupestre na Estrada Real. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, v. 46, p. 108-125, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=1037>. Acesso em: 03 ago. 2023.

RESENDE, M. L. C. de *et al.* **A pré-história na Estrada Real**: itinerário turístico-cultural da arte rupestre. São João Del-Rei: NEAD (Universidade Federal de São João del-Rei), 2019.

RESENDE, M. L. C. de; TORRES, M. R.; MATOS, V. V. Arte rupestre em terras barrocas: um estudo de caso do sítio pré-histórico da Serra do Lenheiro. **Vertentes**, São João del-Rei, n. 27, p. 7-15, jan./jun. 2006.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

ROCHA, L. B. Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção: Alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, vol. 4, n. 5, p.67- 79, 2003. Disponível em: <http://willians.pro.br/textos/Fenomenologia%20Semiotica%20e%20Geografia%20da%20Percepcao%20-%20Lurdes%20Bertol%20Rocha.pdf>. Acesso em 15 jan. 2024.

ROCHA, L. B. **O centro da cidade de Itabuna: trajetória, signos e significados**. 1ª ed. Ilhéus, Bahia: Editus, 2003. 190 p.

ROCHA, S. A. Geografia Humanista: História, Conceitos e o Uso da Paisagem Percebida como Perspectiva em Estudo. **Revista RA'EGA – O espaço Geográfico em Análise**. Curitiba, n. 13, p. 13-27, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/7670> . Acesso 14. nov.2023. <https://doi.org/10.5380/raega.v13i0.7670>

SALES, C. L. **A Estrada Real nos cenários arqueológico, colonial e contemporâneo: construções e reconstruções histórico-culturais de um caminho**. Orientadora: Maria Leônia Chaves de Resende. 2012. 334 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2012. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/dissertacaoCristianoLima.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SANTAELLA, L. **Bases Teóricas para a aplicação**. *IN*: SANTAELLA, L. **SEMIÓTICA APLICADA**. São Paulo, Editora THOMSON, 2005. Cap. 1. p. 1-23.

SANTOS, B. H. dos. **A formação socioespacial de São João del-Rei/MG e o processo de regionalização do Campo das Vertentes**. 167 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), São João Del-Rei, 2017. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgeog/Bruno.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SANTOS, G. A. X. de J. **Patrimônio na Pedra: gestão e preservação dos sítios de arte rupestre da Zona Arqueológica de Taperuaba, Sobral – CE** 130 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Getulio_Santos.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, R. H. dos. **Aqui estou, aqui faço o meu lugar: um estudo sobre percepções e manejo do ambiente entre camponeses, na comunidade de Barra do Pacuí, município de Ibiá MG**. 2008. 167 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16035>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SANTOS, T. G. **Modelagem como apoio ao planejamento urbano-ambiental e a redução de riscos na Bacia do Córrego do Lenheiro**. 106 p. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação) - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2017. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/bdgc/FINAL_TCC_FINAL.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.

SANTOS, P. H. G. **A Percepção Ambiental em rios urbanos: o caso do Rio Capibaribe em São Lourenço da Mata -PE**. p.88. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco (UFP), Recife, 2015.

SAUER, C. O. **A Morfologia da Paisagem**. In: **PAISAGEM, TEMPO E CULTURA**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SICOOB CREDIVERTENTES (Campos das Vertentes). Abrindo ALAs para a inclusão. **Vertentes Cultural**, São Tiago, ano 5, ed. 11, p. 28-31, dez. 2018. Disponível em: https://www.sicoob.com.br/web/sicoobcredivertentes/publicacoes-credivertentes/-/document_library/O3r9u4hoQPtB/view/48376087. Acesso em: 03 ago. 2023.

SILVA, C. L. da. **Entre batismos, testamentos e cartas: as alforrias e as dinâmicas de mestiçagens em São João del-Rei (c.1750 – c.1850)**. 265 p. Tese (Doutoramento) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBDAVSEBA/1/tese_cristiano_lima_da_silva.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.

SILVA, D. R. L. **Mapeamento geológico da Zona de Cisalhamento do Lenheiro em São João Del Rei, Minas Gerais**. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4150/1/SILVA%2c%20D.R.L.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SILVA, L. F. **Educação ambiental crítica: entre ecoar e recriar**. . 197 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde28052009171742/publico/TESE.pdf>. Acesso 29 nov.2023.

SOUZA, J. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4411236/mod_resource/content/0/Jess%C3%A9-Souza-A-Elite-do-Atraso.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

SOUZA, L. F. de. As relações etnicorraciais na geografia escolar: desafios metodológicos e pedagógicos. **Revista Produção Acadêmica – Núcleo de Estudos Urbanos Regionais e Agrários/ NURBA**, vol. 2, n. 2, p. 04-19, dez. 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/producaoacademica/article/view/3120/9423>. Acesso em: 03 ago. 2023.

SOUZA, R. V. **Educação Ambiental: concepções e práticas de professores de escolas públicas de Ituiutaba-MG**. 2017. 100 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31766> . Acesso 14 jan.2024.

SUESS, R. C. Geografia Humanista e a Geografia Cultural: encontros e desencontros! A insurgência de um novo horizonte? **Élisée Revista de Geografia da Universidade Estadual de Goiás**, Porangatu, v.6, n. 2, p. 94-115, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/6999>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SUESS, R. C. Geografia Humanista, heterotopia e polivocalidade: novos percursos para o ensinar-aprender. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 14, n2, p. 01-24. 2018. DOI: 10.5216/rir.v14i2.52549. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/52549>. Acesso em 20 nov. 2023. <https://doi.org/10.5216/rir.v14i2.52549>

TRISTÃO, G. **A água como comum urbano em disputa: neoliberalismo na produção do espaço de São João Del-Rei**. João Del-Rei, 2022. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgeog/Dissertao_Gustavo_Tristo.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VALE, M. F. S. **Análise da Percepção dos Moradores da Serra de Jacobina em relação ao desenvolvimento do ecoturismo associado à educação ambiental**. 160 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9766/1/Dissert%20seg15.pdf>. Acesso em 05. dez.2023.

VIEIRA, F. S. **Paisagem e geografia cultural: a produção geográfica brasileira entre 2001 e 2020**. 135 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alfenas (UFA), Alfenas, 2022. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/1966>. Acesso 15 jan.2024.

WELKER, I. **Paulo Freire e as Infâncias: da Sombra das Mangueiras para o mundo**. 34 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS), Erechim, 2022. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/5978> . Acesso em: 27 dez.2023.

ZIPPINOTTI, D. P. **As formas simbólicas espaciais e a dinâmica da centralidade em Vitória: um espaço de análise**. 1985. 188 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 1985. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20e%20Teses/Geografia/UFES_PPGG_DANIEL_PITZER_ZIPPINOTTI.pdf . Acesso em: 05 dez.2023.

ANEXOS

ANEXO A



Prefeitura Municipal de São João del-Rei
Secretaria Municipal de Administração

DECRETO Nº 6.408, 14 de janeiro de 2016.

“Estabelece normas regulamentares para a gestão do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro e sua zona de amortecimento e, dá outras providências.”

Considerando que o Plano Diretor do Município de São João del-Rei, instituído pela Lei Municipal 4068/2006, estabeleceu como diretriz da Política Municipal do Turismo: a exploração turística do Parque Municipal da Serra do Lenheiro, bem como de outras unidades de conservação a serem criadas, respeitadas as diretrizes ambientais (Art. 24, V); como diretriz da Política Municipal de Cultura e Preservação do Patrimônio Cultural: delimitar fisicamente a área do Parque Municipal da Serra do Lenheiro, visando o controle do uso do espaço e evitando ocupações irregulares (Art. 38, X) e inseriu a Serra do Lenheiro na Zona de Proteção Ambiental do Município (art. 58, §1º);

Considerando o disposto na Lei Federal 9958/2000, que estabelece o Sistema Nacional de Unidades de Conservação;

O Prefeito Municipal de São João del-Rei, no uso de suas atribuições legais e, de conformidade com as leis em vigor, em especial o art. 67, Inciso VI, da Lei Orgânica do Município de 21/03/1990,

DECRETA:

Art. 1º - O Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro, criado pela Lei Municipal 3356/1998, tem área de 2.075.000 m², bem como zona de amortecimento de 4.973,13 ha, conforme descrição do anexo I.

Parágrafo Único: A demarcação, sinalização e o fechamento da área da unidade de conservação e sua zona de amortecimento deverão ser realizadas no prazo de 24 (vinte e quatro) meses a contar da publicação deste decreto.



Prefeitura Municipal de São João del-Rei

Secretaria Municipal de Administração

Art. 2º - O Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro é uma unidade de conservação de proteção integral, de uso indireto, que tem por objetivos:

- I - contribuir para a manutenção da diversidade biológica e dos recursos genéticos;
- II - proteger as espécies ameaçadas de extinção;
- III - contribuir para a preservação e a restauração de diversidade de ecossistemas naturais;
- IV - promover o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais;
- V - promover a utilização dos princípios e práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento;
- VI - proteger a paisagem natural de notável beleza cênica;
- VII - proteger as características relevantes de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica, histórica e cultural;
- VIII - proteger e recuperar recursos hídricos e edáficos;
- IX - recuperar e restaurar ecossistemas degradados;
- X - proporcionar meios e incentivos para atividades de pesquisa científica, estudos e monitoramento ambiental;
- XI - valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica;
- XII - favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico;
- XIII - promover social e economicamente a população residente no entorno.

Art. 3º - A zona de amortecimento do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro, tombada pelo Decreto nº 1654/1998, tem por objetivo a preservação da paisagem, ficando sujeita a normas e restrições específicas, com o propósito de também contribuir para minimizar os impactos negativos sobre a unidade.

Art. 4º - O ingresso e a visitação na área da segurança de propriedade do Exército Brasileiro se darão de acordo com as normas estabelecidas pelo Centro de Instruções e Operações de Montanha do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha do Exército Brasileiro.



Prefeitura Municipal de São João del-Rei

Secretaria Municipal de Administração

Art. 5º - O Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro disporá de estrutura administrativa compreendendo: direção, pessoal, material, orçamento e serviços.

Art. 6º - O Plano de Manejo do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro e de sua zona de amortecimento deverá ser elaborado no prazo de 36 (trinta e seis) meses a partir da publicação deste Decreto, devendo obedecer às seguintes diretrizes:

I - a utilização dos valores científicos e culturais do Parque impõe a implantação de programas interpretativos que permitam ao público usuário compreender a importância das relações homem-meio ambiente;

II - para recepção, orientação e motivação do público, o Parque disporá de Centro de Visitantes, onde se proporcionará aos visitantes oportunidades para bem aquilatar seu valor e importância;

III - o Centro de Visitantes poderá dispor de estacionamento, museu, salas e exposições e de exibições, onde se realizarão atividades de interpretação de natureza, com a utilização, de meios, audiovisuais, objetivando a correta compreensão da importância dos recursos naturais do Parque;

IV - para o desenvolvimento das atividades de interpretação ao ar livre, o Parque disporá de trilhas, percursos, mirantes e anfiteatros, visando a melhor apreciação da vida animal e vegetal;

V - As atividades desenvolvidas ao ar livre, os passeios, caminhadas, escaladas, contemplação, filmagens, fotografias, pinturas, piqueniques e similares, devem ser permitidos e incentivados, desde que se realizem sem perturbar o ambiente natural e sem desvirtuar as finalidades do Parque.

Art. 7º - O Plano de Manejo indicará detalhadamente o zoneamento de área total do Parque e sua zona de amortecimento que poderá, conforme o caso, conter no todo ou em parte, as seguintes zonas características:

I - Zona Intangível - é aquela onde a primitividade da natureza permanece intacta, não se tolerando quaisquer alterações humanas, representando o mais alto grau de preservação. Funciona como matriz de repovoamento de outras zonas onde já são permitidas atividades humanas regulamentadas. Esta zona é dedicada à proteção integral dos



Prefeitura Municipal de São João del-Rei

Secretaria Municipal de Administração

ecossistemas, dos recursos genéticos e ao monitoramento ambiental. O objetivo básico do manejo é a preservação garantindo a evolução natural;

II - Zona Primitiva - É aquela onde tenha ocorrido pequena ou mínima intervenção humana, contendo espécies da flora e da fauna ou fenômenos naturais de grande valor científico. Deve possuir as características de Zona de Transição entre a Zona Intangível e Zona de Uso Extensivo;

III - Zona de Uso Extensivo - É aquela constituída em sua maior parte por áreas naturais, podendo apresentar alguma alteração humana. Caracteriza-se como uma zona de transição entre a zona

primitiva e zona de uso Intensivo. O objetivo do manejo é a manutenção de um ambiente natural com mínimo impacto humano, apesar de oferecer acesso e facilidade públicos para fins educativos e recreativos;

IV - Zona de Uso Intensivo - é aquela constituída por áreas naturais ou alteradas pelo homem. O ambiente é mantido o mais próximo possível do natural, devendo conter: centro de visitantes, museus, outras facilidades e serviços. O objetivo geral do manejo é o de facilitar a recreação intensiva e educação ambiental em harmonia com o meio.

V - Zona Histórico-Cultural - É aquela onde são encontradas manifestações históricas e culturais ou arqueológicas, que serão preservadas, estudadas, restauradas e interpretadas para o público, servindo à pesquisa, educação e uso científico. O objetivo geral do manejo é o de proteger sítios históricos ou arqueológicos, em harmonia com o meio ambiente.

VI - Zona de Recuperação - É aquela que contém áreas consideravelmente alteradas pelo homem. Zona provisória, uma vez restaurada, será incorporada novamente a uma das zonas permanentes. As espécies exóticas introduzidas deverão ser removidas e a restauração deverá ser natural ou naturalmente agilizada. O objetivo geral de manejo é deter a degradação dos recursos ou restaurar a área.

VII - Zona de Uso Especial - É aquela que contém as áreas necessárias à administração, manutenção e serviços do Parque Nacional, abrangendo habitações, oficinas e outros. Estas áreas serão escolhidas e

Rua Ministro Gabriel Passos, nº199, Centro - São João del Rei - MG Telefone (32) 3379-2903 /2910.



Prefeitura Municipal de São João del-Rei
Secretaria Municipal de Administração

controladas de forma a não conflitarem com seu caráter natural e devem localizar-se, sempre que possível, na periferia do Parque Nacional. O objetivo geral de manejo é minimizar o impacto de implantação das estruturas ou os efeitos das obras no ambiente natural ou cultural do Parque.

Art. 8º - Não serão permitidas no interior do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro as seguintes atividades:

I - Ingresso e permanência de visitantes portando armas, materiais ou instrumentos destinados à corte, caça, pesca ou quaisquer outras atividades prejudiciais à fauna e à flora.

II - A instalação ou afixação de placas, tapumes, avisos ou sinais, quaisquer outras formas de comunicação audiovisual ou de publicidade que não tenham relação direta com o programa interpretativo do Parque.

III - O abandono de lixo, detritos ou outros materiais, que maculem a integridade paisagística, sanitária ou cênica ou que possam causar degradação ambiental.

IV - A prática de qualquer ato que possa provocar a ocorrência de incêndio.

V - A realização de trilhas com veículos motorizados.

VI - Atividades minerais ou que implique em consumo, coleta, dano ou destruição dos recursos naturais.

Parágrafo único - Qualquer dano à unidade de conservação ou sua zona de amortecimento deverá ser imediatamente comunicado ao Ministério Público do Estado de Minas Gerais para providências cabíveis, inclusive aplicação do art. 40 da Lei 9605/98.

Art. 9º - A administração do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro fica a cargo da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Sustentabilidade, que deverá nomear gerente e guarda-parques para a unidade de conservação.

Art. 10 - O Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro contará com Conselho Deliberativo com o objetivo de:

I - acompanhar a elaboração, implementação e revisão do Plano de Manejo da unidade de conservação e sua zona de amortecimento, garantindo o seu caráter participativo;



Prefeitura Municipal de São João del-Rei

Secretaria Municipal de Administração

II - buscar a integração da unidade de conservação com as demais unidades e espaços territoriais especialmente protegidos e com seu entorno;

III - esforçar-se para compatibilizar os interesses dos diversos segmentos sociais relacionados com a unidade;

IV - avaliar o orçamento da unidade e o relatório financeiro anual elaborado pelo órgão executor em relação aos objetivos da unidade de conservação;

V - manifestar-se sobre obra ou atividade potencialmente causadora de impacto na unidade de conservação, em sua zona de amortecimento, mosaicos ou corredores ecológicos;

VI - propor diretrizes e ações para compatibilizar, integrar e otimizar a relação com a população do entorno ou do interior da unidade, conforme o caso.

Parágrafo único - O Regimento Interno do Conselho deverá ser elaborado no prazo de 90 (noventa) dias a partir da sua instalação.

Art. 11 - O Conselho Deliberativo do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro será presidido pelo órgão executor e contará com 12 (doze) membros titulares, com respectivos suplentes, representantes dos seguintes órgãos ou associações, de forma paritária:

I - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Sustentabilidade;

II - Secretaria Municipal de Cultura e Turismo;

III - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural;

IV - Corpo de Bombeiros Militar;

V - Polícia Militar de Meio Ambiente;

VI - Exército Brasileiro;

VII - Instituto Estadual de Florestas;

VIII - Universidade Federal de São João del-Rei;

IX - Instituto Federal Tecnológico;

X - Brigada I;

XI - ONG Atuação e

XII - Associação de Guias de Turismo.



Prefeitura Municipal de São João del-Rei

Secretaria Municipal de Administração

§ 1º - O Conselho Deliberativo será instalado, com posse dos respectivos membros, no prazo de sessenta dias a partir da publicação deste Decreto.

§ 2º - O Vice-Presidente do Conselho será eleito entre os representantes da sociedade civil.

Art. 12 - O mandato do conselheiro é de dois anos, renovável por igual período, não remunerado e considerado atividade de relevante interesse público.

Art. 13 - A reunião do conselho da unidade de conservação deve ser pública, com pauta preestabelecida no ato da convocação e realizada em local de fácil acesso.

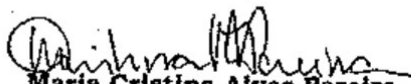
Art. 14 - Deverá ser realizada a inscrição do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro no Cadastro Estadual de Unidades de Conservação no prazo de 180 dias a contar da publicação deste Decreto.


Art. 15 - Os casos omissos serão objetos de decisão do Conselho Deliberativo.

Art. 16 - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução deste Decreto pertencer, que o cumpram e façam cumprir, tão inteiramente como nele se contém.

Prefeitura Municipal de São João del-Rei, 14 de janeiro de 2016.


Maria Cristina Alves Pereira
 Vice-Prefeita Municipal


Ronaldo Galvão Cipriani
 Secretário Municipal de Administração




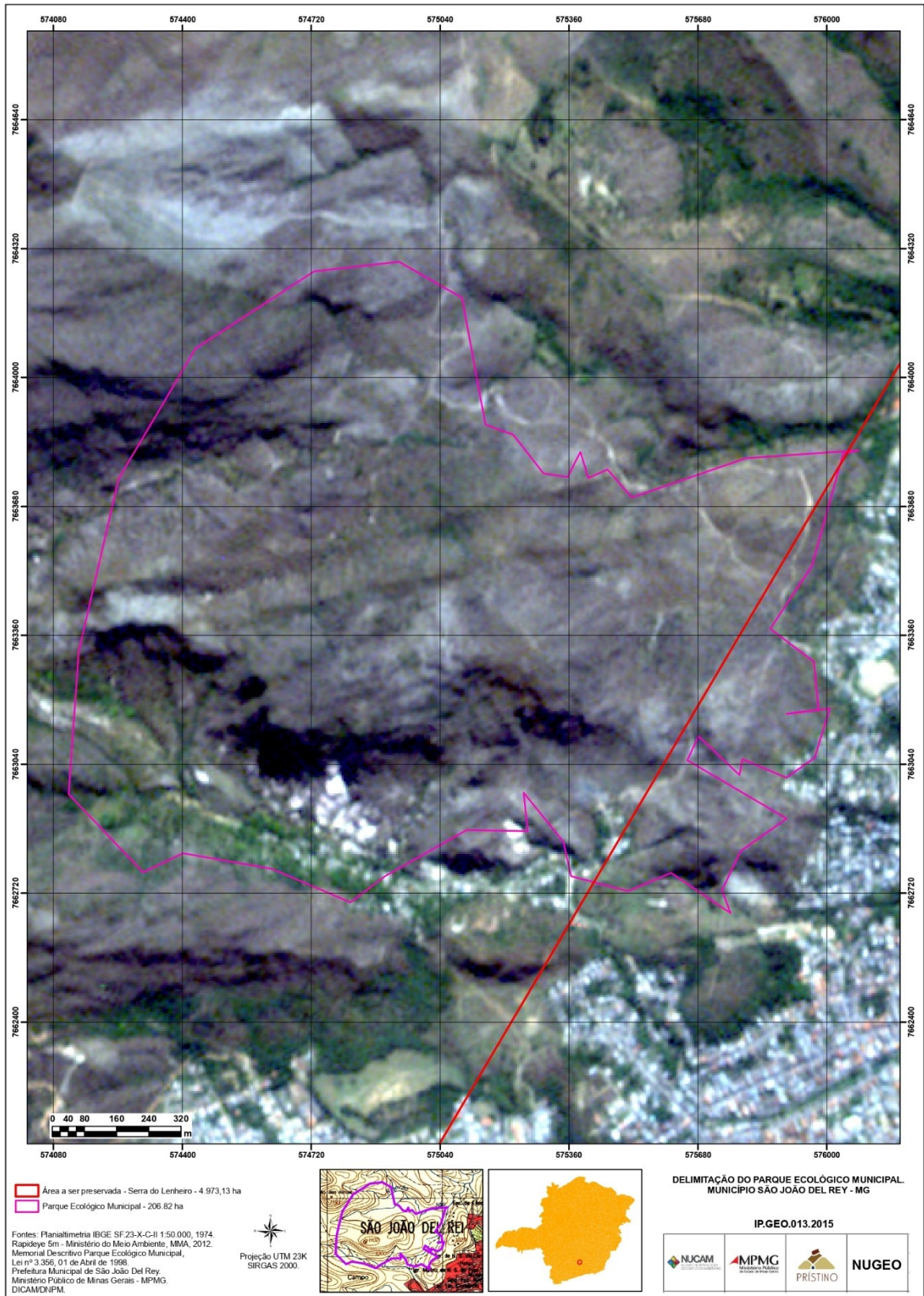
Prefeitura Municipal de São João del-Rei
Secretaria Municipal de Administração

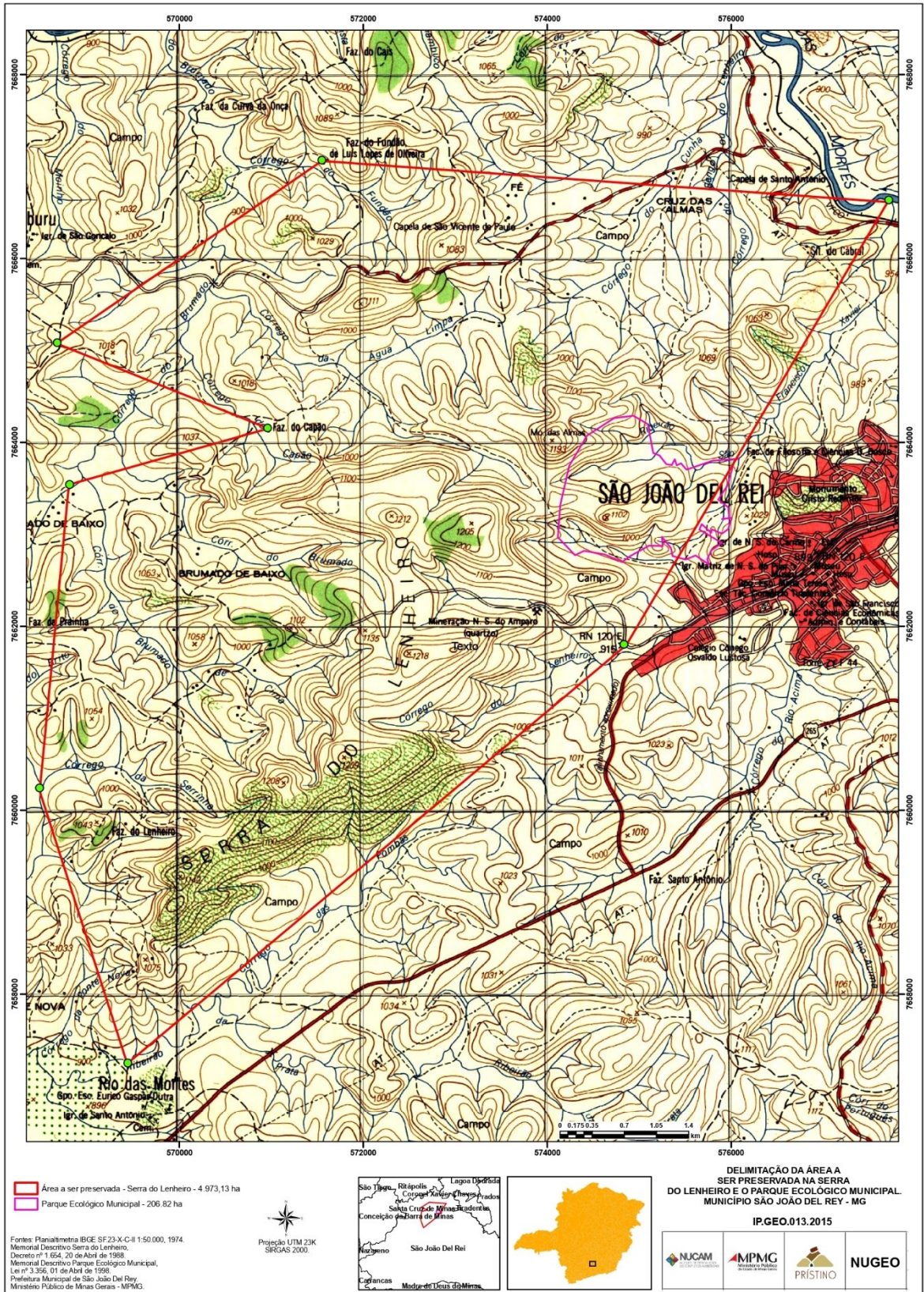
CERTIDÃO DE PUBLICAÇÃO

Certificamos que o Decreto nº 6.408, de 14 de janeiro de 2016, que **“Estabelece normas regulamentares para a gestão do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro e sua zona de amortecimento e dá outras providências”**, estará afixado no Quadro de Avisos localizado no Saguão da Prefeitura Municipal de São João del-Rei, ou no site da Prefeitura do referido Município, no período de 14 de janeiro de 2016 a 15 de fevereiro de 2016, conforme determina o Art. 96, da Lei Orgânica do Município.

Prefeitura Municipal de São João del-Rei, 14 de janeiro de 2016.


Ronaldo Galvão Cipriani
Secretário Municipal de Administração





ANEXO B



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FORMULÁRIO DA PESQUISA (PROFESSORES)

Pró-Reitoria de Graduação

Diretoria de Ensino

Orientanda: Maisa Dos Santos

Orientadora: Maria Beatriz Junqueira Bernardes

FORMULÁRIO DA PESQUISA (PROFESSORES)

I. CONHECENDO MELHOR O PROFISSIONAL E SUA REALIDADE

IDENTIDADE

01. IDADE

- | | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Até 25 anos | <input type="checkbox"/> 26 a 30 anos | <input type="checkbox"/> 31 a 35 anos |
| <input type="checkbox"/> 36 a 40 anos | <input type="checkbox"/> 41 a 45 anos | <input type="checkbox"/> 46 a 50 anos |
| <input type="checkbox"/> 51 a 55 anos | <input type="checkbox"/> 56 a 60 anos | <input type="checkbox"/> Acima de 60 anos |

02. SEXO

- | | |
|-----------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Feminino | <input type="checkbox"/> Masculino |
| <input type="checkbox"/> Outro | <input type="checkbox"/> Prefiro não dizer |

II. PERCURSO ACADÊMICO E PROFISSIONAL

03. Qual sua formação profissional?

- Magistério
 - Graduação Completa (licenciatura plena).
Qual? _____
 - Graduação Incompleta (licenciatura curta). Qual? _____
 - Especialização. Qual? _____
 - Mestrado. Qual? _____
 - Doutorado. Qual? _____
04. Trabalha como professor (a) há quanto tempo?
- Menos de 2 anos
 - 2 a 3 anos
 - 4 a 6 anos
 - 7 a 10 anos
 - Mais de 11 anos
05. Nos últimos dois anos você participou de:
- Cursos de capacitação
 - Congressos
 - Seminários
 - Encontros
 - Outros. Cite: _____

III. **Análise da Percepção Ambiental da Serra do Lenheiro**

Análise das Atitudes

06. Você considera necessário a elaboração de um material didático específico para a implantação do projeto sobre Educação Ambiental na escola?

SIM

Não

07. De que maneira a Universidade poderá contribuir para a formação continuada, especialmente para a tomada de consciência sobre as questões socioambientais?

Minicursos

Palestras

Cursos de extensão

Cursos de capacitação

Outros

08. Quais temas, você gostaria de trabalhar na implantação de projeto sobre educação ambiental na sua escola? _____

09. Você já trabalhou ou trabalha atualmente com algum projeto sobre a Serra do Lenheiro nesta escola?

SIM

NÃO

Nome do projeto/atividade: _____

Este (a) projeto/atividade é:

Disciplinar

Interdisciplinar

Tema/assunto

trabalhado: _____

Onde está sendo ou foi desenvolvido o trabalho?

Na própria escola, em sala de aula

Na Serra do Lenheiro

Na comunidade

Outro local. Qual: _____

Dificuldades encontradas: _____

Análise das valorações ambientais

10. O que você gosta/ e não gosta na Serra do Lenheiro?

Do ambiente natural da fauna e da flora., e os aspectos históricos e culturais. Gosto Não Gosto

Estrutura atual da Serra (sem guarda-parque, portaria, orientações sobre a unidade de conservação). Gosto Não Gosto

Queimadas, erosão nas trilhas, poluição dos rios incluído o Córrego do Lenheiro, o desleixo por parte do poder público. E a criminalidade em torno da Serra. Gosto Não Gosto

Análise dos Significados

11. Como é a Serra do Lenheiro para você? Qual a sua importância para você para a cidade?

ANEXO B



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Nem tudo que reluz é ouro:
Dos símbolos coloniais da Serra do Lenheiro para a sua percepção ambiental.

Pesquisador: Maria Beatriz Junqueira Bernardes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 69394623.6.0000.5152

Instituição Proponente: Instituto de Geografia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.097.116

Apresentação do Projeto:

Este parecer trata-se da análise das respostas às pendências do referido projeto de pesquisa.

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos documentos Informações Básicas da Pesquisa nº 2126339 e Projeto Detalhado (ProjetoModificado.pdf), postados em 31/05/2023.

INTRODUÇÃO

"Os estudos que buscam compreender a relação entre o ambiente e os seres humanos vem, cada vez mais, ganhando espaço nas pesquisas acadêmicas. Sendo a percepção ambiental um dos caminhos viáveis para compreender a relação entre o homem e o meio que se estabelece no espaço. Por esse motivo, a percepção ambiental é a base teórica para a construção desta pesquisa, que tem como objetivo geral compreender os significados atribuídos aos elementos naturais e culturais que compõem a paisagem da Serra do Lenheiro, São João del-Rei, MG e, como objetivos específicos: (1) descrever os elementos naturais e simbólicos e seus significados na Serra do Lenheiro; (2) Analisar as percepções dos professores sobre a Serra do Lenheiro; (3) Identificar os anseios dos docentes sobre a implantação de projeto sobre Educação Ambiental na escola. Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, ficou estabelecido que para tal, o método

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.097.116

escolhido é a fenomenologia, trabalhando junto com os conceitos da Geografia Cultural Humanista para interpretação geográfica da categoria de análise seccionada (Lugar e Paisagem). Na busca por conhecer o Lugar na Serra como um ambiente vivido, o qual pode ser reconhecido com um símbolo carregado de significados. E, a partir da interação estabelecida entre a população local e os elementos da Serra, defender esta como símbolo carregado de significados, histórias, crenças e lendas na paisagem do município de São João del-Rei. Logo, para alcançar os objetivos estabelecidos, a dissertação estará estruturada em quatro seções, sendo que a primeira faz a construção do pensamento referente à fenomenologia, posteriormente os conceitos da Geografia Cultural Humanista são utilizados para compreender os conceitos de lugar e paisagem na Serra, a partir da interação entre comunidade e Serra pela cultura. A seção três, no seu desenvolvimento, tem como metodologia uma entrevista semiestruturada a ser aplicada para os participantes da pesquisa; neste trabalho sendo selecionado os professores do Ensino Fundamental II da Escola Estadual lago Pimentel e a coordenador (a) pedagogo(a) da escola, a fim de verificar como os docentes abordam a discussão e quais são as percepções, atitudes e valores que eles têm com relação à Serra do Lenheiro. Visto que o objetivo final desta pesquisa é propor à escola a implantação de um projeto de Educação Ambiental, a qual terá como recurso pedagógico um material didático elaborado a partir da presente pesquisa.”.

METODOLOGIA

(A) Pesquisa/Estudo - “A dissertação estará estruturada em quatro seções, sendo que a primeira faz a construção do pensamento referente à fenomenologia, posteriormente os conceitos da Geografia Cultural Humanista são utilizados para compreender os conceitos de lugar e paisagem na Serra, a partir da interação entre comunidade e Serra pela cultura. A seção três, no seu desenvolvimento, tem como metodologia uma entrevista semiestruturada a ser aplicada para os participantes da pesquisa; neste trabalho sendo selecionado os professores do Ensino Fundamental II da Escola Estadual lago Pimentel e a coordenador (a) pedagogo(a) da escola, a fim de verificar como os docentes abordam a discussão e quais são as percepções, atitudes e valores que eles têm com relação à Serra do Lenheiro. Visto que o objetivo final desta pesquisa é propor à escola a implantação de um projeto de Educação Ambiental, a qual terá como recurso pedagógico um material didático elaborado a partir da presente pesquisa”.

(B) Tamanho da amostra - 26 professores do Ensino Fundamental II da Escola Estadual lago

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLANDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.097.116

Pimentel e a coordenador (a) pedagogo(a) da escola, sendo um total de 27 participantes.

(C) Recrutamento e abordagem dos participantes – Durante Roda de conversa, intitulada: “Um diálogo de saberes, para a construção de uma Educação Ambiental para a Escola Estadual Iago Pimentel”

(D) Local e instrumento de coleta de dados / Experimento – Escola Estadual Iago Pimentel- São João Del Rei/MG.

A escolha pelas turmas do ensino fundamental II, justifica se por ter como critério a Base Nacional Comum Curricular - BNCC da disciplina de Geografia, os temas programados para serem trabalhados nas turmas do 6º ao 9º estão em concordância com os temas a serem pesquisados na Serra do Lenheiro e trabalhados na elaboração do material didático. Vejamos a abaixo algum dos conteúdos programados, selecionados para serem trabalhados no material didático: O 6º Ano foi escolhido por trabalhar com as seguintes habilidades: (EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. (EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários. (EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. (EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais. (EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades. Já as turmas do 7º foram selecionadas por trabalhar com as seguintes unidades temáticas: O sujeito e seu lugar no mundo, e Conexões e escala que visa trabalhar as ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil e a formação territorial do Brasil. E por fim, a unidade temática Natureza, ambiente e qualidade de vida visando estudar a Biodiversidade Brasileira. O 8º Ano foi selecionada por trabalhar com a seguinte unidade temática: natureza, ambiente e qualidade de vida cujo objetivo é.”

(E) Metodologia de Análise de Dados - Os dados coletados serão analisados da seguinte forma: O Bloco I: Intitulado como Identificação, está dividido em duas perguntas, sexo e idade do participante da pesquisa. Os dados obtidos sobre a idade será expressado em forma de tabela construída no Excel. E os dados sobre sexo serão demonstrados e analisados em forma de gráfico. O Bloco II:

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.097.116

Nomeado de Percurso Acadêmico e Profissional, contém três perguntas nas quais serão analisadas da seguinte forma, as questões “qual sua formação profissional?” e “trabalha como professor (a) há quanto tempo?” serão analisadas em tabelas construídas no Excel, respectivamente. E a última pergunta que compõe este bloco, sobre a capacitação profissional, os dados obtidos serão apresentados e analisados em forma de gráfico. O modelo de gráfico escolhido para analisar é o de setor. Os dados serão analisados de acordo com a porcentagem das respostas. E por fim, o Bloco III: Designado Análise da Percepção Ambiental da Serra do Lenheiro é constituído por seis perguntas. As perguntas “Quais temas, você gostaria de trabalhar na implantação de projeto sobre educação ambiental na sua escola?” e “Como é a Serra do Lenheiro para você? Qual a sua importância para você para a cidade?” são abertas e os dados serão analisados e apresentados em formato de quadro. No quadro com o objetivo de preservar a identidade do participante, os nomes serão substituídos por nomes fictícios do tipo (P1, P2, P3). A análise das outras quatro perguntas que compõem o bloco III, serão feitas por meio da construção de gráficos no Excel, de acordo com as respostas obtidas.

(F) Desfecho Primário e Secundário – “Após aplicação da entrevista semiestruturada os dados serão analisados, e o objetivo é que material possa contribuir para a elaboração da última etapa da dissertação, a seção IV, que têm como objetivo específico propor a implantação de um projeto sobre Educação Ambiental na escola, juntamente com um material didático para o apoio pedagógico, tendo a Serra do Lenheiro um dos temas a serem abordados. Assim, a elaboração do material didático contará com a percepção ambiental dos participantes da pesquisa para com a Serra”.

(G) Hipótese - “(H1) Existe Lugares carregados de significados, sentimentos, crenças e histórias que constituem a paisagem da Serra do Lenheiro.(H2) A Paisagem da Serra do Lenheiro é um símbolo para a cidade de São João del-Rei, Minas Gerais construída pelos diversos significados, crenças, histórias atribuídas ao Lugar.(H3) A Paisagem da Serra do Lenheiro desperta diferentes percepções ambientais.”.

CRITÉRIO DE INCLUSÃO - “Docentes da Escola Estadual Professor Iago Pimentel. Docentes que lecionam para o Ensino Fundamental II Anos Finais (6º ao 9º ano).

CRITÉRIO DE EXCLUSÃO - Serão excluídos da amostra, todos os docentes que não lecionam para o

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.097.116

Ensino Fundamental II.

CRONOGRAMA – 15/07/2023 a 30/09/2023.

ORÇAMENTO – Financiamento próprio R\$ 2.815,20.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO - Descrever os elementos naturais e simbólicos e seus significados na Serra do Lenheiro; Analisar as percepções dos professores sobre a Serra do Lenheiro; Identificar os anseios dos docentes sobre a implantação de projeto de Educação Ambiental na escola.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS - Para a realização deste trabalho, existem riscos em relação a identificação dos participantes da pesquisa e desconforto ao compartilhar informações pessoais e de suas práticas cotidianas com a Serra do Lenheiro. Entretanto, ressalta-se que o risco é mínimo de identificação dos participantes da pesquisa, pois não serão identificados em nenhuma das fases de execução do estudo e na publicação dos resultados.

BENEFÍCIOS - Conhecer as percepções ambientais sobre a Serra do Lenheiro e relacioná-la à elaboração de um material didático no qual poderá assegurar um importante avanço no que diz respeito ao ensino das questões relacionadas a Serra do Lenheiro em sala de aula. Em médio prazo, após a elaboração do material didático referente a Serra do Lenheiro esse pode ser trabalhado em sala de aula como um recurso didático, de forma a contribuir para o ensino dos alunos em temas relacionados às questões ambientais, e trazer aos alunos a história e a cultura da sua cidade ou, mais especificamente do bairro onde fica situada à escola. Outro ponto benéfico é que, pode despertar nos profissionais de ensino o interesse pela conservação e a valorização da Serra, passando essas atitudes aos alunos. Pensando a longo prazo, após o conhecimento adquirido sobre a Serra do Lenheiro, tanto o aluno como o docente podem contribuir com práticas que busquem a conservação da Serra. Assim, seria uma via de mão dupla, ou seja, o aluno ganha no ensino trazendo a Serra para a sala de aula e a Serra ganha novos aliados na busca por sua conservação.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.097.116

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As pendências listadas no Parecer Consubstanciado nº 6.086.378, de 29 de maio de 2023, e atendidas, seguem abaixo, bem como a resposta da equipe de pesquisa e a análise feita pelo CEP/UFU.

Pendência 1 - O pesquisador não informa os procedimentos para entrada no Campo. Primeiro contato com os participantes. O CEP/UFU solicita que seja informado os procedimentos para entrada no Campo. Primeiro contato com os participantes. Adequar no Formulário Plataforma Brasil e no Projeto Detalhado.

RESPOSTA - “[...] A pendência identificada foi solucionada no projeto detalhado, conforme descrito abaixo em negrito. A pendência foi solucionada no item “6.1 Metodologia – Da aplicação da entrevista semiestruturada ao participante da pesquisa” no projeto detalhado na página 23, o trecho alterado está em destaque na cor vermelha, conforme orientações da plataforma Brasil. Antes da aplicação da entrevista semiestruturada, o primeiro contato com os participantes da pesquisa acontecerá por meio de uma roda de conversa, intitulada: “Um diálogo de saberes, para a construção de uma Educação Ambiental para a Escola Estadual lago Pimentel” que será realizada em um dos módulos, que ocorre na escola nos dias de quinta-feira, a cada quinze dias no horário das 17:40 às 21:40. A roda de conversa será ministrada pela pesquisadora Maisa dos Santos (membro da pesquisa) e terá como convidado Marcelo Henrique do Nascimento que é ex-aluno da Escola Estadual lago Pimentel e morador do bairro Tijuco onde está situada a escola e parte do limite físico da Serra do Lenheiro. O convidado para a roda de conversa é formado em Geografia Licenciatura, pela Universidade Federal de São João Del-Rei, Minas Gerais. Além de ter sido aluno da escola, é frequentador das trilhas da Serra do Lenheiro desde a infância. A pesquisadora Maisa dos Santos (membro da pesquisa) ficará responsável por conduzir a roda de conversa trazendo dados científicos sobre a Serra do Lenheiro. O objetivo da roda de conversa é apresentar ao participante da pesquisa a Serra do Lenheiro, e dialogar sobre a importância da implantação de um projeto de Educação Ambiental na escola. Os principais temas a serem trabalhados na roda de conversa está, a Educação Ambiental, Serra do Lenheiro, Pertencimento, Conservação e Ensino, a duração da roda de conversa tem previsão de uma hora e meia, já que cada módulo tem duração de quatro horas. A roda de conversa será descrita na metodologia da dissertação como primeiro contato com o participante da pesquisa. Seguindo o cronograma da pesquisa, o segundo contato com os participantes da pesquisa é a aplicação da entrevista semiestruturada.[...]”

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLANDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.097.116

ANÁLISE DO CEP/UFU - Pendência atendida.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos estão adequados às orientações do CEP/UFU.

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apontadas no Parecer Consubstanciado nº 6.086.378, de 29 de maio de 2023, foram atendidas. Portanto, nessa versão o CEP/UFU não encontrou nenhum óbice ético.

De acordo com as atribuições definidas nas Resoluções CNS nº 466/12, CNS nº 510/16 e suas complementares, o CEP/UFU manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa.

Prazo para a entrega do Relatório Final ao CEP/UFU: FEVEREIRO/2024.

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DE PESQUISA DEVE SER INFORMADA, IMEDIATAMENTE, AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE ÉTICA.

O CEP/UFU alerta que:

a) Segundo as Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16, o pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

b) O CEP/UFU poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.097.116

documentação pertinente ao projeto;

c) A aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento às Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16 e suas complementares, não implicando na qualidade científica da pesquisa.

ORIENTAÇÕES AO PESQUISADOR:

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização e sem prejuízo (Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, na íntegra, por ele assinado.

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado pelo CEP/UFU e descontinuar o estudo após a análise, pelo CEP que aprovou o protocolo (Resolução CNS nº 466/12), das razões e dos motivos para a descontinuidade, aguardando a emissão do parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Resolução CNS nº 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro); e enviar a notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) apresentando o seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, destacando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. No caso de projetos do Grupo I ou II, apresentados à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador também deve informá-la, enviando o parecer aprobatório do CEP, para ser anexado ao protocolo inicial (Resolução nº 251/97, item III.2.e).

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.097.116

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2126339.pdf	31/05/2023 14:25:55		Aceito
Outros	cartaresposta.pdf	31/05/2023 14:24:38	Maria Beatriz Junqueira Bernardes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoModificado.pdf	31/05/2023 14:17:34	Maria Beatriz Junqueira Bernardes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/05/2023 13:29:57	Maria Beatriz Junqueira Bernardes	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termodecompromisso.jpg	04/05/2023 12:48:34	Maria Beatriz Junqueira Bernardes	Aceito
Outros	CurriculoMariaBeatrizJunqueiraBernardes.pdf	01/05/2023 11:48:27	Maria Beatriz Junqueira Bernardes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoFinal.pdf	01/05/2023 11:45:36	Maria Beatriz Junqueira Bernardes	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	01/05/2023 11:44:15	Maria Beatriz Junqueira Bernardes	Aceito
Outros	Instrumentodecoletadedados.pdf	19/04/2023 14:37:09	Maria Beatriz Junqueira Bernardes	Aceito
Outros	CurriculoMaisadosSantos.pdf	19/04/2023 14:07:15	Maria Beatriz Junqueira Bernardes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Declaracao_da_instituicao_coparticipante_da_pesquisa.pdf	19/04/2023 14:04:47	Maria Beatriz Junqueira Bernardes	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 6.097.116

UBERLÂNDIA, 02 de Junho de 2023

Assinado por:
ALEANDRA DA SILVA FIGUEIRA SAMPAIO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br